Biblioteca de Ação Católica

VOL. I

ALCEU AMOROSO LIMA

(Tristão de Athayde)

pela Ação Católica

ED. DA BIBLIOTECA ANCHIETA

— RIO — 1935 —

NIHIL OBSTAT
Rio, 31-10-1935
Padre J. Baptista de Siqueira

IMPRIMA-SE
Rio de Janeiro, 31 de Outubro, 1935
Cgo. Francisco de Assis Caruso
p. c. de S. Emcia. o Sr. Cd. Arcebispo

Biblioteca de Ação Católica
VOL. I

ALCEU AMOROSO LIMA
(Tristão de Athayde)

pela Ação Católica

ED. DA BIBLIOTECA ANCHIETA
— RIO — 1935 —

Indice

PREFACIO

Recolho aqui escritos de varias epocas e de aspectos diferentes, reunidos todos, entretanto, por um laço comum — o espirito da ação católica.

Dois fenomenos pódem marcar a vida da Igreja, no Brasil, de ha cinco anos a esta parte:

a inclusão, na nova Carta Constitucional, das reivindicações atuais da conciencia católica brasileira;

e a mobilização dos leigos para a vida apostolica.

Do primeiro se ocupam em geral os artigos que reuno em outro volume, sob o titulo "Da Revolução á Constituição", e em que ficam palida mas honestamente registradas as atividades dispendidas naquele sentido pelos católicos brasileiros.

Neste volume procuro juntar tudo o que publiquei, durante estes ultimos anos, com relação mais direta á segunda especie de atividades. Pois, ao mesmo tempo que eramos solicitados a agir no campo legislativo, em virtude das circunstancias politicas do momento, — ouviamos tambem o tóque de reunir com que a Igreja nos chamava, a nós leigos, ao seu serviço. Era o inicio da mobilização de nossas forças para a Ação Católica, ainda não oficialmente organizada.

Só ha pouco, no glorioso dia de Pentecostes deste ano de 1935, é que o Episcopado Nacional em peso promulgou, para todo o Brasil, os estatutos oficiais da Ação Católica Brasileira.

Vai começar, portanto, uma nova fase para as nossas atividades. Vamos ter agora que encher esses quadros legais da Ação Católica. Vamos ter que animar essa estrutura, que já agora possuimos, para que o trabalho dos católicos, nesta fase dificil da civilização universal e da nossa historia nacional, se faça de modo eficiente e incorporado, como o exigem as necessidades da época e sobretudo o espirito da Igreja.

Os escritos que aqui hoje enfeixo, num corpo unico, pertencem á fase preparatoria da ação católica, no periodo de combinação de forças ainda dispersas. Representam, porventura, a passagem da ação *individual* dos Julio Maria, dos Felicio dos Santos, dos Jackson de Figueiredo, dos Carlos de Laet, para só falar nos nossos grandes desaparecidos. e das suas respectivas tentativas de formações associativas dispersas, — para o trabalho *corporativo,* uniforme, impessoal e não individual, em que as pessoas e as associações não desaparecem, por certo, mas se integram totalmente no corpo da Igreja, na subordinação vital á sua hierarquia, na conciencia honesta do trabalho em comum como membros do Corpo Mistico do Cristo.

Essa transição é que me parece representar o espirito da ação católica em nossos dias. E os escritos deste livro representam a *passagem* daquele espirito de atuação das grandes individualidades sobre o meio brasileiro e os proprios meios católicos — ao espirito de comunidade, de subordinação, de incorporação, de impessoalismo, em que as individualidades recebem mais do que dão, e deve caracterizar a nova fase em que vamos entrar, depois de oficialmente organizada como está a *Ação Católica Brasileira.*

Esse, a meu ver, é o sentido interior e atual, das paginas que se seguem. Deixo-as, por conseguinte, como documentos de uma fase de movimentação ainda dispersa de forças, que se processou com a morte desses grandes espiritos que iluminaram o catolicismo brasileiro no inicio deste seculo. E como preparatorias da nova ordem de formação que óra começa.

Dedico-as áquele que vem sendo o grande animador da Ação Católica Nacional e cuja obra é o laço de união entre essas tres fases da nossa vida católica presente — a das *grandes individualidades;* a da *mobilização de forças;* e a *corporativa,* em que vamos entrar. O Cardeal Leme, de fáto, é o chefe incomparavel que tem guiado a Igreja, no Brasil, em suas vicissitudes dos ultimos tempos. E tem sabido nesta fase dificilima, de transição politica, e de transição católica tambem, levar a Igreja no Brasil ao imenso prestigio de que hoje goza, sejam quais forem as sombras que nos cercam.

Aqui ficam, pois, estes escritos como modestos documentos para a historia futura da Igreja no Brasil, neste periodo de transição em que vivemos e nesta vigilia de novos tempos, de novos trabalhos, de novas lutas.

E o fazemos cada vez mais seguros de que só a conciencia profunda da nossa incorporação ao Cristo, e a vida vivida humildemente em união intima e constante com Ele, poderão salvar-nos das grandes trevas que cobrem os nossos horizontes e deixam em nossas almas o sentimento de que só a mais estrita docilidade á Providencia Divina nos pode conduzir através dos terriveis abrolhos em que navegamos, ao Porto Seguro e Final em que tudo se transfigura e se ilumina.

RIO — Setembro de 1935.

T. DE A.

I — Discurso ao Cardeal Leme

Na mensagem que Pio XI dirigiu ha pouco aos peregrinos de Lourdes, durante o triduo de orações que encerrou solenemente o jubileu da Redenção, disse o Santo Padre que tres condições são necessarias para que o mundo moderno alcance a paz tão suspirada: a *pureza dos costumes, a unidade dos espiritos e a concordia das almas.*

A pureza dos costumes, contra o *neo-paganismo* que invadiu toda a sociedade contemporanea e fere os homens na propria fonte de sua vitalidade.

A unidade dos espiritos, contra o *neo-liberalismo,* que multiplica os sistemas filosoficos contraditorios, estimula o espirito libertario contra todas as disciplinas e faz cada homem viver segundo os caprichos da sua fantasia e do seu arbitrio.

A concordia das almas, contra o *neo-belicismo,* o espirito de luta, de dissociação, de odio e de violencia, que separa os individuos, que divide as classes, que joga as nações umas contra as outras e ameaça subverter o mundo todo em tremendos conflitos de raças e quiçá de continentes.

É, portanto, o chefe visivel da cristandade, que nos indica a nós, seus filhos e seus milicianos, as condições essenciais dos nossos trabalhos, na hora tragica que vivemos. E é com os olhos voltados para Roma, centro do cristianismo, e com o pensamento nessas tres sentenças lapidares, sumula da firme orientação catolica neste momento de oscilações e in-

certezas, que vimos aqui prestar contas ao nosso chefe dos resultados desta Campanha Católica de cooperação e boa vontade.

*
* *

Logo no seu inicio tive ocasião de acentuar nitidamente que não se tratava apenas de esforços em beneficio de uma associação isolada, de uma só instituição. Do mesmo modo que a oração catolica por excelencia é a oração social — tambem a ação catolica por natureza é ação cooperativa. E por isso mesmo empreendemos esta Campanha com os olhos fitos em todas as obras que se integram na vida catolica desta Diocese, sob a sabia e imediata orientação de seu chefe comum, em cujas mãos de pai e de pastor se enfeixa a unidade de toda a necessaria multiplicação de nossas atividades em obras variadas. E assim podemos afirmar que, acima do entusiasmo que desses dias inesqueciveis nos ficou, está o significado religioso dessa Campanha, feita toda ela sem esperança de qualquer recompensa de caracter humano e sim por amor d'Aquele que tudo pode pedir de nós porque tudo nos deu.

E moralmente, que demonstração extraordinaria de caridade nos deram, cada dia, esses grupos de senhoras, de moças e de moços tambem, numa emulação tocante de abnegação, de sacrificio, de absoluto desinteresse, passando os dias, e por vezes horas da noite, a bater em portas nem sempre abertas com delicadeza, e pedindo a pessoas que muitas vezes não mereciam beijar a sola dos seus sapatos; expondo-se ao cansaço, á ironia, ás intemperies, á incompreensão, a tudo, sem qualquer sombra de interesse individual, sem a minima expectativa de retribuições materiais. Que exemplo! E que lição!

Socialmente, tambem, quanto nos valeu essa campanha? Era a primeira vez que se empreendia qualquer coisa nesse genero e com esse caracter. E confesso que temia muito a falta de êxito, pela dificuldade de pedir a um publico heterogéneo para uma obra homogenea em seus principios explicitos e de sentido social e cultural, mas não de assistencia caridosa, como habitualmente, em seus fins.

Socialmente, portanto, representou essa Campanha uma verdadeira sondagem nesta acidentada costa em que navegamos, numa cidade excessivamente "maravilhosa", em que a beleza do cenario tanto concorre para uma vida facil e displicente da população. E o resultado foi uma surpresa. A percentagem de recusas ou de hostilidade, minima. E a maioria daqueles a quem nos dirigimos, mesmo indiferentes ou separados em materia de fé, soube compreender a necessidade imprescindivel da nossa atuação e trouxe-nos generosamente o seu apoio. Estou certo, pois, de que o exito da nossa campanha representa um elemento valioso para a extensão crescente das obras sociais catolicas nesta diocese, nos proximos anos e particularmente para a Universidade Católica, base vindoura de toda a nossa irradiação intelectual em todo o país. Devemos acentuar, finalmente, o relativo exito economico da nossa campanha, muito modesta sem duvida, em face das nossas necessidades, e dos recursos abundantes e misteriosos dos nossos inimigos, mas já promissora. O público, mesmo indiferente, começa a compreender que a Igreja tem uma função social de primeiro plano na hora que vivemos, independentemente de sua vida mistica, propriamente dita. E os preconceitos vão caindo em face da evidencia.

*
* *

Nosso propósito é, justamente, servindo á Ação Católica e só a ela, levar os principios da Razão, unida á Fé, ao seio da sociedade, afim de alcançar, neste recanto em que vivemos, a paz dos espiritos, por meio daquelas tres condições fundamentais a que alude o Santo Padre.

Tudo isso está no programa das diferentes associações filiadas á Coligação. Não irei aqui, nesta rapida pagina, renovar a análise já tantas vezes feita, embora ainda tão pouco conhecida, desses varios sectores de nossa ação social.

Se outras e consideraveis vantagens não tivesse alcançado nossa Campanha, bastava esse de uma divulgação mais ampla, na imprensa, ou em meios até hoje avessos á nossa atividade, daquilo que temos feito e pretendemos fazer — bastava isso para justificar tanto esforço dispendido por essas almas magnificas que durante esses dias tanto nos ajudaram.

Em tres meios sociais desejamos particularmente influir — entre os operarios, entre os estudantes, entre os intelectuais.

Foram os erros desses ultimos que provocaram, de modo todo particular, os males de que está sofrendo a sociedade moderna. Não podemos separar de modo algum o pensamento da realidade, as idéas da realização. Uma idéa é um ato em potencia. E o erro de uma filosofia da vida corrente no mundo moderno é que ás idéas se deve dar toda a liberdade de ação, limitando apenas o ambito das suas transformações em atos. Nós sabemos, ao contrario, que só artificialmente, e por pouco tempo, é possivel separar os dois momentos e que portanto é preciso agir sobre as

idéas para disciplinar os atos, pois é sobre as causas que devemos atuar para a modificação dos efeitos.

Visamos, portanto, trazer a ordem aos espiritos para alcançar a ordenação dos sentidos, ou seja essa *pureza dos costumes,* que reage contra a obcessão do impuritanismo, dogma dos mais estranhos, mas desgraçadamente dos mais correntes no seculo em que vivemos.

A espiritualização dos meios intelectuais brasileiros, primeiro dos nossos propositos, não é pois uma obra de alheamento social ou de simples culto da cultura, como se faz nos meios intelectuais agnosticos, e sim uma empresa de incalculavel alcance, tanto para o enriquecimento da propria inteligencia, como para a sua irradiação moral e social. Por isso tanto nos esforçamos na promoção de uma cultura superior, inspirada nos principios mais sadios da Razão e da Fé. E daí nossa atuação nos meios intelectuais.

Os outros dois redutos a que nos dirigimos tambem diretamente são os de estudantes e operarios. Em ambos estão latentes as grandes forças de amanhã. Forças de mocidade e de trabalho intelectual nos primeiros, de onde sairão as gerações que vão tomar a si a direção e a responsabilidade do Estado e da Patria em geral. Forças de trabalho material, de reserva moral, nos segundos, sobre as quais repousa a base economica de toda a nacionalidade e que constituem o cerne da patria, o povo bom das cidades e dos campos, a alma insatisfeita e trabalhada dos grandes centros industriais e a alma contente e forte dos chapadões e das encostas sertanejas.

A uns e a outros, vastamente representados no meio urbano em que operamos, pretendemos levar esses mesmos principios eternos que bebemos na sa-

bedoria da Igreja imortal e que irão servir para elevá-los á sua verdadeira dignidade humana, e ás grandes tarefas que a ambos incumbem na preparação da nova sociedade de amanhã.

Não é meu desejo, porém, esmiuçar pormenores, que longe nos levariam, sobre os propositos de intensificação crescente dos nossos trabalhos, da nossa atuação nesses tres meios sociais, todos diréta e intensamente visados pela propaganda dos nossos inimigos.

* * *

Mas quem são esses inimigos? Que perigos são esses que nos cercam e que exigem de cada um de nós o maximo de dedicação e, de todos, em conjunto, um esforço coordenado e tenaz?

Sabemos todos que o nosso maior inimigo habita dentro de nós mesmos, e justamente nessa natureza ferida, diminuida em suas forças e privada da graça substancial com que foi criada. E', pois, contra nossas proprias inclinações que devemos reagir, em primeiro logar, para corrigir nossas tendencias á conformidade, ao individualismo, á malquerença mesquinha que tolhe os melhores propositos e cerca nossas obras de uma rêde impalpavel de incompreensões e má vontade reciprocas.

Fóra de nós, mas dentro de nossas fronteiras, quantos males tambem a combater e defeitos a corrigir? Não creio que, por excessiva prudencia, seja melhor silenciá-los. Creio, ao contrario, que já somos bastante fortes e independentes, para podermos ser os primeiros a apontar desassombrada e reciprocamente nossas imperfeições, não para magoar ou diminuir, como o fazem os nossos inimigos, mas para corrigir e melhorar.

Fóra das nossas fronteiras, porém, é que se encontram os nossos maiores inimigos visiveis.

Quem não sabe que o reconhecimento de nossos direitos, pela nova Constituição de 16 de Julho, levantou contra nós o odio dos sectarios, dos adversarios da Igreja, do anti-clericalismo mesquinho, dos eternos descontentes? Quantas vezes ouvimos falar no "perigo clerical", na "intolerancia catolica", no "obscurantismo medieval" (até nisso...), e por espiritos que deviam medir mais suas palavras e ter uma noção mais rigorosa de suas responsabilidades?

Todo esse grupo de inimigos se reune numa frente já consideravel, de que nos devemos defender a cada momento, e se jogam contra nós pelo peso de inveterados mas dissipaveis preconceitos. E contra esses o maior esforço deve ser justamente a dissipação desses preconceitos que lhes impedem uma visão justa e objétiva do que somos e do que pretendemos.

Mas temos outro inimigo mais perigoso e organizado. E' de longe que lhe vêm os principios, os metodos de ataque e quiçá os recursos materiais. Mas é aqui mesmo que a sua força satanica se congrega para nos atacar. E a tática muda á medida das circunstancias. A principio era o ataque franco, sob o rotulo vermelho, desafiando a tudo e a todos. Agora, afivela a mascara na face, veste-se com os trajes da moda, adota um nome ambiguo e serve-se de armas encobertas. Mas o odio não se esconde. O veneno oculto aparece em cada mordedura da serpente. E a imprensa, assalariada pelos interesses dessas forças do mal e da destruição, cada manhã traz ao povo incauto a palavra má da calunia, da intriga, da difamação, da guerra civil.

Eis aí o nosso grande inimigo. Inimigo eterno de Deus, pois do Anjo decaído é que recebe, sem o

saber, os seus principios. E inimigo insaciavel, sedento do sangue, de todos os que se confessam batizados não só nas aguas do batismo, mas ainda no sangue da Redenção.

O grupo dos primeiros age por toda parte, difundido sob todas as aparencias. Aqui organiza uma Universidade, colocando, á testa das faculdades, que podem influir seriamente na direção moral e social dos moços, comunistas e anti-clericais, confessos e notorios. Adiante, esgueira-se nos grupos escolares, difamando os catolicos e atacando a Igreja. Por vezes combate na Camara as reivindicações catolicas, para depois fazer aos eleitores os mais rasgados propositos de fidelidade aos compromissos com a LEC. E outras vezes maromba entre a Igreja e a Maçonaria, lava as mãos na bacia de Pilatos e aguarda os acontecimentos... Assim vai esse grupo de amorfos e de ambiguos solapando sorrateiramente nossas construções, para servirem com menos risco á causa do mal, que secretamente defendem.

Mas ha tambem o grupo dos que combatem reunidos, formando um partido só, escrevendo num só jornal, obedecendo ao mesmo *mot d'ordre,* que lhes vem de fóra. E' o que tomou recentemente um nome ambiguo que esconde apenas a promessa de uma ditadura anti-brasileira e anti-cristã. Seu orgão de imprensa é o veículo quotidiano de todas as perfidias, o prègador perverso da guerra civil, do odio entre as classes, da violencia. E' o ninho da turma de bolchevistas burgueses, que vêm da literatura para a politica, seguindo a moda dos tempos e apostando sobre a vitoria vindoura do socialismo revolucionario. São esses os nossos inimigos declarados, a despeito de certas hipocrisias oficiais do partido, aliás por ninguem levadas a serio, de que não têm côr filosofica nem religiosa. Atacam diariamente a Igreja e os catolicos,

na sua triste tarefa de dividir o Brasil contra si mesmo, de arrancá-lo ás suas raizes espirituais, afim de entregá-lo mais facilmente, de mãos e pés atados, á tiranía cosmopolita de Moscou.

Esses inimigos, não mais dispersos e furta-côr, mas unidos e ostensivos, prestam-nos um grande serviço. Apontando para eles, para o mal que estão fazendo, para a obra satanica de destruição e de anarquia que vai nascer de seu movimento, se puder livremente expandir-se: mostrando neles a face hedionda do Inimigo de todos os tempos, podemos mais facilmente despertar os que dormem e fazer-nos ouvidos dos surdos. E neles se realiza a sentença de Santo Agostinho, de que Deus permite o mal para dele tirar algum bem. E o bem que desses nossos inimigos podemos tirar não é apenas o fortalecimento das nossas convicções, pelo espectaculo que oferece o desastre de sua negação — mas ainda concorrer para que sejamos e estejamos cada vez mais unidos.

* * *

O espectaculo desse novo partido é eloquente. Como o seu nome indica, é de uma aliança que se trata. Aliança de todas as esquerdas, aliança de todas as forças contrarias ás afirmações morais e sociais, inspiradas nos principios da tradição historica, da politica nacional e da fé cristã.

Temos aí contra nós a frente unica do mal.

E só uma reação é possivel: *a frente unica do bem*. E' indispensavel a união num corpo só, numa só alma, num só espirito de todos aqueles que parcial ou totalmente possuem o conhecimento da Verdade. E' preciso que se juntem, sem preconceitos e com boa vontade, todos os que honestamente querem defender,

no Brasil, os principios morais que o formaram. A hora é de renuncia a todo o superfluo, de entendimento em torno das coisas essenciais. E' preciso que cada um de nós em particular, cada grupo, cada tendencia, faça o seu exame de conciencia, faça o balanço de suas forças e veja o que tem de comum com os demais, com aqueles que se encontram do mesmo lado da barricada, em defesa das coisas supremas e sagradas. Todos aqueles que afirmam ser Deus o principio e o fim de todas as coisas; todos aqueles que vêem na justiça a base de todas as relações juridicas, e na caridade o ápice das virtudes morais; todos os que reconhecem nos ensinamentos de Cristo o maior Codigo de vida para a humanidade; todos os que defendem a dignidade da pessôa humana intangivel; todos os que vêem na estabilidade da Familia a base de toda paz social; todos os que reconhecem na propriedade mais um dever que um direito; todos, enfim, quantos não aceitam nem a destruição do Lar, nem a destruição da Nacionalidade, nem a destruição da Igreja — prègadas pelo amoralismo, pelo cosmopolitismo e pelo anti-cristianismo dessa falsa "cultura" contemporanea — todos esses devem estar moralmente unidos, sem prejuizo de seus principios proprios, de suas finalidades distintas, de seus metodos peculiares de ação, na barreira a opôr á enxurrada da desordem e da destruição.

Essa frente unica do bem, sob as varias modalidades que pode assumir, no terreno politico, social, moral, ou intelectual, é uma das necessidades mais urgentes da hora que vivemos, em face da aliança descoberta que acabam de fazer as varias correntes esquerdistas dos nossos meios burgueses e proletários.

*
* *

A nós, em particular, porém, o que nos toca não é a ação politica, e sim a ação catolica. Somos soldados da Igreja e queremos ser apenas isto, pois a milicia de Jesus Cristo precisa dar hoje a Ele, acima de tudo, o maximo de sua dedicação. Somos soldados de Cristo, membros militantes do seu Corpo, participantes de seu Sangue Mistico. E nessa milicia, hoje em dia, a deserção é um crime de lesa Divindade. Por isso nos damos todos á Igreja imortal, á Igreja acima dos partidos, á Igreja acima dos regimens economicos, á Igreja acima das paixões e das lutas humanas.

Acima de tudo somos da Igreja e para a Igreja vivemos, pois ela é, por todos os tempos, a presença real do Verbo Divino, entre nós.

Somos da Igreja e para a Igreja vivemos, acima de tudo, pois nela está a salvação dos povos e a paz dos espiritos. Somos da Igreja e para a Igreja vivemos, acima de tudo, porque as soluções politicas ou culturais, propostas pelos homens sem fé e privados, portanto, da Graça Divina — são apenas um jogo efemero e pueril no desconcerto das finalidades contraditorias.

Como milicianos da Ação Catolica, isto é, da implantação social de Jesus Cristo, é que aqui estamos balanceando as nossas inquietações e mobilizando as nossas esperanças. Pois, na angustia dos dias que correm, vai a Providencia Divina amparando as nossas fraquezas com motivos de jubilo e de confiança.

Tivemos agora mesmo essa campanha, cujo encerramento solene hoje comemoramos, e que foi para todos nós um espectaculo maravilhoso de vida, de fraternidade, de serviço de Deus, sem reserva.

E temos, nesta Capital de uma imensa patria que nos ouve e espera de nós alguma coisa, a graça de possuir um Chefe, que hoje nos concede a honra de sua presidencia, como todos os dias nos dá a felicidade de sua direção, firme e suave, ao mesmo tempo e é a maior dadiva que a Providencia nos poderia ter concedido: o Cardeal Leme.

Homem de vida sobrenatural intensa, homem que nas horas das decisões mais graves vai para o altar, pois sabe que só na oração reside a força de toda a ação, homem de vida interior profunda e integrada na propria vida intima do Cristo — esse é tambem o homem que vem dando á ação da Igreja na sociedade brasileira, nos limites de uma intervenção rigorosamente moral e religiosa, o maximo de organização e de eficiencia.

Se o Brasil pôde atravessar esses anos de subversão politica profunda, sem descambar de todo para a esquerda e, ao contrario, fazendo de certo modo um retorno espantoso, nas conciencias e nas leis, aos principios cristãos que o modelaram, devemo-lo sem duvida alguma, a esse homem de Deus, instrumento visivel da Providencia entre nós.

Foi ele que salvou a vida de um Presidente alvejado pela multidão; foi ele que comunicou aos catolicos a confiança na volta á ordem legal; foi ele que definiu as exigencias minimas dos nossos direitos postergados; foi ele que conteve os nossos impetos de otimismo ou de participação exagerada nos acontecimentos, e por outro lado animou aos tibios nas horas incertas e tempestuosas. Foi o homem da confiança serena e da vitoria modesta. Foi o homem que salvou o catolicismo brasileiro dos imprevistos perigos de toda revolução politica, dando-lhe ao contrario — fóra da politica — um fervor e um fulgor como nunca teve e, no terreno politico, uma atuação social como nunca até hoje se vira.

Pois esse homem de oração e de vida sobrenatural é que ficará, na historia do catolicismo brasileiro, como o Cardeal da Ação Catolica.

Muitos sectores desse movimento, que é a vida mesma da Igreja na sociedade, já se acham organizados entre nós e por ele mesmo. Em breve, querendo Deus, a organização completa e nacional dessa Ação sobrenatural será a nossa grande, a nossa maior barreira contra a ressaca dissolvente que ameaça destruir o cáis de rocha viva de nossa Fé e de nosso bom senso brasileiro.

Que Deus abençôe esse chefe incomparavel, a cujos pés deposito, nesta reunião fraternal de todos os que se dedicaram á Campanha Social da Coligação, o feixe intangivel de nossos corações e, se dela precisar, a nossa vida.

1935.

II — Pai e Chefe

"O Brasil está tão perdido que só uma ação puramente catolica poderá ainda salvá-lo", escrevia a um amigo Jackson de Figueiredo, ha sete ou oito anos atrás.

O mesmo podemos repetir hoje, com crescidas razões. Só uma aliança real dos dois poderes, o espiritual e o temporal, poderá integrar em nossa vida social a ação nitidamente civilizadora da Religião. Essa aliança foi desvirtuada no Brasil pelo regalismo imperial de tal sorte que a Separação republicana foi, sob certos aspétos, uma libertação da Igreja.

Considerado o problema, porém, sob todas as suas faces, sabemos perfeitamente que essa Separação só póde aproveitar ás forças de dissolução nacional. A formação brasileira, ao contrario, está intimamente ligada á união constante entre as duas Autoridades, ás quais está afféta a orientação e coordenação dos dois factores fundamentais de nossa formação: o factor economico e o factor moral.

Ao Estado compete precipuamente a organização do *trabalho.*

A' Igreja compete precipuamente a organização da *familia.*

Basta a enunciação desses postulados sociais para vermos como um e outra não pódem andar divorciados, pois o problema da familia não é só um problema moral, é tambem um problema economico. Do mesmo modo que o problema economico é tambem um problema moral.

No plano social, portanto, o Estado e a Igreja trabalham para o mesmo fim, tanto mais quanto os dois problemas, — o do trabalho (fundamento material da sociedade) e o da familia (fundamento moral da sociedade) — reunem-se finalmente em um problema unico: o pedagogico. E no terreno da educação encontram-se mais uma vez a Igreja e o Estado como os colaboradores da mesma obra de formação do futuro da nacionalidade.

Essas indicações, que são elementares a toda conciencia catolica brasileira, nos mostram por si mesmas que papel consideravel não cabe aos bispos na obra de defesa e de construção de nossa personalidade coletiva.

Abrem-se cada vez mais nitidamente diante de nós dois caminhos, dois tipos de civilização: ou enveredamos pelo tipo néo-pagão, negando toda a capacidade de autonomia social e aceitando servilmente os modelos que nos chegam prontos dos Estados Unidos e da Russia — ou tomamos o caminho a que nos levam as nossas raizes, a nossa natureza intima, a nossa tradição real, e criamos um tipo nosso de civilização cristã.

Mais do que nunca estamos numa encruzilhada e teremos de optar. A dura necessidade de optar. A coragem dilacerada de optar. Bem sei de tudo isso, mas não nos cabe a escolha de nossa sorte. Somos uma geração de sacrificados. E toda recusa á opção... já é uma opção pelo caminho peor: o da entrega ao mais grave dos males que nos afligem, o cepticismo, a indiferença, a velhice prematura.

Eis em palavras sem véus o destino que nos aguarda e que a maioria dos nossos contemporaneos não quer ver. Uns porque pensam poder viver na eterna indistinção... Outros, porque desejam o néo-paganismo sem ousar ainda prègá-lo publicamente.

E a maioria porque é docil á madorna instintiva que ainda nos mantém enterpecidos.

Pois bem, o papel principal de um bispo, entre nós, — e é o que me vem á pena ao saudar a chegada desse nosso grande Bispo, que nos volta hoje aureolado de todo o prestigio de sua autoridade cardinalicia, unica em todo o universo, — o papel principal de um Bispo é principalmente o de despertador dessas energias adormecidas.

A ele compete arrancar-nos á madorna. A ele, a voz que nos indique o caminho, que nos arranque da encruzilhada. A ele, o verdadeiro comando. Um Chefe. Mais do que nunca o Bispo voltará a ser o verdadeiro guia. A soma formidavel de erros acumulados, o desastre do laicismo educativo, a indiferença natural da raça, a imprecisão de valores, a onda do mimetismo pagão que desaba sobre nós, a falta de doutrina entre os leigos, a deficiencia de clero, o veneno do liberalismo espalhado por todos os recantos — tudo isso e muita coisa mais nos leva a ver na figura do grande Bispo que Roma nos restitue empurpurado, não esse prestigio decorativo das solenidades e dos tropos retoricos, e sim a ação obscura, quotidiana incessante, indispensavel para arrancar-nos á inclinação fatal que nos vai arrastando á perfeita descristianização nacional.

E o Cardeal Leme é o homem que a Providencia talhou para esse fim. Um Pai e um Chefe. Um coração que irradia esse fluido subtil da bondade que só a Fé ardente e plena póde manter intacta como ele a revela ao minimo contacto de intimidade. E uma vontade que sabe impôr-se, sem dar na vista, que sabe conduzir sem mostrar que conduz, como toda verdadeira autoridade.

E' ardua a sua tarefa. Pois são tremendos os nossos males. Mas eu creio firmemente, fóra de qualquer

necessidade convencional de elogio, — que não cabe absolutamente num momento tão grave e decisivo de nossa vida, quando os maiores problemas da nacionalidade se revelam a nú, em toda rudeza de suas arestas frias e asperas — eu creio firmemente que D. Sebastião é o homem de que temos necessidade.

Raramente me tenho aproximado de uma criatura humana que tão intensamente me comovesse. E por mais arbitrarias que sejam essas impressões pessoais, confio muito nessas intuições obscuras do coração. E ele foi desses que desde o primeiro minuto de contacto se gravou profundamente em minha alma. E' um Pai e um Chefe, sem duvida alguma. E' aquele que sabe receber e consolar, como um Pai, e sabe mandar como um Chefe. A união dessas duas virtudes, tão raras de se ver fundidas harmoniosamente em uma alma humana, é que me faz confiante na ação desse grande Bispo que nos volta.

Não me interessa saudá-lo como Cardeal, como Principe, como Purpurado. Nem a ele interessam essas honras inuteis. O que vemos é o *homem de Deus,* o homem que conhece a sombra dos nossos corações, o homem que vem acompanhando de muito perto todos os males terriveis que nos envenenam, o homem que sabe quanto nos deve e quanto aguardamos ansiosamente de sua caridade de Pai e de sua vontade de Chefe.

Cada vez mais precisamos do Bispo vivo, do Bispo que esteja em contacto quotidiano com os grandes problemas da atualidade, do Bispo cuja voz se faça cada dia ouvir para a orientação dos homens desnorteados de nossos dias. Esse o grande papel do Bispo entre nós. Não precisamos de autoridades distantes, que pensam agir pelo simples prestigio de um cargo ou de um nome. Precisamos do homem de Deus entre os homens do mundo, que somos nós, perdidos

neste cáos em que nos debatemos. Precisamos do homem de Fé entre os homens mornos, que somos nós, nesta madorna desesperadora que entorpece a alma dos mais moços, dos mais sadios, dos que mais tinham obrigação de dar um pouco de si mesmo a esta pobre nacionalidade que se debate, não se sabe bem se de convulsões de infancia ou se de tremor senil.

Precisamos de um homem que seja ao mesmo tempo o Pai que serene os nossos desesperos prematuros e o Chefe, que levante as nossas energias precoces.

E é isso o que vejo em D. Sebastião Leme, o bispo vivo, o homem de Deus, o Pai e o Chefe.

1930.

III — Catolicismo burguês

A meu ver, uma das causas primordiais dos males de que sofre a sociedade contemporanea é a *concepção burguesa da vida.*

Por isso desejo agora fixar, por alguns momentos, a atenção do leitor, e a minha propria, sobre um dos aspétos ainda pouco estudados desse burguesismo moderno: sua atuação nos meios catolicos.

Comecemos por definir, ao menos nominalmente, o que entendemos por catolicismo burguês. Não é de modo algum o catolicismo tal como é praticado nos meios burgueses. Afirmar o contrario seria um erro e uma injustiça. Já tive ocasião de esclarecer que o sentido em que emprego o termo *burguesia* é muito diverso daquele em que o empregam os socialistas. Estes confundem, totalmente, a *classe* e o *espirito.* A burguesia, como classe, e a burguesia, como estado de espirito, são para eles uma só coisa.

Entendo, ao contrario, que são duas coisas distintas, capazes ou não de confundir-se na mesma pessoa. Póde-se pertencer á burguesia, sem ter o "espirito burguês", como é possivel possuir esse espirito sem pertencer á classe burguesa.

O catolicismo burguês, portanto, não é o catolicismo da burguesia — como seria se fosse verdadeira a confusão dos termos feita pelos socialistas. A Igreja não faz distinções de classes e sim de valores. Para ela não ha classes privilegiadas nem classes conde-

nadas, como ha para os feudais ou para os socialistas. Ha homens bons e máus em todas as classes. E, em todas elas, póde-se perder ou salvar a propria alma e as do meio em que atuamos.

O catolicismo da burguesia, portanto, não é inferior ao das outras classes. Póde-se mesmo dizer que é na burguesia que vamos encontrar, ha dois seculos, os mais ardentes e audazes defensores e propagadores da fé cristã.

No seio dessa burguesia, que ha seculo e meio domina o mundo moderno, formou-se, porém, esse estado de espirito particular, provocado pelo curso de idéas burguesas e democraticas, gerando em um numero consideravel de membros dessa classe um determinado "estado de espirito", que por ser da maioria da classe podemos chamar de *burguês.*

E esse estado de espirito burguês é que desejamos hoje examinar nos aspétos que assume entre os catolicos.

Varios sintomas nos revelam a contaminação desse mal terrivel nos meios catolicos e em muitos catolicos individualmente, que eu chamaria:

a diminuição das verdades,
a inibição das vontades.
o desperdicio das atividades,
a cumplicidade com os adversarios.

Analisemos rapidamente cada um desses aspétos do burguesismo catolico, que é, sem duvida, um dos toxicos mais perigosos que dissolvem os tecidos do nosso corpo religioso e mais dificultam a atuação da Igreja no mundo moderno.

DIMINUIÇÃO DAS VERDADES

Esse mal se manifesta logo pela mediocridade que a tudo comunica. A preocupação maxima do cato-

lico-burguês é não chocar a ninguem, o que em principio póde ser até muito louvavel. Mas leva essa preocupação a verdadeira mania. Procura dar o minimo de provas possiveis de sua fé. Condena o uso de qualquer distintivo. Acha que á missa só se deve ir aos domingos. E nos domingos só se deve ir a uma missa tardia, não só porque é mais comodo, mas ainda para não dar na vista. A missa cedo, para o catolico-burguês, é um sinal de *exagero*. Essa palavra é a que mais lhe acóde aos labios quando julga os que procuram honestamente atender aos seus deveres, com um pouco de espirito apostolico. Para o marido catolico-burguês que vê a mulher ir a circulos de estudos, pertencer á L. F. A. C., frequentar cursos, tudo isso é um "exagero", que póde tolerar por condescendencia, mas não póde compreender. E assim se dá em todas as familias de espirito-burguês, onde algum membro tem o topete de romper com esses tabús, que tanto mal têm causado. O catolicismo, nesses ambientes, assume um aspéto puramente convencional. E' um habito como outro qualquer. Batizam-se as crianças que nascem, (quando essa "catastrofe" cái sobre um lar - burguês, atrapalhando-o por alguns mêses...), como se aplica o B. C. G. na hora de nascer. E para muitos o B. C. G. é infinitamente mais importante, pois preserva da tuberculose, ao passo que o batismo toma aspéto de cerimonia mundana, como a primeira comunhão ou as missas de setimo dia.

Em tudo, nesses meios, respira-se a mediocridade religiosa. As casas não ostentam mais nenhum simbolo religioso. A imagem do "Sagrado Coração" não quadra mais com os moveis modernos e vai sendo relegada de quarto em quarto, até parar no sotão, ou ser dada a alguma criada piedosa, em quem as verdades catolicas ainda não sofreram diminuição alguma

e que, em muitas casas, representa o ultimo refugio de Nosso Senhor, na mansarda ou no porão. Para os patrões seria uma vergonha ter na sua sala de visitas, como na de qualquer casa "dessa gentinha", um quadro religioso...

Todos os sacramentos estão *diminuidos* para esse burguesismo catolico. O batismo é demorado, contra as indicações da Igreja, para dar "mais brilho á festa". O crisma não se sabe bem para que é, de modo que passa despercebido. A comunhão é reservada ás crianças e quando muito ás mocinhas. Os rapazes que comungam são uns fenomenos que a familia catolico-burguesa olha com desconfiança, espionando cuidadosamente o seu correio e os seus amigos, para ver se não existe algum "bandido" de um padre ou algum "miseravel" companheiro, que está desviando o rapaz do caminho da virtude (o "bom emprego", o "casamento rico", os "bons negocios") para desencaminha-lo para a perdição de algum... convento. E quando os pais catolico-burgueses descobrem essa desgraça, ameaçam céus e terras, vão á policia, e escrevem cartas anonimas á "A Patria", denunciando a "quadrilha jesuitica", que desvia os menores para as masmorras do claustro...

O sacramento da Ordem, para o catolicismo burguês, é *diminuido* como os demais, reduzido a uma "desgraça" para as honorabilissimas familias burguesas.

Se o catolicismo-burguês não comunga, tambem naturalmente não se confessa. E começa então a descobrir razões que mostrem a inutilidade e até mesmo a nocividade das confissões, feitas não se sabe a quem, etc., etc.. A Eucaristia e a Penitencia perdem totalmente o sentido para esse genero degenerado, mas tão comum, de "catolicismo."

A mortificação é coisa que não passa sequer pela sua mente. Ha, na Quaresma apenas, uma obediencia aparente á lei do jejum, não porque seja um periodo de mortificação dos sentidos, mas porque... ajuda a emagrecer. E a grande preocupação das mocinnas catolico-burguesas é conservar a esbelteza das fórmas. E por isso mesmo é que praticam, abertamente, quando se casam, o anti-concepcionismo (a não ser a censura que fazem aos padres de se meterem por esses terrenos intimos, " em que nada têm que ver" e o pretexto que dão de, por esse motivo, se afastarem farisaicamente dos confessionarios...) — o anti-concepcionismo, grangrena pavorosa que vai lentamente matando o Ocidente e a Raça Branca, com o apoio entusiastico dos eugenistas norte-americanos e das feministas escandinavias.

E até perto da morte passa a Extrema Unção a ser um ritual vazio e desnecessario, que se deve quanto possivel evitar para não chocar o doente. Nos quartos dos moribundos, nas familias catolico-burguesas, passa-se quasi sempre a cena lamentavel do parente ingenuo que lembra a vinda do padre, e a oposição do medico livre-pensador que "não se responsabiliza" pelo desfecho da crise, se o padre entrar no quarto do doente, e o protesto dos parentes mais intimos que fazem côro com o medico, "para não assustar" o agonizante. Interesses da alma, anseios intimos, deveres para com a Igreja, exigencias da doutrina, nada influi, junto ás preocupações egoisticas de não chocar, de não assustar, por vezes de não desagradar ao Dr. M. ou ao cirurgião X.

Se a vida da graça é a vida dos sacramentos, se nela tem a Igreja a sua expressão mais perfeita, — o que vemos no catolicismo burguês é a corrupção de tudo isso, o desvirtuamento de todos os sacramen-

tos, a diminuição de todas as verdades cristãs. E a doutrina de Cristo, que é uma penetração continua da vida sobrenatural na vida natural do homem e da sociedade, fica reduzida a meia duzia de formulas triviais, repetidas sem qualquer convicção; ao culto um tanto supersticioso dos Santos padroeiros; ás missas mundanizadas; ás exterioridades do ritual de certos sacramentos.

Tudo mais, na vida do catolico-burguês, é o mesmo paganismo daqueles que não têm senão a religião dos sentidos e dos instintos e julgam-se superiores aos crentes, por "não terem religião alguma".

Essa diminuição de verdades póde ainda assumir outro aspéto. Já não se trata então desse catolicismo não praticante e apenas de rotulo, que prolifera hoje nos meios da burguesia rica, para a qual a disciplina da pratica religiosa viria impedir a pratica livre de uma vida, quando não de franca dissolução de costumes, ao menos de luxo, de comodismo e de indiferença religiosa. O outro meio em que tambem vemos o catolicismo burguês provocar uma diminuição das verdades cristãs, analoga a essa — é em certos ambientes de catolicos praticantes, em que a vida religiosa assume aspétos estreitos e mesquinhos. Tudo aí respira o máu gosto, o sentimento vago, a incompreensão do mundo, a infinita e irremediavel mediocridade. São incontestavelmente meios muito superiores aos primeiros, pois neles se respeita escrupulosamente a lei catolica, e os sacramentos são recebidos com toda a devoção e assiduidade.

Logo, porém, que saimos, nesses meios, da pratica religiosa efetiva, sempre tocante e muitas vezes mesmo edificante, — caímos numa tal irradiação de mediocridade, que nos deixa desanimados, quando não revoltados. Pois quasi sempre essa mediocridade pro-

vém de uma pretensão a invadir terrenos fóra do alcance de sua capacidade intelectual. E como nesses meios se pensa, frequentemente, que basta a *boa doutrina* para permitir todas as audacias literarias ou sociais, — o espectaculo que oferecem é lamentavel e mesmo francamente criticavel, pois essa intrusão póde trazer as peores consequencias para a propria Fé. Não é a boa moral de um romance, por exemplo, que torna literariamente bom um romance. Mas o catolico-burguês, desse novo tipo, julga que basta fazer um romance-moral para que saia bom romance. E o resultado são essas obras que resultam em desprestigio da propria Fé, pois atribui-se logo a vulgaridade da obra, não á mediocridade do seu autor, mas aos efeitos perniciosos que a Fé provoca, como limitação de faculdades, de inteligencia, de liberdade estética, etc., na cabeça do autor.

E o que se dá em materia literaria dá-se em tudo o mais, em politica, em jornalismo, no magisterio, na vida domestica, em toda parte e em todas as atividades. E o catolicismo assim banalizado, mediocrizado, assucarado, diminuido em sua força por vezes aspera, e em sua beleza, por vezes agreste, — passa a ser, aos olhos de muitos espiritos desviados, mas de boa fé, uma expressão apenas de sentimentalismo xaroposo e de decadencia da varonilidade da raça.

O mal que póde fazer á Igreja e á Fé verdadeiras, a honestidade untuosa dessa fórma de catolicismo burguês, que se encontra em geral nas classes médias da sociedade, não é menor do que o mal praticado pelo paganismo latente e egoista, na primeira especie descrita, do catolicismo burguês das classes ricas.

Em ambos, a mesma diminuição de verdades, a mesma diluição da doutrina forte da Igreja Catolica,

para adaptá-la á anemia religiosa de um catolicismo sentimental, beato e desfibrado.

INIBIÇÃO DE VONTADES

Esta é consequencia daquela. Onde se diminuem as verdades, enfraquecem-se tambem as forças da deliberação e da ação. As vontades perdem a sua resistencia e variam de acordo com as modas do momento, as atrações sofridas, as seduções mais fortes. A vida perde a sua finalidade suprema. Quem fôr perguntar, num meio catolico burguês, qual é o fim ultimo da vida, não encontrará certamente duas respostas identicas. E, se lembrar aos presentes que S. Tomás dá como fim ultimo á vida a "assimilação a Deus", um silencio glacial senão alguns sorrisos de ironia mostrarão a imprudencia de falar em corda na casa de enforcado...

Com essa ausencia de uma doutrina da finalidade, indispensavel para dar unidade e governar os nossos atos — dispersam-se estes ao sabor das circunstancias. E o catolicismo burguês oscila desorientado, acompanhando os acontecimentos e não dominando-os, como poderia fazê-lo ao menos em espirito. Pois o que a Igreja nos ensina é que podemos ser vencidos, exteriormente, pelos acontecimentos e reduzidos á expressão mais miseravel da vida, — mas, se conservarmos a nossa alma unida a Deus, nossa vontade fixa no Bem Supremo, nada poderá atingir essa liberdade suprema do nosso espirito.

O catolico - burguês, ao contrario, cuja vontade vacila ao sabor da vida dos acontecimentos e não tem unidade alguma em seus atos, é praticamente um vencido, mesmo espiritualmente, e com a sua derrota arrasta o destino de muitas almas. Pois um catolico

abatido pela vida é um pessimo testemunho das verdades e das promessas eternas que Jesus Cristo nos deixou.

O catolicismo-burguês, portanto, diminuindo o teôr da vida catolica, diminui tambem a força das vontades e das realizações. A vida profissional, para os homens, a vida mundana, para as mulheres — tiram a fibra de uma atividade que devia ser posta sempre, antes de tudo, a serviço da Igreja. E provoca então outro dos efeitos desastrosos dessa corrupção da verdade catolica nos espiritos:

O DESPERDICIO DAS ATIVIDADES

O catolicismo burguês ainda não compreendeu o sentido da Ação Catolica. Os melhores dos seus elementos vêem com desconfiança essa "novidade". Habituados á pratica individual da piedade, julgamse perfeitamente quites com sua conciencia desde que levem uma vida reta e pratiquem honestamente a sua vida religiosa. E' muito, sem duvida, e fizessem todos o mesmo já teriamos meio caminho andado. Mas não basta. A ação catolica não é uma vaga recomendação da Santa Sé. Não. Já hoje constitui a Ação Catolica um preceito a que temos de obedecer, em conciencia, em face das inequivocas declarações do Santo Padre. E' tal a situação da Igreja no mundo moderno que está exigindo de *todos* os catolicos uma parte de sua atividade em beneficio da evangelização do mundo.

Já não se admitem hoje, para as conciencias catolicas realmente escrupulosas, posições como a que descrevi, de pura devoção individualista. A *oração em comum,* isto é, a vida liturgica em sua expressão mais simples, é tão fundamental quanto a *ação em comum,*

ou seja a Ação Catolica, para o catolicismo que não se deixa contaminar pelo burguesismo ambiente.

E, no entanto, esse catolicismo burguês ainda não compreende tal coisa. Critíca, mesmo, quem o faz e equipara a ação catolica a essa "caridade mundana", que é tantas vezes pretexto para simples exibições de nomes, e apanagio do mundanismo não catolico ou pelo menos mais gravemente atacado desse burguesismo catolico, que venho descrevendo em suas linhas gerais.

Vemos, portanto, nesses meios catolico-liberais, uma incompreensão generalizada da ação catolica. E, com isso, um grande desperdicio de atividades. O veneno da educação burguesa — que prepara as moças para uma vida de inutilidade e de desvaneios, de prazeres e de futilidades, e os homens para o pragmatismo profissional, para a licença de costumes — contaminou de tal modo os proprios meios catolicos, que o mal hoje é grave e extenso.

As forças vivas desse meio, as moças e os moços, os adultos em suas horas de recreio ou de repouso, não procuram aplicar-se ás obras sociais exigidas pelo bem da sociedade e pelo destino da Igreja, sem falar nas claras determinações de Nosso Senhor. Desperdiçam-se em visitas, em jogo, em dansas, em passeios que, no minimo, são perfeitamente *inuteis*. E' desolador o espectaculo desse imenso desperdicio de forças, de entusiasmos, de talentos, de ilustrações verdadeiras — positivamente "postas fóra" em uma revoltante bacanal de inutilidades, feitas apenas para "passar o tempo", para ocupar os "lazeres", para "divertir". E' com a morte na alma que vejo, todos os dias, esse espectaculo de uma força imensa que se gasta e se perde, quando as obras catolicas progridem lentamente ou decáem por falta de gente, por falta de dinheiro e sobretudo por falta de amor.

O descaso desse burguesismo catolico pela ação catolica é criminoso e suicida. Quem se ocupa com essas obras é que conhece a sovinice, a avareza, as desculpas esfarrapadas de milionarios que se dizem "catolicos", que tremem de horror ante a ameaça de se verem desapropriados ou liquidados pelos comunistas, e que no entanto regateiam os seus donativos a qualquer obra de caridade, e, quanto ás obras de ação *social* (não diretamente *caridosa,* no sentido vulgar da expressão), então, fecham-se em suas torres de marfim e pingam a contra gosto algumas gotas que sobraram das grandes libações feitas, geralmente, a certos deuses e deusas da mitologia...

Mas não é preciso ir até esses grandes demolidores da civilização burguesa e cumplices das ameaças que pesam sobre os elementos cristãos da sociedade moderna — para se assistir a esse lamentavel desperdicio de atividades, que caracteriza o catolicismo burguês. Por toda parte vemos, ocupada em banalidades e divertimentos, a fina flôr fisica e intelectual de uma sociedade — que passa quinze anos de sua vida preparando-se cuidadosamente para esse imenso *vazio* de toda uma existencia — ao passo que milhões de homens, mulheres e crianças sofrem miseria, vivem na incerteza do dia de amanhã e arregimentam-se, muitos deles, para assaltar violentamente um poder, que os seus detentores, na maioria dos casos, não têm mais força moral para conservar.

Esse desperdicio de atividades, nos meios burgueses catolicos, essa *vida ociosa* que caracteriza a maioria das suas mulheres, essa *vida pratica,* exclusivamente voltada para o dinheiro e o prazer animal, da maioria dos seus homens, — constituem um dos fenomenos mais graves da contaminação que nos proprios catolicos produziu a concepção burguesa da vida. Mesmo diante da morte. das ameaças de toda a sorte,

dos prenuncios das mais tremendas catastrofes, muitos desses infelizes continuam a dormir acordados, a desperdiçar loucamente o patrimonio material e moral, que gerações e gerações lhes legaram.

CUMPLICIDADE COM OS ADVERSARIOS

Era fatal que de todo esse desvirtuamento do catolicismo, apontado em certos meios burgueses, derivasse esta cumplicidade que se observa, entre catolicos burgueses, com todas as téses de nossos adversarios.

A mais frequente delas é o divorcio, praga que prolifera nesses meios, pois é molestia de gente rica. O pobre póde não ser mais moralizado, mas ao menos não procura esconder as suas fraquezas. E' realmente de arripiar os cabelos, como ha tempos me dizia o nosso Juiz de Menores, conversar com os menores abandonados que por lá aparecem diariamente. Todos são filhos de lares dispersos, de mães que vivem com "protetores", de pais que largaram o lar, de toda a sorte de infelicidades domesticas ou de ligações não legalizadas nem sacramentadas.

Mas os ricos não toleram essa desordem. Querem gozar da "respeitabilidade" (virtude burguesa por excelencia) do casamento, sem sofrer demais os seus onus. E daí o divorcio, a legalização indefinida das ligações sucessivas, com o beneplacito do Estado e a tolerancia dos salões.

O divorcismo está na linha da decadencia dos costumes nesses meios catolico-burgueses. De modo que se torna cada vez mais frequente o encontro desses casais da mão esquerda, que se consideram "catolicos, como todo mundo"... mas que acham o divorcio uma "necessidade social", uma "moralização da

familia" (repetindo, sem querer, o que dizem os socialistas hipocritas), ou pelo menos, uma "fatalidade inevitavel". E a atitude da Igreja é considerada, por esses catolicos que não faltam á missa das 11, nos domingos, como sendo anacronica e destinada ao abandono, por inaplicavel.

E o que se passa com o divorcio passa-se com as demais téses naturalistas e materialistas.

O estrago que o socialismo, por exemplo, tem feito nos meios catolico-burgueses é consideravel. O catolico-burguês, ou critíca a Igreja porque vai demais para a esquerda ("Pio XI parece um comunista escrevendo", já ouvi dizer a um catolico, que lia a "Quadragesimo Ano") ou censura a timidez social da Igreja e considera o socialismo e até o comunismo como inevitavel. Nos salões onde vivem em geral esses catolico-burgueses, sustentam-se as teorias sociais mais avançadas. Só não se sustentam as teorias sociais... da Igreja.

Em politica, dá-se o mesmo. O catolicismo burguês, ou censura a Igreja porque "se mete em politica", ou critica a Igreja porque age sem vigor, sem audacia, sem unidade e sem eficiencia pratica. E, sendo assim, joga-se nos partidos politicos, sem a minima preocupação com a doutrina catolica em materia politica e ignorando mesmo que existe tal doutrina. E todas as acusações dos nossos adversarios, para com a Igreja, encontram imediatamente éco nesses catolicos, sempre prontos a se colocarem ao lado dos adversarios, para passarem por "espiritos largos", por inteligencias "liberais", por "modernos".

Encontramos, pois, nos meios catolicos contaminados por esse espirito burguês, as maiores condescendencias com muitas das téses sustentadas contra a Igreja. O divorcio, o anticoncepcionismo, o anticlericalismo, o socialismo de salão, o liberalismo, o

proprio laicismo, são téses sustentadas em muitos meios catolicos, óra por ignorancia, óra por contaminação do burguesismo catolico.

Eis aí, em poucas palavras, o que me parece essencial sobre essa face de um mal que o espirito do seculo XIX inoculou na civilização e que foi a filosofia da vida de uma classe que hoje está desaparecendo ou se transformando radicalmente.

E' preciso diagnosticar as molestias para curálas. Precisamos conhecer bem a fundo a extensão desse mal, que atacou a tantos meios catolicos, para podermos trabalhar pela sua cura.

E o primeiro passo para esta é sabermos que o logar onde primeiro precisamos combater esse burguesismo catolico é o nosso proprio coração. Estamos todos mais ou menos contaminados pelo mal e não nos devemos nem julgar farisaicamente isentos, nem cruzar os braços, como o falso publicano.

O mal é grave, mas curavel. E depende a cura da coragem com que soubermos enfrentar o curso da molestia. Não se trata de julgar possivel a sua eliminação total.

Mas os progressos já alcançados pelo desenvolvimento da Ação Catolica no Brasil e pela conciencia que dia a dia vai despertando no nosso catolicismo — autorizam-nos a não desanimar. E' preciso combater o catolicismo burguês, com a mesma decisão com que combatemos o pecado em nossas almas. Pois, se ele não representa, propriamente, em nós ou nos meios que frequentamos, um triunfo do pecado, representa qualquer coisa porventura mais perigosa do que ele: o entorpecimento das virtudes.

1935.

IV -- 666

Vae vobis, qui ridetis nunc, quia flebitis. — *Luc.* 6-25.

No capitulo XIII do Apocalipse, descreve-nos S. João o aparecimento do Anticristo. Ele o mostra em forma de um animal monstruoso, tendo dez chifres e sete cabeças, os pés como de urso, a boca de leão e todo o aspecto de uma pantéra. E foi o Dragão que o entronizou, isto é, foi o Demonio que lhe comunicou a autoridade para submeter os homens a si. "E a terra inteira se maravilhou seguindo o Animal. E prosternaram-se diante do Dragão, porque dera autoridade ao Animal, e prosternaram-se diante do Animal".

Foi quando "subiu da terra" outro Animal, que "se assemelhava a um cordeiro", mas "falava como um dragão". E esse segundo animal é que levava os homens e adorarem o primeiro. "E leva todos os homens, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e escravos, a marcarem a mão direita e a fronte, de modo que ninguem possa comprar ou vender senão possuindo a marca, o nome do Animal ou o seu numero". (Apoc. XII 17).

Esse numero, gravado na testa e que os seus adoradores devem levar consigo, é esse misterioso 666, que tem desafiado a argucia dos comentadores ao longo dos seculos, parecendo ser o nome de Nero em hebreu, mas simbolizando para sempre o proprio

numero do Anticristo, figura humana do Espirito de Negação.

São João escrevia, em Patmos, as suas profecias tremendas, em face do espetaculo sombrio que aos olhos do discipulo amado de Cristo oferecia o imperio romano. Depois de ouvir por tres anos a palavra do Messias, anunciando aos homens a Bôa Nova, depois de ter repousado a cabeça sobre o seu hombro, depois de ter sido o discipulo escolhido para velar por sua Mãe Santissima, depois de ter visto morrer o Cordeiro de Deus, e presenciado todos os prodigios que se seguiram ao Calvario, — olha o discipulo amado para o Ocidente e vê a grande Babilonia afundada em seus vicios, delirando de luxo, esquecida de tudo o que é alto e puro, com os ouvidos totalmente fechados á voz que falava no Oriente, e rindo nos festins, rindo nos bordeis, rindo nas tribunas, rindo nos anfiteatros empurpurados com o sangue derramado pelos cristãos.

E esse riso, desgraçadamente, ainda não cessou, enquanto as profecias o dizem que somente cessará no dia da segunda vinda do Senhor á terra, quando o reino do Animal, que o Apocalipse nos profetizou em termos simbolicos e de que S. Paulo nos fez a descrição em palavras nuas, tiver completado o seu curso.

O mundo de hoje se encontra em situação semelhante á do fim do imperio romano. De um lado, o luxo, o prazer bestial sem alegria, a agitação sem sentido dos que esqueceram o Senhor, e tambem a despreocupação, a segurança falsa, o farisaismo satisfeito daqueles que julgam servil-O e O tráem sem querer, no fundo das conciencias corrompidas pelo ambiente sem Deus, que respiramos, ou pelo repouso animal numa fé sem ardor, sem angustia, sem sofrimento. E' Roma que dança, que come e dorme, ao passo que os

barbaros velam do outro lado do Reno e do Danubio.

Como hoje, do outro lado do Vistula, espreitam os novos barbaros, velam os que levantam estatuas a Judas, velam os que levantam templos ao Anticristo, velam os que ergueram sobre o trono sovietico aquele mesmo Animal do Apocalipse, ao passo que entre nós, e por todo o mundo, o outro animal, o que tem aspeto de ovelha e voz de dragão, convida os homens todos á adoração dos novos idolos, o Estado, a Maquina, o Sexo, o Partido, a Revolução, cuja vinda Isaias, S. Paulo e S. João profetizaram.

E o Principe do Mundo passa no meio de nós, quando menos o esperamos. Passa como uma sombra ligeira no meio das alegrias mais puras. Passa como um arrepio de temor, ou como a asa de um vento ou como uma voz que seduz. E escolhe os lugares mais santos. Escolhe as assembléas mais augustas. E passa por vezes, como um riso, o riso horrivel do escarneo que abre por um segundo a lobrega verdade de certas almas, o riso triste dos que não crêem, o riso alvar dos que dormitam, o riso fechado dos fariseus, dos que dormem sobre a sua riqueza, dos que não ouvem o clamor dos que têm fome, dos que não vêem o odio dos que se aproximam.

Ai de nós se o riso se estender! Ai de nós se essa falsa segurança adormecer a nossa inquietude! Ai de nós se o brilho das luzes, os surtos da oratoria, a purpura dos mantos, os hinos de festa esconderem as sombras do horizonte e sobrepujarem o clamor dos que avançam !

Ai de nós se não lermos mais as profecias. Ai de nós se buscarmos na Igreja apenas um refugio e na religião apenas uma aparencia de respeitabilidade. Ai de nós se não compreendermos os angustiados, os inquietos, os profeticos, os tragicos. Ai de nós se as

ameaças tremendas que nos cercam não fulgurarem em resteas de fogo em nosso céu e se, ao contrario, um sono bestial adormecer os nossos membros e o riso alvar dos satisfeitos puser á mostra as nossas gengivas. Ai de nós, ai de nós, se tudo isso suceder, porque então é que estamos realmente á beira das trevas tremendas que hão de marcar o fim do mundo.

Não, Senhor. Não é o repouso que vos pedimos. Não é o esquecimento das dores. Não é a satisfação da vitoria. Não é o brilho dos cortejos. Não é a pompa das cerimonias. Não é a beleza nem o triunfo que vos pedimos para essa pobre terra, para nós todos que agora vamos viver aos pés de vossa imagem na montanha.

Não, Senhor. O que vos pedimos é a caridade, e é a inteligencia. E' saber perdoar e amar, mas tambem conhecer. E' quebrar em nossas almas o gelo do egoismo, mas é tambem abrir em nosso horizonte caminhos de luz para sabermos onde estamos, para compreendermos o futuro tremendo de luta que nos aguarda, para termos a força necessaria aos grandes sacrificios de amanhã.

Senhor, o falso repouso é o peor dos nossos inimigos. Fazei que saibamos despertar os que dormem, apagar o riso de escarneo na boca dos que riem, mostrar aos imprevidentes que ha rumores de tempestade no ar que respiramos, e tremores inquietantes no solo que pisamos.

Não procuremos o Inimigo entre os nossos inimigos. Aí, é facil reconhece-lo e a luta se trava naturalmente pelo encontro das oposições. E' em nós mesmos que o devemos procurar. E' no fundo das nossas conciencias contaminadas pelo ar pestilento que respiramos. E' em nosso coração que o Inimigo vai procurar o canto em que se aninhe. E é aí que o

devemos descobrir, daí é que temos de arranca-lo á força.

Pois antes de tudo é preciso olhar para o fundo de nossa alma e ver que aí é que está todo o horror. Esse grande e estranho Bloy clamou por si e por todos nós. "Ce qu'il y a de terrible c'est de n'être pas des saints!" E' essa, sim, a grande dor, a grande humilhação, que em vão tentamos esconder com os sofismas de nossa covardia. Podemos ser todos santos. A santidade não é do outro mundo, não é sobre-humana, não é inatingivel aos homens de todo o dia. Nós é que a tornamos assim para nos aliviarmos do remorso do pecado. Nós é que separamos os santos, elevamos demais os santos, colocamo-los em tal altitude, que se torna impossivel alcança-los.

Entretanto, a santidade é simples, quotidiana, apagada, accessivel a cada um de nós, como por vezes é retumbante e vertiginosa, cortando os seculos como um gladio de fogo. E' uma e é outra coisa. E' do silencio e do rumor, é da sombra como da luz. E está em germen no fundo de cada um de nós.

Mas já não é a santidade maxima que pedimos. Sabemos que ela é a exceção e basta olharmos para o fundo de nossa alma, para sabermos perdoar aos homens o que queremos que Deus nos perdoe: — tudo. Não pedimos já essa santidade, mas ao menos um pouco de aflição pelo mundo. E, sempre que sentimos em nosso coração esse repouso covarde do animal que quer dormir, é por nós mesmos que devemos começar, para melhor podermos tambem inquietar um pouco os outros: os que dormem como nós, os que riem como nós, os que pecam como nós, mas que tantas vezes chegam ao extremo, e aí está o mal de todos os males, chegam a esquecer a propria miseria e não sabem mais distinguir a vitoria de Deus da vitoria dos homens, e só visam a esta pensando pedir aquela.

O mundo está hoje de novo como outras tantas vezes tem estado, naquela tragica posição em que de Patmos o via o apostolo virginal. Por isso mesmo, aquele dos Livros Sagrados que nos transporta para a vertigem das profecias do futuro e para o misterio ardente dos simbolos mais estranhos, é que mais talvez precisa ser relido, meditado, penetrado pelos homens esquecidos da nossa triste idade. Não se lê mais o Apocalipse. Não se medita mais nos seus versiculos sombrios ou ofuscantes. Não se quer perder mais tempo em decifrar os seus enigmas. E chega-se mesmo a esquecer que é um dos Livros de Deus, a cuja palavra nos ligam as promessas mais autenticas de nossa fé. Quando em certa outra noite, no Congresso do Cristo Redentor, lia Augusto Frederico Schmidt o seu poema assombroso, bebido nas fontes apocalipticas, sentimos passar pela assembléa, não apenas a incompreensão literaria, o que seria perfeitamente natural e foi o que sucedeu certamente em muitos, mas tambem o espirito de negação, a ignorancia, o entorpecimento, a contaminação pelo ar que respiramos.

O catolicismo brasileiro é como uma nave ha muito tempo afundada. Aqueles que a tiraram de sob as aguas, D. Vital á frente, viram com horror que o casco voltava á tona coberto de algas, de lodo, de mariscos. E desde então os trabalhadores suam por limpar a embarcação, mas vêm tambem com horror, como via essa figura profetica e tragica de Jackson de Figueiredo, que ela voltava a afundar por impericia nossa e novos esforços sobrehumanos são necessarios para pô-la de novo a flutuar.

Sisifos desse novo suplicio dantesco, olhemos sem temor para o fundo da nossa conciencia e tenhamos a humildade suficiente para não acusar ninguem senão a nós mesmos. Somos nós os culpados. Nós, que tocamos a cada momento as fontes de toda essa

miseria, e, entretanto, não temos a força ou a coragem para estancar a veia do mal. Nós, que temos Deus conosco e não sabemos ser dignos dessa graça infinita.

Senhor, este é o mês de vossa realeza entre os homens. E este ano, no meio das festas, dos aplausos, das luzes, dos cortejos, quando a vossa imagem incomparavel se levanta de vez, abrindo os braços a essa Babilonia esquecida de Vós, como todas as outras, — e o mais grave é que nós, vossos filhos, é que menos fieis sabemos ser á vossa palavra de vida e de amor inextinguivel — este ano, mais que nunca, permiti, Senhor, que as nossas preces se ergam para Vós, mais que nunca angustiadas, mais que nunca implorativas.

Fazei que sejamos humildes, sim, mas que não nos apaguemos no esquecimento e na indiferença.

Fazei que sejamos alegres, mas que não deixemos o riso dos que negam abrir caminhos de escarneo em nossas almas e estancar a fonte das lagrimas que são a plenitude do amor por Vós.

Fazei que sejamos serenos, mas concientes dos perigos terriveis que nos cercam e prontos para a luta que a cada minuto se está esboçando em escaramuças, como amanhã poderá travar-se em batalhas apocalipticas.

Fazei que sejamos prudentes, mas não pessimistas; ativos, sem esquecer que a contemplação é a atividade maxima; racionais, sem perder nunca o contato com a efusão constante do amor que não tem limite nem conceito.

Fazei que o ardor não nos faça precipitados, que o amor não nos deixe apaixonados, que o sacrificio não nos torne amargurados.

Fazei que fujamos, como de uma peste, da moral que nos traga apenas respeitabilidade social, da re-

ligião que seja apenas um entorpecente para as nossas inquietudes.

Fazei, Senhor, sobretudo, que não nos conformemos com o mal, que saibamos sempre distinguir, e que, principalmente, não nos julguemos senhores da Verdade e sim apenas servidores dela.

A palavra "servir" deve estar em nossos labios como uma nota de frescura e de alegria e não como um castigo inevitavel. Mas para que saibamos distinguir o Cordeiro de Deus do Animal que tem na testa aquele misterioso 666, para que possamos saber que é ao Filho de Deus e não ao Principe do Mundo que oferecemos o serviço da nossa vida, fazei, Senhor, que sejamos simples e humildes de coração e que desarmemos o Inimigo, em nós, entre os nossos ou nas hostes que nos combatem, não com as imprecações do odio nos labios e sim com a paz de Deus no coração.

Só assim poderão os nossos risos de hoje resistir ás lagrimas de amanhã.

1931.

V -- Fóra das fronteiras

Ampliando a nossa observação do meio em que vivemos, para melhor conhecermos os nossos proprios problemas, vamos inquirir do estado de espirito dominante entre os não catolicos, fóra de nossas fronteiras.

Para maior clareza parece preferivel dividir o campo de observação, pelos meios mais importantes onde podemos investigar como sejam — o meio *intelectual,* o meio *politico,* o meio *mundano* e o meio *popular*.

Desde logo, convem advertir que aqui não ha, geralmente, cisão absoluta entre meios catolicos e não-catolicos, como se dá na Europa e particularmente nos paises protestantes ou ortodoxos. Nestes, fórma o catolicismo sectores á parte ou pelo menos bem distintos, pela conciencia dos principios comuns e da mesma tradição historica. Entre nós, onde a confusão domina por toda parte e onde o Catolicismo é, para muitos, simples questão de rotulo ou tradição de familia — é muito menor a separação e não podemos falar, com precisão, em meios catolicos e não-catolicos. Estes e aqueles vivem em constante interpenetração e convivencia, pois na maioria absoluta dos casos o a-catolicismo dos homens convive com o espirito catolico, mais ou menos conciente, das familias... Não deixa de haver, entretanto, em todos os quatro sectores, a que acima nos referimos, zonas nitidamente a-catolicas ou mesmo anti-catolicas, como entre

protestantes, judeus, espiritas, maçons ou comunistas.

Esclarecido esse ponto basico e preliminar, vejamos como se distribui psicologica e socialmente o nosso acatolicismo.

MEIOS INTELECTUAIS

O que nesses meios predomina, até hoje, se bem que um pouco atenuada, é a mesma ilusão de ha vinte anos passados: o catolicismo é uma fórma de cultura conveniente para o povo e as crianças, aceitavel nas mulheres e sobretudo nas menos inteligentes, mas absolutamente anacronica entre os homens.

Esse ponto de vista, muito generalizado, ha vinte ou trinta anos atrás, sofreu, nesses meios, certa atenuação em virtude do grande movimento de vigor intelectual do Catolicismo, em toda a parte do mundo, inclusive entre nós, incontestavel mesmo aos olhos dos nossos adversarios de boa fé e mediana cultura.

Essa modificação aliás se nota muito mais entre os novos que entre os velhos, pois que nos meios intelectuais a separação se faz menos entre sectores de opinião ou doutrina, que entre gerações e idades. Nesses meios, a preocupação maxima é sempre saber qual a posição dos "novos" em face dos "consagrados" e a luta entre uns e outros é invariavel, em todos os tempos.

Os nossos "novos", de hoje, compreendem melhor o catolicismo, que os consagrados. Um Medeiros e Albuquerque ou um João Ribeiro continuam, até hoje, (1) perfeitamente impermeaveis ao catolicismo, infensos a qualquer mudança na atitude que ha meio seculo as-

(1) — Ainda eram vivos, ao tempo em que foi escríto este capitulo.

sumiram em face dele. Continuam a crer que a Igreja é uma instituição morta, a concepção cristã da vida um resquicio de obscurantismo medieval e o Catolicismo dos homens uma prova de inferioridade mental, de interesse social ou de cabotinismo intelectual. Não conseguiram evolver e continuam apegados aos preconceitos da sua mocidade naturalista ou jacobina.

Essa posição dos meios culturais não-catolicos das velhas gerações, portanto, é acatolica por passadismo, sem ser em regra anti-catolica. Toleram o catolicismo, com o espirito de condescendencia renaniano, como uma atitude inocua e simploria que vai morrendo aos poucos, sem precisar ser combatida.

Entre os "novos", porém, ha mais inteligencia e mais objetividade no julgarem o Catolicismo. Para eles o Catolicismo não é mais *anacronico,* como para os velhos: é *reacionario.* E' uma expressão da *volta ao antigo,* ou por atitude intelectual ou por cumplicidade nos abusos politicos e economicos. Para os "novos" acatolicos, o catolicismo é "o passado" ou por via de um romantismo falso ou por via de um desejo de matar as liberdades e perpetuar os abusos do capitalismo ou do autoritarismo.

O acatolicismo dos novos, portanto, é muito mais "anti" que "a"; muito mais hostil que tolerante. Vêem a força da Igreja, apreciam o vigor do renascimento intelectual, reconhecem a vitalidade do catolicismo, — mas por isso mesmo vêem nele um inimigo serio a combater e não um moribundo a enterrar, com as honras da pragmatica.

Entre uns e outros, entre os velhos, que olham displicentemente para nós, jurando pela nossa insinceridade, e os novos, que nos atacam para destruir, — ha tambem nesses meios intelectuais a massa dos indiferentes.

Esses não tomam atitudes tolerantes ou hostis, e apenas nos colocam no mesmo plano que tudo mais.

E' uma ilusão, aliás, porque, de fato, o que lhes interessa no movimento catolico atual é o que ha de renascimento, depois do eclipse que parecia total. No fundo, esses grupos de indiferentes são muito mais hostis que simpatizantes, pois estão prontos a aceitar tudo o que é novidade. E mesmo quando proclamam exteriormente suas simpatias pela Igreja, sobretudo em materia social ou liturgica, deixam-se inteiramente penetrar por todas as inovações, em materia pedagogica ou moral, que implicam negação radical de toda concepção cristã da vida.

São materialistas sem saber, proclamando-se apenas liberais e abertos a todos os quadrantes do espirito. Aceitam avidamente a pedagogia de Dewey, a psicologia de Freud, a moral conjugal de Bertrand Russel, o "birth control", a eutanásia, a esterilização, etc., porque julgam com isso ser espiritos "modernos" e em contáto com as ultimas conquistas cientificas. Pois seu terror é envelhecer...

Ha, nesses meios intelectuais acatolicos, um medo que domina tudo mais: o medo de não estar "à la page", de ser tido por antiquado e passadista. Velhos e moços, modernistas e anti-modernistas, tremem com a expectativa de não agradarem á opinião publica e de não serem homens do momento que passa.

O acatolicismo dos meios intelectuais, portanto, é de varias especies: o preconceito dos velhos, a hostilidade dos novos e o medo de não acompanhar a vida, nos demais. E, em todos, a convicção de que o Catolicismo passou e que a atitude mais inteligente é a de combater os "preconceitos clericais" ou os "mitos cristãos".

E' inutil dizer que a ignorancia sobre o que seja o catolicismo, sobretudo em sua força intelectual, é o que distingue a maioria absoluta desses "intelectuais".

MEIOS POLITICOS

Nestes, tambem se nota uma mudança de atitude entre as velhas e as novas gerações de politicos não-catolicos.

Naqueles penetrou de tal modo o veneno laicista que até hoje não concebem o contrario, nem compreendem mesmo o sentido do termo — "laicismo". O Estado Leigo é, para eles, tão intangivel como a Declaração dos Direitos do Homem, a Liberdade de Imprensa ou a rotação da terra. Penetrados em regra de liberalismo, até á medula, preparam-se para aderir ao socialismo, de que já se consideram adeptos, em teoria, mas não compreendem, senão como uma aberração ou uma antiqualha, a existencia de um Estado Cristão.

Admitem certos compromissos com as exigencias catolicas, apenas por oportunismo politico, mas no fundo estão convencidos de que tudo isso é bobagem e abuso clerical, e que o casamento civil e, para muitos, o divorcio, o ensino leigo, obrigatorio, gratuito, oficial, em todos os gráus, a soberania absoluta do povo, a separação radical entre o Estado e a Igreja, etc., são postulados da conciencia juridica moderna, que alguns catolicos exagerados combatem por ignorancia ou má fé.

A penetração do laicismo é tão grande, nos meios politicos, que estamos ouvindo a cada minuto, mesmo de catolicos, as maiores heresias, sem pestanejarem.

Se entre os politicos das gerações mais velhas encontramos essa posição de adaptação aparen-

te, mas de convicção profunda do nosso irreparavel anacronismo, em materia juridica e social — entre as novas gerações é um tanto diverso o estado de espirito. E vamos aí encontrar duas outras atitudes: ou a compreensão do Catolicismo como um dos elementos nacionalistas analogos ao fascismo, ao hitlerismo, merecendo consideração especial, ou então a luta aberta.

Aqueles são os "novos", que hoje se lançam em movimentos nacionalistas analogos ao fascismo, ao hitlerismo ou a esse "francismo", aliado e continuador da "Action Française", que se revelou ha tempos em Paris, na hora em que as forças politicas francesas pareciam, com as demais, passar da fase da "palavra" para a fase da "ação".

Esses, embora se mantendo estranhos á fé catolica, compreendem no terreno social a importancia da Igreja e, no terreno nacional, o fundamento das exigencias catolicas. Daí uma atitude muito mais objetiva e realista, mesmo quando temperada por um "totalitarismo" absolutamente inaceitavel pelo direito publico cristão.

Outro grupo de novos, nesses meios politicos, inclinados ás correntes esquerdistas, se apresenta então em franca hostilidade ao Catolicismo. São ainda poucos entre nós e com diminuta probabilidade de exito. Mas tenazes e preparados.

As opiniões dominantes nos nossos meios politicos não catolicos dividem-se neste caso em dois grupos, a que nos referimos: os mais apegados a preconceitos antigos, como se dá com a velha geração dos literatos acatolicos, e outros mais realistas e vendo na Igreja uma força social e no catolicismo uma tradição nacional importante.

A'quele primeiro grupo, é preciso lembrar, pertencem muitos novos de idade, mas que se deixam envolver pelo estado de espirito dominante e toleram as exigencias catolicas com certo ar de condescendencia paternal, como quem desculpa uma mácriação de criança...

MEIOS MUNDANOS

Os meios mundanos em regra se distinguem por se dizerem católicos mas agindo como se não fossem.

Se a preocupação predominante nos meios intelectuais é a liberdade de pensamento, o orgulho de se afirmar superior a todas as limitações doutrinarias ou sociais, ou então, a inserção em uma doutrina extra-católica — o que distingue os meios mundanos é a preocupação da liberdade de costumes. Toda limitação moral, nesse meio, é intoleravel ou ridicularizada. A elegancia é afetar uma completa insensibilidade a esse respeito, como se fosse a atitude *mais realmente moral.* Porque, no fundo, não renunciam a toda regra de conduta e precisam sempre encontrar uma norma para sua vida. Um dos traços caracteristicos, mesmo, do nosso mundanismo extra-católico, é a preocupação de justificar, por meio de doutrinas modernas, a facilidade de costumes a que são levados por seus instintos.

O que outróra se fazia ás escondidas, como pecado conciente mas que se julgava perdoavel ou inevitavel, — hoje procura-se fazer escudado em Freud, Lindsey, Elen Key ou Mary Stopes. A preocupação é encontrar um autor que julgue moderna e justa uma nova-moralidade, que é apenas um vestuario novo da antiga imoralidade.

Nesses meios, de alta ou média burguesia, onde o bezerro de ouro, ou apenas dourado, ainda domina,

não se ouvem geralmente ataques ao Catolicismo. São meios, ao contrario, muito ligados aos nossos meios fronteiriços, do mesmo sector mundano, onde dominam os mesmos costumes, apenas recobertos de certa hípocrisia ou de certos habitos adquiridos.

Entre os rapazes, filhos da burguesia rica ou remediada, que perderam a fé porque perderam os costumes, é que se recrutam os melhores elementos para esse grupo do mundanismo católico. Vivem com a unica intenção de gozar a vida, com a maxima precocidade possivel e sem a minima preocupação de ordem superior. Ouvir as conversas desses grupos de mocidade é o mais triste testemunho da perversão e da decadencia precoce de uma raça... Filhos raros, de pais que praticam cuidadosamente o suicidio biologico, educados na precocidade e no laicismo pratico de familias burguesas, onde a conquista de uma posição social é a unica base da moral individual e social, saidos de estudos secundarios deficientes e de escolas superiores onde o que procuram é apenas um diploma rapido e onde absorvem o ambiente de congregações e colegas bolchevizados, economica e moralmente — o que sai dessa retorta infeliz é apenas uma massa amorfa de "viveurs", que enchem os salões com a sua fatuidade e displicencia.

Começa hoje a atingir tambem o outro sexo esse mundanismo acatólico, em que se têm formado sistemáticamente a maioria absoluta dos nossos jovens burgueses das profissões liberais, que jámais conheceram a luta pela vida e têm horror ao máu cheiro do zé-povinho..., a não ser nas multidões carnavalescas. Hoje, como iamos dizendo, começa o mal a se estender tambem ao sexo feminino. Os banhos de Copacabana, os "dancings", os chás na "esquina do pecado", a preocupação de imitarem os homens em tudo, nesse ser-

vilismo que vai arrastando á ruina toda uma geração feminina impregnada de modernismo moral, — tudo isso atrai para esse desastroso mundanismo acatólico novas levas de adeptos, que fazem crescer o numero, até ha pouco escasso, das que, no mundo social, se confessavam egressas da Igreja.

Terreno envenenado esse, em que proliferam todos os vapores mefiticos que tanto mal vão fazendo a uma sociedade inteira, pois o extra-catolicismo é aí sinonimo de um paganismo decadente, que arrasta consigo a natureza fraca de uma raça malformada e de uma geração intoxicada de liberdade sexual e da sêde de viver os seus instintos desordenados.

E' possivel encontrar, por vezes, o acatolicismo mundano ligado a outras posições religiosas ou filosoficas, como o protestantismo ou qualquer sistema moderno de pensamento. E' raro, porém. Mais frequente é a penetração do comunismo doutrinário. Da mesma maneira que os nobres é que levaram os burgueses de 1789 á Revolução, — são hoje, em sua maioria, os burgueses que levam os proletarios á nova Revolução. O tipo do jovem burguês comunista é hoje, se não frequente entre nós, pelo menos ponderavel. E esses alimentam o mundanismo acatólico com um fermento doutrinário anti-cristão, que muito concorre para animar a ignorancia pragmática e imediatista da maioria.

A esses meios ainda mixtos, já é possivel acrescentar algumas ilhotas de franco anti-católicismo, mesmo nos meios mundanos, particularmente com tintas de extremismo e de revolucionarismo social. Nesses reina o franco anti-clericalismo e a maxima liberdade de instintos. Os católicos são aí conspurcados, juntamente com tudo o que ha de mais santo e puro.

O reino do impuritanismo, que abrange toda essa região do mundanismo acatolico, atinge aí o seu maximo e exclusivo imperio.

MEIOS POPULARES

Os meios populares acatólicos, ao contrario desses meios mundanos, acham-se dominados por correntes de idéas simples ou religiões empiricas que os arrastam para fóra de nossas fronteiras.

São os mais escassos, talvez. O povo, no Brasil, mesmo o das grandes cidades, é católico em sua esmagadora maioria. Os males e defeitos desse catolicismo podem e devem ser estudados, mas *dentro* e não fóra de nossas fronteiras, pois são em regra filhos do relaxamento ou da ignorancia, e não da hostilidade.

O acatolicismo popular é de origem protestante e sobretudo espirita. A propaganda sectaria vai arrastando pequenos nucleos, que, por originalidade, ressentimento ou ilusão, se deixam dominar por outras atitudes religiosas e atravessam as fronteiras da Fé. Esse é o traço caracteristico do não-católicismo nos meios populares. Substituem uma coisa por outra, dentro da necessidade de fé que existe nas massas. Sucede, por isso mesmo, que o acatolicismo popular, embora escasso, é militante e agressivo, como é tambem a impiedade feminina. Uma mulher que perdeu a fé é geralmente mais sectaria e hostil que um homem. O mesmo acontece com o homem do povo, em relação ao que vive nas classes mundanas.

No Brasil, diferentemente do que ocorre na maioria das grandes nações, a impiedade não é sintoma das massas e sim das *élites*. Aquelas se conservam muito mais fieis á sua crença tradicional, que estas ultimas. De modo que é nos meios populares que o

acatolicismo menos se difunde. Ultimamente, graças ás propagandas, acima referidas, do protestantismo, do comunismo e do espiritismo, essa zona de incredulidade tem crescido. O proletariado das grandes cidades, trabalhado pela propaganda insidiosa do ateismo revolucionario, tambem começa a vacilar. De modo que o problema vai mudando de figura e ostentando variações sensiveis, não só entre as cidades e os campos, mas ainda dentro das proprias cidades, entre as classes propriamente *proletarias* e as classes *populares*.

Pode-se, entretanto, dizer que no meio popular as zonas de acatolicismo são mais devidas á ignorancia, á miseria, ao abandono, e ao egoismo da burguesia, que a qualquer espirito de evasão consciente, como nos demais meios. No fundo da alma popular, mesmo quando afastada de nossas fronteiras, conserva-se sempre latente o sentimento religioso e bom, que tão naturalmente distingue o povo brasileiro, o mais polido e o mais caridoso do mundo.

Eis aí, em traços ligeiros, como parece possivel traçar, um esboço das zonas extra-católicas fronteiriças dos nossos territorios espirituais, no Brasil. Em todas as quatro zonas em que os dividimos, o mal é grave e exige uma atenção especial. Temos de trabalhar em todos os sectores, intelectuais e politicos, mundanos e populares.

Nos primeiros, o centro de irradiação deverá ser a Universidade Católica. Nos segundos, a vigilancia eleitoral pela L. E. C. e instituições analogas e pelo diário católico em cada grande centro de vida social. Nos terceiros, os meios da alta sociedade, a ação se fará pela formação escolar, pelos circulos de estudo, pelo despertar continuo da inquietação moral, adormecida pelo bem estar e pelos máus costumes.

Nos meios populares, o trabalho de catequése tem de ser a instrução religiosa difundida e as obras de defesa e formação das classes profissionais, como os sindicatos e associações de classe.

Cada um desses campos de irradiação do espirito católico alem de suas fronteiras precisa de um estudo particular.

Nossas obras de catequése precisam atender a essa distinção preliminar afim de intervirem de modo mais eficaz, pois ha métodos bons, quando empregados entre católicos, que são contraproducentes quando aplicados a não-católicos.

Precisamos conhecer bem os meios acatólicos, para não dar passos em falso. Conhecer, de modo todo particular, a sua psicologia, para não chocar e provocar, por vezes, a irremediavel retração de uma alma.

Nos meios intelectuais, por exemplo, só póde haver ação eficaz quando individual. E' preciso conquistar as almas uma a uma e, como norma de ação dessa zona intelectual, é mistér desdenhar sistemáticamente a quantidade e olhar a qualidade.

Nos meios populares é exátamente o contrário que se dá. E' preciso agir em massa, por métodos apropriados ao grande número. Age-se aí sobre as médias humanas mais que sobre os individuos. E por isso mesmo os meios de ação, as pessoas, os argumentos, as obras, tudo se tem de adaptar a essas circunstancias particulares.

Os meios politicos, onde se elaboram as leis e as instituições que vão constituir a estrutura do Estado, não podem tambem, de modo algum, ser desdenhados pelos católicos, que devem nesses meios tambem se adaptar á psicologia ambiente e ao regimen vigorante. A Igreja, nos dias que correm, está em situação delicadissima em face do novo surto de estatismo, que caracteriza o seculo XX. A psicologia politica hoje, mesmo em

nosso meio, é diversa e é preciso estudá-la bem, para não dar passos em falso nesse terreno dificil e perigoso.

Assim sendo, conclui-se que a ação católica, como é aliás de sua natureza, precisa agir não apenas *intra-muros*, mas *extra-muros*. E, para isso, é preciso conhecer o campo de ação, estudar os varios sectores e operar sobre eles com métodos adequados á natureza do terreno e da tarefa.

Não nos podemos contentar com a catequése dos católicos, se bem que seja de momento, talvez, a mais importante. Precisamos irradiar a nossa ação cada vez mais, de modo a impedir que a ação dessas zonas além de nossas fronteiras venha a conquistar terreno sobre o nosso ainda tão amplo, mas já tão ameaçado territorio.

1934.

VI — A Obra de S. Domingos

Se tivessemos que estudar a *alma* de S. Domingos, iriamos indagar do que êle *foi*.

Se houvessemos de falar sobre a *vida* de S. Domingos, procurariamos saber o que êle *fez* ou *disse*.

Desejando, porém, ocupar-nos com um terceiro aspéto, o da sua *obra*, precisamos atender ao que êle *criou e deixou de si*. A obra de um homem é a fixação de sua alma e de sua vida no mundo exterior.

Homens ha, e mesmo santos, que não deixaram de si *obra* alguma ou, antes, cuja obra foi a propria alma ou a propria vida. Outros, porém, completaram uma e outra, sairam de si mesmos, marcaram o seu tempo e todos os tempos, criando alguma coisa que é a expressão da sua personalidade ou da sua santidade, consubstanciando, então, o que se chama — a sua obra. A obra das criaturas humanas, portanto, é uma extensão de suas almas e uma concretização permanente ou prolongada de suas vidas.

Em S. Domingos, não encontramos apenas a alma e a vida, como em tantos cenobitas anonimos ou em tantos mártires gloriosos que, desde os tempos evangelicos, enriquecem os anáis da hagiografia cristã e levantam a Deus o testemunho da fidelidade humana. Esse nobre filho da Espanha medieval foi além, e perpetuou o seu nome em uma *obra*, que passou a viver por si mesma, tal a vitalidade que lhe deram o genio, o sacrificio, e a inspiração divina do seu criador.

As obras humanas pódem ser especulativas ou práticas, conforme se manifestem no campo do conhecimento intelectual ou no das realizações ativas. Entre as primeiras estão os sistemas filosoficos ou cientificos, das cátedras de ensino ou dos livros. Todo o patrimonio intelectual da humanidade, que as bibliotécas conservam e as escolas difundem, pertence a esse plano das obras humanas. Nele fulgem Platão e Aristoteles, S. Boaventura e S. Tomás, Pascal e Descartes, Maritain e Bergson. Nele vivem todos os que produziram uma obra de pensamento puro, de doutrinas e de pesquiza intelectual, mesmo quando iluminada a razão pela fé sobrenatural.

Outro é o plano das obras humanas que visam, não apenas o conhecimento da verdade, mas a organização da vida, uma determinada atração sobre a natureza ou a expansão da capacidade de fazer ou de agir do ser humano.

Poderiamos aí fazer varias distinções, que me parece prudente silenciar para não nos perdermos em argucias inuteis. Deixemos o sector estético ou o sector técnico e fiquemos apenas no plano social em geral.

Aí se traduzem as obras humanas, já não mais por livros, sistemas ou instrumentos e sim por *instituições.*

As instituições humanas são fruto, ao mesmo tempo, da natureza e da vontade. Se falta o elemento natural, carece a instituição de base suficiente para viver. Se falta o elemento voluntario, não chega a instituição a viver, pois a Providencia Divina se serve dos homens para a realização de suas intenções.

São os grandes homens de ação os criadores de instituições. Suas obras se traduzem por essas organizações da vida social, na ordem domestica, politica, economica, juridica ou espiritual, que constituem as

forças vivas do organismo social. São esses os orientadores, os fanais, no sentido mais amplo do termo. São os criadores no plano da vida social, que correspondem, no seu terreno, aos grandes criadores do plano especulativo da vida, teólogos, filósofos ou poetas.

Quando esse sentido pratico da existencia leva o homem a criações no plano apenas exterior da vida social, temos então os *chefes,* sejam eles chefes de familia, chefes de industria, chefes de serviço, ou mesmo chefes de Estado. São os homens de obra social positiva, os criadores de instituições e grupos sociais exteriores, *no curso normal dos acontecimentos.*

Quando, porém, nessa ordem pratica da vida, encontramos o homem que altera o curso dos acontecimentos, que, pela sua atuação individual, arrasta consigo os demais para ações que constituem um imprevisto na ordem natural das coisas sociais, temos então um posto acima na hierarquia dos grandes criadores de ordem pratica da vida — *o herói.* O herói pratíca ações individuais fóra do comum e cria novas instituições ou movimentos que se sobrepõem ás já existentes e de certo modo as governam e orientam. Mas, permanece ainda no plano natural das coisas e as suas obras, muitas vezes, só vivem o tempo que dura a atuação do seu heroismo.

Quando, porém, esse heroismo opera em um plano sobrenatural, embora aparentemente agindo na ordem natural dos acontecimentos, quando ao fulgor das virtudes heroicas vem somar-se o fervor profundo das vertudes humildes, quando o *chefe,* além de elevar-se teatralmente, digamos, como o *herói,* se irradia anonimamente, integralmente, humildemente, como um simples instrumento da graça divina, temos então o degrão supremo na ordem das virtudes do homem — *o santo.*

O santo é o laço da humanidade com a divindade como é o laço dos homens entre si. O santo é o grande *liturgo,* que estabelece e mantem o contáto da criatura humana com o seu Criador e é, ao mesmo tempo, o grande *comungante,* que difunde os laços de solidariedade profunda entre os homens da mesma geração ou das gerações sucessivas entre si.

Se o *chefe* é o homem que governa bem as instituições normais da sociedade; se o *herói* é o criador de novas instituições ou do espirito novo das já existentes, — o *Santo* é o que leva a Deus e faz de todos os homens um só corpo espiritual, realizando o dogma da solidariedade de todas as criaturas racionais numa só especie sub-angelica, de que Adão foi, antes da Quéda, a grande expressão singular em fórma humana.

Por isso, se o chefe se subordina ás instituições, se o herói submete a si, ao seu carater, á sua personalidade diferente do comum dos homens, as instituições, o santo cria, transfigura, perpetúa ou difunde as instituições, e a idéa monarquica sobreviverá a todas as revoluções apoiada em S. Luís, como a idéa universitária em Santo Tomás.

O chefe é o animador das obras existentes, o herói é o criador de obras novas, o santo, esse é o que arrasta comsigo as suas obras e dele, mais que de nenhum outro tipo de humanidade superior, podemos repetir a palavra do Apocalipse: "Suas obras os seguem" (Apoc. XIV, 13).

O santo é seguido por suas obras, como do sequito mais glorioso de sua passagem pela terra, e com o testemunho de que sua elevação moral e social o colocou acima e além do tempo.

As obras dos santos, pois, possuem um carater de perpetuidade e uma virtualidade de renascimento, que nenhuma outra obra humana possúi. E o mais curioso, o que distingue mais talvez que qualquer ou-

tro traço as obras dos santos, é que elas realizam perfeitamente a parabola evangelica do grão que para florescer deve primeiro apodrecer na terra escura.

Os chefes e os heróis são triunfadores, em face dos homens. Ambos se colocam á frente de movimentos, instituições e obras e são visiveis os seus feitos aos olhos das multidões e dos cronistas.

Com os santos, em regra, assim não acontece. Conhecem o fracasso de suas intenções, a falencia de suas obras. Investem contra o mundo e o mundo não os reconhece por seus. Lutam contra o mal e o mal os vence na aparencia. Enfrentam o Inimigo do homem e o Inimigo parece triunfar de todo o sacrificio de sua vida e mesmo de sua morte.

E' a fase do apodrecer da semente. E' o grão que se dissolve, que sofre, que se torna terra humilde e rude. Assim o santo, por mêses, por anos, por seculos. Oito seculos levou desconhecido e olvidado, em Compostela, o tumulo de São Tiago. Um dia, porém, a luz misteriosa desse grão de santidade, que passára quasi anonimo pela vida, perdendo todas as batalhas como um máu capitão, — o misterio da comunhão e da liturgia dos santos — fez reviver essa fonte oculta de vida, e toda a Espanha se une em torno do apostolo esquecido, e o invasor é repelido pelo braço de Pelagio e dos heróis que o santo tornava invenciveis. E hoje, quando de novo, passados mais oito ou dez seculos, se vê a Espanha submergida pela onda renascente da impiedade, — já agora interior e não externa, — é de novo em torno do humilde irmão de S. João Evangelista que a mocidade se reune, para salvar, mais uma vez, a fé e a patria em perigo, em torno de um *chefe* e quiçá de um *herói* como Gil Robles.

S. Domingos foi um desses homens, cuja obra em vida aparece, ao cronista do passado, como um fracasso, para o momento em que viveu. Ele, que foi o

martelo dos herejes, não conseguiu sozinho, ou mesmo com o amparo dos heróis, vencer de todo a heresia. Sua obra dinamica, que foi, particularmente, a luta contra a heresia albigense, não produziu a seus olhos os frutos que devia produzir, apesar de todo o apoio que nunca lhe regateou a Igreja. E o veneno mesmo se estendeu em todos os sentidos, pois, nesse tremendo caldo de cultura languedociano do seculo XIII, vamos encontrar talvez a fonte imediata e turva, pululante de microbios e toxinas as mais mortiferas, que vêm alimentando as insurreições dos seculos subsequentes, até hoje, contra a unidade cristã do genero humano.

Triplice é a obra de S. Domingos:

a reforma da Igreja,
a luta contra a heresia,
a fundação da sua Ordem.

REFORMA DA IGREJA

Nada de mais falso do que julgarmos que a Idade Media foi uma unidade de dominio pacifico e perfeito da Igreja.

Ela lutou, como sempre, embora em outras circunstancias, contra o mal do mundo, que em todos os seculos, alimentado pelo Inimigo invisivel das obras de Deus, vai tentando e corrompendo a humanidade. E na Idade Media o estado de desordem social, se permitia uma floração mais intensa de virtudes sobrenaturais incomparaveis e um florescimento de instituições humanas informadas pelo espirito divino, tambem dava margem a uma ebulição social constante, que se traduzia em movimentos sociais impuros e desastrosos para a causa de Cristo e da Igreja.

A primeira das tres obras imortais de S. Domingos foi trabalhar pela reforma da Igreja.

Ele veiu mostrar, por antecipação, o erro fundamental de Lutero. Lutero não errou quando se insurgiu contra certa decadencia que o espirito do humanismo renascentista introduzira, de novo, na Igreja, tres seculos depois de S. Domingos e de S. Francisco. Onde Lutero errou miseravelmente, daí provindo toda a catastrofe social provocada pelo seu crime, foi em não compreender que a Igreja, sendo divina em sua instituição e apenas humana em seus membros, póde reformar-se *por si mesma* e não precisa de uma reforma exterior, como a tentou de modo desastroso o degenerado monge agostiniano.

Ao tempo de S. Domingos, o precursor de Lutero, Pedro Valdo, tambem — "julgou impossivel salvar a Igreja pela Igreja", no dizer de Lacordaire. E daí nasceu a heresia *valdense*, que em pouco se unia a outra importancia da Persia, através da Alemanha, da Italia, a *albigense* para constituir no Languedoc o fóco de toda a destruição da cristandade.

Domingos de Guzman, ao contrario, compreendeu que só era possivel curar a Igreja, preservando o que nela havia de santo e de eterno e expurgando os parasitas que de tempos em tempos se incrustram no casco sagrado da barca de S. Pedro.

E já na sua Espanha empreendia essa tarefa imortal da volta do clero ao espirito evangelico, que foi a primeira de suas obras. Era o desmentido prévio que dava ao erro de Pedro Valdo, curando a molestia sem matar o doente, como queria este máu medico. A volta do clero, isto é, do sal da cristandade, ao espirito de humildade, de sacrificio, de aplicação ao estudo e de despredimento dos bens materiais, foi a grande obra espiritual empreendida por S. Domingos,

na fase inicial de sua vida. O santo nos ensinava, mais uma vez, essa verdade imortal de que as instituições se reformam pela reforma dos homens e que é começando por nós mesmos que podemos reformar o mundo. Elizabeth Leseur o disse de modo inesquecivel — "uma alma que se eleva, eleva consigo o mundo". E' o dogma da comunhão dos santos numa sintese inesquecivel e é o preceito dos grandes reformadores da Igreja, S. Bento ou S. Bernardo, S. Domingos ou S. Francisco, S. Inácio ou S. Paulo da Cruz.

A Reforma Católica da Igreja, que em todos os tempos hão de os homens imitar, como sendo a unica que extirpa os males sem fazer secar a fonte da vida e devem opor ao falso e desastroso sistema da Reforma Protestante, que, como diz espirituosamente o grande Chesterton, — "joga fóra a agua do banho juntamente com a criança" — essa Reforma Católica da Igreja, no seculo XIII, foi a primeira das tres obras imortais de S. Domingos.

LUTA CONTRA A HERESIA

A segunda foi a luta contra a heresia valdense e albigense, que renovava, em plena Idade Media, os erros do maniqueismo. Essa heresia era, como toda reforma puramente naturalista dos costumes, uma modalidade de farisaismo, como o foi, em Roma, a posição dos estoicos, no meio da ruina moral do Imperio.

Alem desse espirito de farisaismo havia, nesse fóco tremendo da heresia francêsa, outra das feições tipicas das heresias — a insurreição da parte contra o todo. A heresia é uma verdade parcial que se erige em verdade total, e deseja substituir-se ao corpo de que faz parte.

S. Domingos lançou-se na luta contra a heresia, opondo-se justamente a esses dois pontos fracos de sua atitude.

Ao farisaismo opôs o espirito de sacrificio e de humildade. Saíu, com os seus companheiros, a evangelizar as terras conquistadas pelo orgulho heretico. Mas tivera o previo cuidado de se fortalecer, não apenas moralmente, mas ainda intelectualmente. Foi esse o sentido mais genial da obra de S. Domingos. Os herejes tinham a sua força, não apenas na decadencia real dos costumes contra os quais se opunham, mas ainda no orgulho da inteligencia que tentava libertar-se do dogma. E como, no corpo da Igreja, aqueles que deviam representá-lo tambem haviam decaído não só em costumes mas ainda em conhecimentos, preparou S. Domingos as suas armas, não apenas na pureza e na oração, mas no estudo. Foi um universitario, formou-se em Palencia, assimilou de modo maravilhoso a ciencia do seu tempo e a sabedoria de todos os tempos.

Mas não fez apenas obra doutrinaria, deixando-a para o genio de dois dos seus filhos, que em pouco o sucederam — Alberto o Grande e Tomás de Aquino. O plano da obra do Fundador era outro. Era, como disse, o do criador de instituições e empreendedor de movimentos, isto é, a ordem ativa.

E estudou para agir. Fez do estudo uma arma e transformou-a na base de sua atuação anti-heretica — a Prégação. Foi esse o titulo que sempre reivindicou para si e para os seus.

Ao farisaismo dos herejes, opôs S. Domingos a humildade dos santos, que não excluiu o saber, antes nele se fundava, transfigurado, porém, pela eliminação do orgulho.

E foi com essas armas que empreendeu a sua campanha contra as heresias, segundo dos florões imortais do seu escudo. E fazia-o ainda, contra o espirito de separação e de insurreição, consequencia do farisaismo dos costumes e da inteligencia, sinal tipico das heresias em todos os tempos. S. Domingos martelava os herejes, animado pelo espirito de unidade, de comunhão com a fonte tradicional que vinha alimentando, ha seculos, a alma cristã da sociedade.

A segunda obra de S. Domingos era assim uma defesa da unidade e da integralidade espirituais da cristandade. A luta contra a heresia era a luta contra o farisaismo e a dissociação, e a defesa maior que se podia fazer da simplicidade e da cooperação na sociedade humana.

S. Domingos trazia, para isso, o renascimento de duas forças que se viam então abandonadas, como sucede em todas as epocas de decadencia e confusão: o ascetismo e o estudo. E, como instrumento de ação — a palavra.

FUNDAÇÃO DA ORDEM

E já agora tocamos á terceira e á maior de suas obras — a fundação da sua Ordem.

O santo, como disse, é o criador de instituições por excelencia. Não se limita a guiar as existentes, como o chefe. Não se contenta com a prática de ações retumbantes e de gestos inuteis, como o herói. O santo é o inovador por excelencia E' o homem que não tem modo de se opôr ao mundo, aos homens, aos habitos, ao curso dos acontecimentos, aos preconceitos. O santo é o anti-burguês, por natureza, pois o espirito burguês é o conformismo e o santo é, por essencia, um anti-conformista, um sublevado contra o mal, e o mal,

nós o sabemos, vezes e vezes assume a figura do bem. A obra mais dificil dos santos é justamente contrariar o mal disfarçado, contrariar o erro que se fantasia de verdade, contrariar os lobos com a péle de carneiros. Essa é a obra mais sublime dos santos, pois o mal e o erro, que se disfarçam de bem e de verdade, têm por si, quasi sempre, a defesa dos timidos e não apenas a dos infieis. E a timidez é uma fraqueza que póde existir nos corações mais puros e nas naturezas mais dignas. Daí a grande agonia dos santos, quando se encontram, não já apenas em face dos inimigos, não já mesmo em face dos inimigos mascarados de amigos, — mas sim, e essa é a angustia suprema, em face de amigos, de almas boas, de espiritos rétos e altos, mas iludidos e transviados por timidez, pudor ou boa fé. Essa agonia dos santos é a pedra de tóque, talvez, de sua vocação realmente divina. Pois é facil lutar contra o pecado e o erro que se apregôam; não é dificil de todo triunfar da falsa-bondade ou da falsa-verdade. Mas só os verdadeiros santos sabem triunfar da hesitação dos bons e da timidez dos puros.

S. Domingos era, por natureza, um santo, pois não se contentava com o espirito de chefe e de herói; não se limitava a obedecer e a sacrificar-se. Ia além, e vencia as resistencias não só dos máus mas dos bons e teve mesmo a audacia de transpor o texto de uma decisão conciliar que proibia a ereção de novas comunidades religiosas.

S. Domingos compreendeu que sua obra não ficava completa com a sua vida. Sentia, com a sua vocação natural á santidade, que as suas obras deviam acompanhá-lo, como dizia o Apocalipse, e que para isso precisava criar alguma coisa que não fosse apenas do seu tempo, como a reforma do clero e a extirpação da heresia.

E lançou as hases de uma nova *religião,* como chamavam os antigos, isto é, de uma nova instituição religiosa dentro da grande Instituição cristã por excelencia, a Igreja, fundada pelo Santo dos Santos, Nosso Senhor Jesus Cristo.

Foi essa a obra suprema de S. Domingos e a joia mais pura de sua corôa. Dedicou-se a isso toda a vida. Mandonet divide em tres fases a historia da fundação da Ordem dos Prègadores: a "fáse de formação", que vai de 1205 a 1214; a "fáse de execução experimental", que vai de 1215 a 1219, e, finalmente, a fáse de "fixação constitucional", que vai de 1220 a 1221.

Ora, S. Domingos nascera em 1170. Como nosso Senhor, passara mais de trinta anos de sua vida na obra silenciosa de formação interior, e só em 1203 saiu de Espanha. Logo depois, começa a sua obra exterior, de reforma dos costumes e de combate aos erros doutrinarios, e, simultaneamente, como nos adverte o grande historiador dominicano, a formação de sua milicia de combate e de santificação, em 1205.

Por outro lado, sua morte se deu em 6 de Agosto de 1221, e nesse mesmo ano é que Mandonet encerra a fáse final de formação da sua Ordem.

Podemos, pois, dizer que a Ordem Dominicana nasceu concomitante ás proprias lutas de S. Domingos. Foi uma expressão e uma extensão de sua vida.

Sabemos, pela palavra incomparavel do Apostolo das Gentes, que a Igreja é o Corpo Mistico de Cristo, a sua prolongação pelo tempo afóra, sua presença continua entre os homens.

Óra, no campo limitado das instituições humanas, as grandes ordens religiosas reproduzem a obra de Nosso Senhor. São prolongamentos da vida e da criação dos seus fundadores. Constituem a presença, já aí pu-

ramente simbólica mas não menos eficiente, pelo tempo afóra, daqueles que as lançaram para melhor atender a uma exigencia imperiosa. Quando essa exigencia é apenas de sua epoca, as ordens se extinguem, passada a necessidade que as provocou. Quando, porém, correspondem a uma imposição maior, provinda da propria natureza humana e da propria defesa da verdade cristã, prolongam-se pelos tempos adiante e se renovam de geração em geração.

E' este o caso da Ordem dominicana. Essa obra suprema de Domingos de Guzman não correspondia apenas a uma exigencia de sua epoca. Se foi essa que a provocou de momento, pelos seus males e desvios, tanto assim que lhe deu essencialmente o caracter *apostolico* e de *prègação,* exigido pelo esquecimento das virtudes evangelicas, que o esplendor social da Idade Media, como todo esplendor social, provocára, a experiencia dos tempos tem mostrado que os males se repetem e que os tempos modernos precisam tanto do "espirito de S. Domingos", como os tempos medievais.

Óra, a ordem dominicana, como vimos, é a perpetuação, pelo tempo afóra, do espirito de S. Domingos. E este é tão vivo hoje como ha sete seculos. Procurou defini-lo, em um livro admiravel, como tudo o que fez, um dominicano ha pouco falecido, Humbert Clérissac, cuja ação decisiva sobre as conversões de Psichari e Maritain basta para imortalizar.

Tres são os traços distintivos que encontra Clérissac na sua gloriosa "religião": a *complexidade,* a *austeridade* e a *sedução.*

Complexa, porque atende a inclinações variadas da natureza humana. "S. Domingos, escreve Clérissac, póde ser considerado como o simbolo vivo das aspirações da natureza humana: intensa curiosidade da inte-

ligencia exaltada pela fé; quéda viva do coração para a quietude, o que podemos chamar o repouso dominical, e, finalmente, a necessidade de expansão e de ação". ("L'Esprit de Saint Dominique". ed. *Vie Spirituelle* — 1924, p. 4.).

Vida de estudo, de ascetismo e de ação — eis a expressão dessa complexidade dominicana. Colocada entre a acentuação da vida contemplativa dos beneditinos e a acentuação da vida ativa dos jesuitas, — exigidas ambas pelo espirito das épocas em que nasceram as respectivas ordens religiosas e não menos vivas, hoje em dia, perante as exigencias variadissimas da era confusa e multipla em que vivemos — o equilibrio dominicano atendeu a uma tarefa imperiosa do seu tempo: a necessidade simultanea de vencer os erros doutrinários por uma solida preparação intelectual; de reformar os costumes decaidos da propria clericatura medieval e, afinal, de sair a campo, pelo apostolado, de ir ao inimigo ou aos amigos esquecidos, e não esperar que as populações acudissem ás igrejas e aos mosteiros, como em epocas de mais fé e tranquilidade de espirito.

Esses tres caractéres dominicanos correspondem, hoje como então, aos males e ás dificuldades da epoca. No seculo XIII, era o clero, sobretudo, que precisava de uma reforma de costumes e o erro doutrinario se concentrava nessas heresias confusas e ebulientes, de valdenses e albigenses. Hoje, é toda a sociedade que precisa de uma reforma de costumes, mas principalmente os leigos, e os erros doutrinarios se espalharam penetrando o amago das conciencias e o ambito das universidades. Mais do que nunca, portanto, se exigem as virtudes dominicanas por excelencia: o *estudo,* para que não se encontre a verdade cristã desaparelhada em face dos progressos da ciencia ver-

dadeira ou dos sofismas da falsa ciencia, tanto uns como outros em franca ascensão modernamente.

O *ascetismo,* para que o exemplo da pureza venha daqueles que se orgulham, com razão, de ser os defensores do legado purissimo de Cristo e para que não ocorra o que sucedeu nos tempos de S. Domingos, em que os herejes eram *moralmente mais puros* do que a maioria dos ortodoxos.

A *vida ativa,* enfim, como exigencia tipicamente moderna, de um mundo essencialmente dinamico e exterior, profundamente modificado pela maquina, em todos os terrenos. E não é á tôa que o Santo Padre, Pio XI, não se cança de proclamar a Ação Católica, se me permitem a expressão, sem irreverencia, como a menina dos seus olhos.

Tanto na preparação intelectual, portanto, como na pureza de costumes e na vida intensa de ação, corresponde a obra maxima de S. Domingos — a sua Ordem — a uma exigencia imperiosa dos dias que vivemos.

E outros caractéres estudados por Clérissac, o ascetismo e a sedução humana, derivam desse caracter primordial, em sua triplice expressão e por isso me dispenso de examiná-los mais de perto.

Eis aí, em traços muito sumarios, algumas indicações sobre a *obra* de S. Domingos de Guzman.

Tanto nos seus dias, ha sete seculos, como hoje, representa esse homem extraordinario um desses faróis das gerações humanas, que indicam o caminho nas horas de tempestade e nos mares cortados de rochedos.

Óra, não é das mãos dos homens de ciencia, nem dos estadistas, nem dos homens de negocio, nem dos revolucionarios que a humanidade póde receber o lenitivo para suas angustias e o roteiro para sua deso-

rientação. Um como outro só lhe pódem vir das mãos dos santos. Estes é que tocam as fontes puras da vida e descem ao inferno dos corações martirizados. Estes é que sabem mostrar o caminho da verdadeira paz, tanto na ordem social como na vida interior de cada um de nós.

Olhemos, assim, para a vida e para a obra dos santos, como sendo a fonte mais necessaria para o conhecimento do nosso tempo, afim de sabermos separar, na sua imensa agitação, o ouro puro do verdadeiro progresso da ganga rude de seus vicios, de seus erros, de suas ilusões, de seus orgulhos.

A meditação, portanto, sobre a vida e a obra de S. Domingos nos leva, não a uma simples reconstituição de eras passadas, de interesse puramente historico, mas a uma lição atualissima sobre o nosso tempo e o nosso dever.

Um inquerito que ha muito desejo fazer, em face do problema social moderno, cada vez mais angustiante, é indagar qual seria a solução proposta pelos grandes santos do passado, se ressuscitassem.

Não sou naturalmente capaz de responder por S. Domingos. Mas já o fez, por ele, Clérissac nesse livro admiravel que mencionei.

As vicissitudes da Ordem Dominicana bem mostram a sua vitalidade em face dos seculos. Hoje em dia, por toda parte, assistimos a um reflorescer magnifico da obra maior de S. Domingos, — a sua familia espiritual.

E esse renascimento nos leva, para terminar, á evocação de um pequenino episodio de vida de Lacordaire, que me parece extremamente simbólico.

Passado o vendaval da Revolução Francêsa, jaziam dispersas, aniquiladas, no exilio as ordens religiosas. Parecia impossivel reconstitui-las e dificilmen-

te se recrutavam os seus membros. Mas é nas eras de perseguição e sofrimento que se temperam as almas mais puras e se preparam para as grandes arrancadas. Assim foi em França, com Lacordaire. Durante meio seculo, na propria terra que o santo de Espanha preservára da contaminação heretica, haviam desaparecido os filhos de S. Domingos. Parecia esgotada a sua geração. Até que, em 1839, uma alma imensa, servida por dons intelectuais extraordinarios, parte para Roma afim de receber o habito branco dos frades prégadores. E por alguns anos lá ficou, preparando-se na sombra como seu pai espiritual no capitulo de Osma e na universidade de Palencia para a grande obra que sonhava — a restauração dos dominicanos em França.

Quando voltou á sua patria, encontrou-a de novo abatida pelo racionalismo e pelo anti-clericalismo com que a Revolução envenenára a nação. E tal era o preconceito contra os monges que não lhes era permitido andar nas ruas com o habito de sua Ordem. Lacordaire não se resigna a esta humilhação. Intervém junto ás autoridades civis. Nada consegue. Vai ás autoridades religiosas e essas se fecham num silencio prudente.

Recorre talvez a Roma. Pede, exorta, insiste. Mas todos aconselham a esperar e a confiar em tempos e homens melhores. E Lacordaire se resigna a andar de preto, ou antes, a usar sobre o habito branco de S. Domingos a sotaina negra dos seculares.

Sua fama de prègador e sua faina de apostolo, porém, não esperam por melhores tempos. Seguindo a lição do Fundador, começa a sua tarefa apostólica, já não mais no Languedoc, na Ile de France, já não mais em burgos podres como a Prouille de S. Domingos, mas no proprio coração intelectual da França e... das heresias post-revolucionarias — Paris.

Um dia, chega á cátedra de Notre Dame. Vai começar o seu grande apostolado de prégador. Já famoso, enchera-se a nave da cátedral imensa, de um publico avido de ouvir a palavra do grande filho de S. Domingos.

Sóbe á tribuna e enorme é o estupor geral ao ver-se o grande frade envergar o habito proíbido.

"Se me deixarem falar um momento, terei ganho a partida", dissera ao subir ao pulpito.

E começa a pronunciar essa famosa oração sobre a "vocação espiritual da nação francêsa", que até hoje é repetida e meditada. Em segundos conquista o auditorio, enleva-o de tal fórma, impõe-se de tal modo, com essa coragem dos santos a que atrás me referi, que a igreja inteira prorompe, sem demora, nos mais entusiasticos aplausos e, desde então, restaura em França o habito de S. Domingos, abrindo as portas de sua patria á volta das ordens religiosas.

Esse minuto sublime marcou a renovação dos dominicanos em França, e talvez em todo o mundo, pois desde então têm os filhos de S. Domingos subido sempre, no apostolado, nas universidades, nos movimentos intelectuais e espirituais de toda a ordem, em marcha ascensional que bem mostra como os traços especificos do "espirito de S. Domingos" e de suas obras correspondem ás exigencias mais incisivas do seculo XX.

O Brasil não podia ficar alheio a essa ebulição geral. Ha meio seculo que, pela semente lançada por um jovem brasileiro humilde, vem crescendo o ramo brasileiro da arvore dominicana.

A principio entre os indigenas do Araguaia, hoje entre os intelectuais do Rio de Janeiro, pois devemos a Frei Salá o apoio inicial ao nosso Instituto de Estudos Superiores, e a Frei Pedro Secondi o precioso ensinamento filosófico de quatro anos de curso. E hoje a es-

piral se eleva numa ascensão que só póde deixar alheias as almas mortas. Quanto ás almas vivas, e acima de tudo as almas dos moços, essas se sentem, cada vez mais, sob esse indefinivel *"charme"* dominicano, de que nos fala Clérissac. E em nossa retina vive sempre aquela sessão inesquecivel em que tres rapazes dos mais talentosos, dos mais cultos, dos mais puros de nossa mocidade universitaria, despediram-se dos seus companheiros e dos seus maiores para seguirem o apelo de S. Domingos, Jovino Joffily, Emanuel Hasselman, Jorge Dale, já agora Frei Rosario, Frei Romeu, Frei Jacinto. Hoje, preparam-se eles, silenciosamente, em Saint Maximin, como ha sete seculos S. Domingos em Valença e ha um seculo Lacordaire em Santa Sabina, — para ser os escudeiros nacionais dessa milicia dominicana de que tanto espera o Brasil no seu futuro.

A obra de S. Domingos é imortal e universal. Imortal, desafia os tempos. Universal, sorri dos espaços. E nós, que tanto e tanto precisamos, para a nossa vida espiritual, do estudo, do ascetismo e da ação, rezamos ao glorioso fundador dessa familia de apostolos uma prece toda especial pelo Brasil, pela nossa fidelidade religiosa e, particularmente, pelo espirito de sacrificio, de fervor e de alegria cristã dos nossos moços.

VII — A Igreja e o Estado

Está de novo na ordem do dia, se acaso algum dia saíu dela, o problema das relações entre a Igreja e o Estado. A historia nos tem mostrado como a dualidade fundamental da natureza humana se refléte necessariamente na ordem social e como o sistema de relações da ordem política e da ordem espiritual vem sendo repetidamente o objéto de controvérsias e variações.

O mundo antigo pre-cristão resolveu o problema de um modo que poderiamos chamar de radicalismo alternativo. Nas civilizações pre-helenicas, e especialmente na civilização hebraica, foi o problema resolvido, ás vezes, por uma absorção do poder politico no poder religioso. Em Jerusalem o Estado era o Templo e entre os Egipcios, "os mais religiosos dos homens" (1), toda a tradição apresentava os deuses como tendo reinado sobre o país anteriormente aos homens (2) e a união intima das forças sacerdotais e politicas sempre marcou uma ascendencia daquelas sobre estas.

A civilização greco-romana deslocou, pouco a pouco, o centro de gravidade para o plano politico. A historia da Grecia nos mostra uma gradativa formação do Estado. A obra politica de Platão e Aristoteles nasceu da necessidade de reagir contra o ex-

---

(1) — *Herodoto* — liv. II, c. XXXVII
(2) — Ib. II, CXLIV

cessivo individualismo que determinára a derrota de Atênas por Sparta, na guerra do Peloponeso. E a tendencia centralizadora ia acabar na formação do Imperio macedonio e sua irradiação pela Asia, bem como na constituição das monarquias helenisticas, com uma centralização crescente do poder do Estado. Em Roma é que se ía realizar plenamente essa obra de elaboração do Estado como poder supremo e o absolutismo politico tendeu sempre a crescer, incorporando em si tanto o poder civil como o poder religioso.

O cristianismo representou a libertação do poder espiritual. "A Igreja foi a primeira a reduzir a soberania do Imperio Romano. Ela arrancava ao Estado pagão uma de suas forças seculares, tirando-lhe a parte do divino incluida em todas as magistraturas publicas da antiguidade" (1).

Mas a Idade Media não ia ser apenas uma inversão de poderes. O problema das relações das duas ordens publicas ia receber então os principios que para sempre terão de informá-lo, quaisquer que sejam as vicissitudes por que a historia faça passar as relações entre o Estado e a Igreja.

E desde o seculo V, em 494, vemos o Papa Gelasio I dirigindo-se ao Imperador Anastasium Augustum, em plena decadencia do Imperio Romano, não para significar-lhe o predominio completo da autoridade pontificia, nesse momento de decadencia do

(1) — *Georges de Lagarde.* Recherches sur l'esprit politique de la Réforme. Picard ed. 1926. p. 70.

Estado, e sim para marcar a justa separação das duas autoridades, em seus reciprocos dominios (1).

E quando, em 1885, pela Enciclica "Immortale Dei", assentou Leão XIII de modo luminoso o sistema de relações entre os dois poderes, não foi senão a explicitação da doutrina tradicional que nascera dos proprios labios de Cristo (2) e que os papas dos fins do Imperio Romano, Gelasio, Symmacho, Nicoláu, como os da plena Idade Media, Gregorio VII Pascoal II, Calixto II, Inocencio III ou os dos fins dela como Bonifacio VIII — tinham sustentado. "Deus dividiu o governo do genero humano entre duas potencias: a potencia eclesiastica e a potencia civil, aquela encarregada das coisas divinas e esta das coisas humanas. Cada uma delas é, no seu genero, superior a todas as outras; cada uma tem seus limites perfeitamente determinados por sua natureza e destino especial; cada uma tem, portanto, como que sua propria esfera na qual se move e exerce, de pleno direito, sua ação" (3).

Se recorrermos ás duas maiores autoridades historicas sobre as concepções politicas da Idade Media, os irmãos Carlyle na Inglaterra e Otto von Gierke, na Alemanha, todos aliás não-catolicos, vemos que concordam na afirmação de que a pura doutrina medieval nunca foi a da absorção dos dois pode-

(1) — "Duo quique sunt, imperator auguste, quibus principaliter mundus hic regitur: auctoritas sacrata pontificum et regalis potestas" (*F. Cavallera.* Thesaurus Doctrinae Catholicae. Beauchesne ed. IV — De Ecclesia et potestate civili nº 465).

(2) — "Reddite... quae sunt Caesar, Caesari; et quae... Dei Deo" (Rom. 13, 7; Matt. 22, 21).

(3) — Encycl. cit. "Immortale Dei" — I. Nov. 1885.

res em um só e sim a da separação harmoniosa e da cooperação entre ambos.

"Essa concepção de duas autoridades autonomas", escrevem os irmãos Carlyle no 5° volume de sua obra, o mais recente desse trabalho monumental a que vêm dedicando trinta anos de estudos ininterruptos, — "existindo ambas na sociedade humana, cada uma suprema, cada uma obediente, é o principio social que os Padres da Igreja forneceram á Idade Media e não uma concepção de unidade, fundada sobre a supremacia de um ou de outro poder. Como tentamos mostrar, essa concepção nunca se perdeu. Pois o sistema medieval de fáto sempre tendeu a esse dualismo e não á idéa de unidade, como ás vezes se tem sugerido" (1)

E, se tomarmos da obra, não menos monumental, se bem que mais antiga, do grande civilista alemão Otto von Gierke, não será outra a lição que aí vamos encontrar:

"O pensamento politico da verdadeira Idade Media", escreve Gierke, "parte do todo, concedendo porem a cada todo parcial (Theilganzan), inclusive ao proprio individuo, um valor autonomo" (2).

Vê-se logo como ao pensamento politico medieval repugnava todo monismo politico, procurando organizar a sociedade harmoniosamente, segundo as normas essenciais de todo pensamento verdadeira-

---

(1) — *R. W.* e *A. J. Carlile.* A history of Mediaeval Political theory in the West W. Blackwood and Sons 1928. vol. V, p. 455.

(2) — *Otto von Gierke.* Das deutsche Genossenchaftsrecht. Weidmmannsche Buchh. Berlin. 1881 — vol. III, 514.

mente catolico, que é um pensamento de hierarquia e de equilibrio, essencialmente contrario a toda absorção unilateral do poder.

A unidade e a variedade, duas condições fundamentais da vida e especialmente da vida humana, eram escrupulosamente respeitadas em todas as tentativas de reorganizar racionalmente a sociedade depois do descalabro do Imperio Romano. Este fôra o triunfo da *unidade,* a tentativa admiravel de organizar o universo debaixo de uma lei unica. A centralização excessiva do Imperio, o orgulho do cidadão romano como modelador do universo á sua imagem, levaram sem demora á hipertrofia da unidade, á absorção dos poderes autonomos pela força do Estado.

As invasões dos barbaros deslocaram a historia européa para o extremo oposto, demolindo a unidade romana depois de biparti-la. A' hipertrofia da unidade sucedeu a hipertrofia da variedade. E nenhum chefe barbaro, mesmo os mais seduzidos pelo prestigio de Roma, como Alarico ou Atila, nenhum deles conseguiu deter a tendencia invencivel á variedade desordenada, que havia nas populações germano-asiaticas que vinham desarticular a unidade romana.

A Idade Media, em sua estrutura politica, instruida pelo exemplo desses dois exageros opostos e informada pelo espirito cristão de equilibrio e hierarquia, — tentou exátamente organizar o mundo civilizado pela aliança harmoniosa dos dois principios fundamentais: a unidade e a variedade.

— "A Idade Media considerou como uma determinação providencial a conciliação da idéa de uma união universal dos homens com a divisão da sociedade na dupla organização da ordem espiritual e da ordem temporal. Em todos esses seculos aparece co-

mo postulado imutavel de direito divino que á duplicidade da natureza humana devem corresponder duas ordens distintas, uma das quais tem por fim preparar na terra o fim eterno na outra vida, e a outra, o fim terreno nesta vida. E cada uma dessas ordens aparece necessariamente como um cam po exterior particular, dominado por uma lei propria, dirigido por uma classe especial e formado por uma autoridade á parte." (1)

Eis, portanto, traçado pelas mais sabias e mais insuspeitas autoridades, não catolicas, uma imagem fiel do que foi essa luminosa tentativa de harmonia social, que ia em breve entrar em uma fase de desequilibrio congenito, que começou com a propria decadencia medieval e hoje em dia se encontra em periodo de crise e ainda sem solução.

Longe de nós a idéa de apresentar a Idade Media como um periodo de paz e harmonia completas. Seria um erro tão grande como o de apresentar essa fase historica como um todo unico. Nem Gierke, nem os irmãos Carlyle, na ordem politica, nem de Wulf nem Gilson, na ordem filosofica, para mencionar apenas quatro das mais incontestaveis autoridades no assunto, cáem nesse engano aliás tão comum entre apologistas e adversarios desses dois seculos que medeiam entre a pacificação dos barbaros na Europa post-greco-romana, e a revelação de continentes novos, a America, a Ãsia, a Africa mesmo, ao Renascimento europêu daquela mesma civilização grecoromana.

A distinção entre medievalismo e cristianismo é uma das grandes necessidades da ordem doutrinaria e historica para o estudo objétivo das civiliza-

---

(1) — *O. von Gierke* — op. cit. vol. cit., p. 518.

ções. E no problema das relações entre a Igreja e o Estado é preciso acentuar que ao equilibrio doutrinario estavel, ao menos durante os seculos de esplendor medieval, correspondeu sempre uma grande instabilidade na ordem dos fátos. Escrevendo uma sintese muito lucida e objétiva da historia da Europa, chega um dominicano inglês de nossos dias a afirmar que, por assim dizer, só houve um imperador, Otto III, e um Papa Silvestre II, que viveram em absoluta paz. "Quasi que só esses dois é que viram as esferas respectivas dos seus governos — o espiritual e o temporal — como compativeis e coordenadás e não em conflito". (1)

A luta entre o Imperio e o Papado, como mais tarde entre as monarquias e o Papado, encheram a Idade Media. E essas lutas, longe de representarem um argumento contra os principios informadores da teoria harmonizadora dos dois poderes, mostram apenas que as instituições, como os homens, seguem a mesma lei inevitavel de dualidade entre a ordem do espirito e a ordem da materia. As paixões, tanto no homem como na sociedade, tendem a perturbar a obra da razão e da vontade. De modo que a luta contra o mal é a propria condição constante da natureza, individual e social. Longe de diminuirem a Igreja, concorreram sempre essas lutas para eleva-la, como acentua o mesmo historiador que ha pouco citei.

"A luta contra os imperadores concorreu para espiritualizar o Papado, desviando-o de toda tentativa de dominar temporalmente o mundo. Vemos o grande chisma terminando pela definição do primado dos papas no Concilio de Florença em 1438, e a Reforma

(1) — *Bede Jarret O. P.* — A History of Europe. Sheed and Ward. 1929. p. 124.

terminando no Concilio de Trento, que alargou os poderes centrais da Séde Apostolica e o nacionalismo do seculo XIX terminando com o Concilio do Vaticano em 1870, que definiu a infalibilidade do Papa". (1)

Fique, portanto, bem claro que, ao mostrar a harmonia que houve nos principios, durante a fase alta da Idade Media, não desconhecemos nenhuma das vicissitudes dos fátos, durante esse periodo. A Igreja não se confunde com nenhum periodo historico, mesmo com aquele em que mais influiu, e foi a Idade Media. A Igreja vive por si, independente de todos eles, e só a má fé ou a ignorancia é que comumente confundem Igreja Catolica e Idade Media.

Procuremos rehabilitar a Idade Media das falsas acusações que lhe são lançadas por nossos adversarios. Mas saibamos sempre considera-la como um periodo historico tão sujeito a fragilidades e erros como outro qualquer, e não como um modelo para os seculos vindouros. Em torno da Idade Media se trava uma grande batalha. Os adversarios da Igreja e toda a massa do agnosticismo e do ateismo contemporaneos se jogam contra ela como um meio de enfraquecer o nosso ininterrupto esforço de espiritualizar, pelos principios da Revelação cristã, todos os seculos, as nações e as civilizações. E' natural que alguns dos nossos se excedam na defesa, para repelir as injustiças e as desfigurações.

A verdade, porem, se restabelece a cada momento e só quem conhece os tesouros com que a Idade Mdia concorreu para a civilização das idades subsequentes, póde ter o direito e a serenidade bastante para mostrar-lhe os erros e as insuficiencias.

---

(1) — *Bede Jarret* — op. cit. p. 135.

O problema das relações entre a Igreja e o Estado, portanto, se não teve na Idade Media uma solução pratica definitiva, como nunca terá sob o dominio do pecado, em que a humanidade vive, encontrou entretanto, como o demonstram hoje em dia os estudos mais minuciosos e objétivos, a solução mais consentanea com a natureza do homem e da sociedade.

— I I —

Vejamos agora, não na Idade Media mas na Idade Moderna, como se apresentam essas relações. E tomemos de um país em que mais intimas se apresentam: a Italia; e de um problema candente: o da educação.

Os termos da recente enciclica do Santo Padre sobre a "Ação Católica" já não permitem a menor duvida sobre a extrema gravidade dos fátos que se passaram na Italia e a tentativa, parece que desta vez ainda frustrada, por parte do Estado no sentido de monopolizar a educação das novas gerações. Pois este é, no fundo, informa-nos a palavra autorizada de S. S. Pio XI, o significado do movimento, a principio de imprensa, em seguida de ação destruidora, contra a Ação Católica.

O que se desencadeou, na Italia, acentúa o Sumo Pontifice, foi uma verdadeira perseguição. "E' com indizivel dor", escreve S. S., e os termos vivos e fortes em que está redigido esse documento bastam para mostrar o alcance da ofensa feita pelo regime fascista á Religião e ao seu Chefe atual, — "é com indizivel dor que vemos uma verdadeira e real perseguição desencadear-se nesta Italia, e nesta nossa propria Roma, contra aquilo que a Igreja e o seu Chefe têm de mais caro e de mais precioso em materia de liberdade e de direito, liberdade e direito que são os das proprias almas e mais particularmen-

te das almas juvenis, que lhe foram especialmente entregues pelo divino Criador e Redentor".

Oito dias antes da Enciclica, que foi dada á publicidade bem simbolicamente no dia da festa de S. Pedro, — pois o que vemos nesse conflito é mais um capitulo da tentativa imemorial de Cesar em usurpar os direitos divinos de Pedro, e a ele outorgados pelo proprio Verbo de Deus — no dia 20 de Junho já tinha o Sumo Pontifice ressaltado publicamente, numa alocução aos professores e alunos do Colegio de Propaganda da Fé e outros institutos pontificios, o caráter de verdadeira perseguição religiosa existente na Italia.

"Não é apenas no Mexico, não é apenas naquela região que chamam de Bolchevista, não é apenas em outros paises onde a perseguição contra a Igreja faz derramarem-se tantas lagrimas e produz tantos danos; não é apenas por lá. Disseram que não se trata de uma perseguição contra a Igreja. Em certo sentido isso é exáto: não é contra a Igreja, mas é contra a parte mais alta (piu squisita) da Igreja; não é contra o Pai, mas é contra o seu coração, contra a propria pupila dos seus olhos". (1)

Pois ninguem ignora todo o devotamento que Pio XI tem dedicado, desde o inicio do seu pontificado, á obra da Ação Católica. Perfeitamente a par das necessidades de nossa época, e com a graça especial de sua qualidade de Vigario de Cristo na terra, o Santo Padre viu desde logo que o problema central do mundo moderno era o problema social e que no campo da vida em comum é que se está travando a imensa batalha entre as forças do Espirito e as forças da Materia, neste momento de remodelação pre-

---

(1) — "La Civiltá Cattolica". 4-7-31, p. 60.

cipitada do mundo. Toda a sua obra imensa de doutrinação, por meio de Enciclicas sucessivas e memoraveis, que já agora o colocam á altura em que se colocou o seu glorioso antecessor Leão XIII, assim como o seu apostolado pratico de organização educativa, corporativa e missionaria — mostram nesses poucos anos de pontificado a intenção visivel da Providencia em colocar a Igreja, mais uma vez, na vanguarda da historia, para salvar as almas da anarquia libertaria da incredulidade moderna, e a civilização — da ordem autoritaria néo-pagã dos nossos dias.

Essa posição da Igreja, — que é hoje a mesma que ha dez, quinze ou vinte seculos em sua essencia, mas que vem evolvendo á medida das necessidades dos tempos, — coincide hoje em dia com o movimento crescente que desde o Renascimento vêm assumindo as fórmas modernas do absolutismo do Estado. Vimos, acima, que a Idade Media não representou a subordinação do Estado á Igreja, como o fazem crer correntemente historiadores apressados ou sociologos tendenciosos, como Kaustsky, por exemplo, porta-voz autorizado do materialismo historico comunista (marxista mas antileninista, como se sabe). Kautsky vê o Renascimento, como sendo nesse ponto a troca da posição entre o Estado e a Igreja: aquele passando de servo a senhor e esta de dominadora a escrava. (1)

Mas o que a Idade Media revela aos historiadores desapaixonados, como o vimos com citações irrefutaveis de Gierke e dos irmãos Carlyle, todos não católicos, é um quadro muito diverso.

---

(1) — *Karl Kautsky* — Die materialistische Geschictsauffassung — J. H. W. Dietz. 2ª ed. vol. II, p. 425.

"Para definir o pensamento medieval, é preciso, portanto, abandonar a idéa de uma Igreja especie de super-Estado, englobando e dominando todas as sociedades temporais e impondo a unidade da vida social sob a soberania pontificia... A caracteristica essencial da idade media é, ao contrario, a existencia de uma vida social ordenada em torno de um duplo principio, de uma dupla jurisdição, de uma dupla autoridade... Para caracterizar a idade media, é preciso por conseguinte não falar em teocracia, e sim sublinhar a dualidade essencial da vida social ordenada sob um duplo poder, regulado por uma dupla jurisdição, medida por uma dupla legislação; é preciso mostrar que o Estado, em vez de ser isolado e exclusivo, é forrado de uma sociedade espiritual independente, que o limita e o completa ao mesmo tempo". (1).

Esse dualismo social corresponde ao dualismo essencial do universo (natureza e graça) e do ser humano (corpo e alma). Dualismo no sentido aristotelico tomista, das duas realidades *fundidas* e não *coexistentes,* como desastradamente o veiu fazer, mais tarde, o dualismo cartesiano. Esse falso dualismo, que separava radicalmente os dois principios (*pensée* e *étendue*), dando-lhes uma união acidental no ente humano, preparou o terreno para o *monismo* que pouco a pouco foi conquistando todos os dominios e no seculo XIX veiu a formar as duas grandes correntes filosoficas do seculo, a do monismo idealista partindo dos filosofos romanticos alemães, Fi-

---

(1) — *Georges de Lagarde* — Recherches sur l'esprit politique de la Réforme. ed. Aug. Picard. 1926. p. 78-81.

chte, Schelling, Schleiermacher e a do monismo naturalista de Feuerbach, na Alemanha, de Comte em França, de Spencer na Inglaterra e hoje em dia de toda a civilização especificamente anti-cristã e anti-espiritual dos nossos tempos.

O *monismo politico* é a corrente que acaba de revelar-se, com uma virulencia que a todos surpreendeu, no Fascismo italiano, como é ele que corrompe o comunismo russo, o radicalismo mexicano, o laicismo francês, o hitlerismo alemão e o demagogismo espanhol.

Data do seculo XIV essa tendencia ao *absolutismo politico,* que foi assumindo varias formas no correr dos seculos. A principio — *absolutismo do Rei.* Teoricamente, com Machiavel e a sua volta á concepção romana do Estado e sobretudo com Hobbes, que foi o grande secionador, na ordem politica dos ultimos laços que a ligavam á ordem moral e á ordem divina, pois "o interesse é para ele o fundamento de todos os valores". (1) Praticamente, com a formação das monarquias absolutas.

Em seguida — *absolutismo do Povo,* com a Revolução Norte-Americana de 1776 e a Francesa sobretudo, de 1789. Esse absolutismo do povo foi que caracterizou o seculo XIX e a fase do maximo esplendor da civilização individualista, durante a qual é o *numero* que faz a lei. Foi a fase do absolutismo disfarçado, na luta imemorial do Estado contra a Igreja, e que se caracterizou, por vezes, por um regime de separação moderado e respeitoso como o norte-americano ou o nosso, ou sectario e dissolvente, como o francês.

---

(1) Vinzens Rüfner. Der Kampf ums Dasein. Verl. Max Niemeyer. 1929, p. 75.

Finalmente, começamos a rever no seculo XX, uma nova fase de absolutismo patente, com o absolutismo de classe na Russia, que é a mais moderna expressão de monismo politico, e, no extremo oposto da sociedade contemporanea, com o absolutismo da Nação, na Italia e da Raça na Alemanha.

Essa é a analogia que no fundo liga esses dois regimes contraditorios da Europa moderna. As raizes profundas de ambos são identicas, pois ambos vão embeber-se no *monismo filosofico* que vemos na raiz de toda a sociedade moderna. Apenas, foi cada qual procurar embeber-se em uma daquelas duas fórmas de monismo que acima apontamos — o idealista e o materialista.

O fundamento filosofico do bolchevismo é o *monismo materialista* (1). Ao passo que o fundamento filosofico do fascismo é o *monismo idealista*, de-

---

(1) "O genio de Marx e Engels consiste exátamente em ter, durante um longo periodo (cerca de meio seculo), dedicado todos seus esforços em desenvolver o materialismo, em fazer progredir uma tendencia fundamental da filosofia, em prosseguir nessa tarefa com espirito de continuidade, sem marcar passo ou voltar sobre questões gnoseologicas já resolvidas, e em ter mostrado *como* aplicar esse materialismo ás ciencias sociais... (pois) existe uma base, cada vez mais larga e poderosa, contra a quel veem partir-se os esforçes das mil e uma escolas de idealismo filosofico, de positivismo, de realismo, de empiri - criticismo, em suma de todo o confusionismo". Essa base é o *materialismo das ciencias naturais*". (*V. I. Lenin* — Materialisme et Empiriocritisme. trad. fr. Oeuvres Complètes — ed. Soc. Int. 1928, vol. XIII, p. 293, 294 e 307).

rivado tambem de Hegel, como foi a principio o pensamento filosofico de Marx (1), mas alterado e convertido em néo-hegelianismo, pelos dois grandes filosofos da Italia moderna, Croce e Gentile.

Este ultimo é propriamente — *o filosofo do Fascismo,* e a sua concepção da Igreja, — para não alongarmos esta pagina, tocando em outros pontos de sua concepção filosofica do Fascismo — é uma concepção bebida do monismo de Hegel, que começou pelo monismo politico estatista. O mesmo se dá com Gentile. Para este, a unica realidade social é o Estado. Nem o individuo nem a Igreja possuem existencia senão integradas no tronco do Estado.

"O individuo não existe senão na historia, isto é, como membro da sociedade e mesmo de uma sociedade historicamente determinada, e não pode ter direitos senão em função desse organismo espiritual de que participa... Não é, portanto, o individuo que cria o Estado e antes o *Estado* que cria o individuo" (2)

E, se a pessoa humana, para Gentile, não tem existencia substancial, separada da sociedade, tambem a Igreja não tem liberdade senão *concedida* pelo Estado.

---

(1) — "Essa filosofia (de Karl Marx)... parece revelar-se de repente, como tendendo a assumir em metafisica uma posição identica á de Hegel... E' preciso logo, porém, advertir que as reminiscencias hegelianas são apenas, para Marx, um simples corretivo ao materialismo de Feuerbach". (*C. Scalia.* Realismo cientifico e idealismo hegeliano (a proposito dela filosofia di Carlo Marx). F. Ferrari ed. Roma. 1923, p. 15).

(2) — *Giovanni Gentile.* Che cosa é il fascismo. Valechi editore. Firenze. s. d. p. 193.

"A contradição (de Cavour) nascia do conceito de liberdade da Igreja em face do Estado, não como liberdade que o Estado na sua soberania ilimitada e originaria lhe confere e garante, mas como liberdade de que a Igreja seja originariamente revestida e que limite assim e condicione a soberania do Estado". (1)

Para o filosofo oficial do Fascismo, portanto, o Estado tem uma "soberania ilimitada" e a Igreja só póde existir como dependencia e orgão do Estado, pois é essa — "a unica liberdade que a Igreja póde ter, não enquanto separada do Estado e acampada em uma esfera exterior ao ambito de ação que o Estado alcança instaurando todo direito e toda liberdade (sic), mas enquanto ela mesma (a Igreja) está compreendida nesse ambito, tal e qual todas as demais instituições e atividades espirituais, ás quais o Estado deve garantir a liberdade, dentro do Estado." (2)

Eis aí claramente expresso o conceito de absolutismo do Estado tal como o compreende o Fascismo, para o qual o individuo só existe como "criação do Estado" e a Igreja só tem liberdade "dentro do Estado"! Esses principios contradizem categoricamente toda a doutrina filosofica do catolicismo, para o qual o ser humano tem uma existencia substancial. uma finalidade independente da do Estado, e a Igreja tem direitos naturais e sobrenaturais inviolaveis.

Em face de tal concepção filosofica, era realmente dificil que mais cedo ou mais tarde não rompesse o conflito. Todo regimen politico, social ou pedagogico possue uma base filosofica e essa cedo ou

---

(1) — *G. Gentile.* op. cit. p. 194.
(2) — *G. Gentile.* op. cit. p. 195-196.

tarde se revela na pratica. Foi o que se deu com o Fascismo, que assentou, segundo uma ideologia que declaradamente se resolve em uma verdadeira e propria estatolatria pagã não menos em contraste com os direitos naturais da familia, do que com os direitos sobrenaturais da Igreja". (1)

Como vimos das palavras da filosofia do fascismo, o Estado não reconhece nem os direitos originarios do individuo, nem os da familia, nem os da Igreja, pois só ha direitos quando emanados do proprio Estado.

Nessas condições, era fatal o dissidio que óra se produziu e chegará a uma rutura definitiva, se o Fascismo, como regime *historico,* não abandonar a sua ideologia filosofica.

Pois, neste momento em que devemos condenar asperamente a traição do fascismo á sua missão social, e em que devemos mostrar a logica inevitavel de suas falsas bases filosoficas e denunciar os atentados que praticou contra a Igreja, como se fosse qualquer fanatismo russo ou mexicano, — não devemos esquecer tambem os grandes serviços que prestou e ainda póde prestar á Italia e á civilização moderna, como expressamente o reconhece, nesse mesmo admiravel documento, o grande pontifice que a Providencia em boa hora colocou á frente da Cristandade universal.

Nosso dever, portanto, é reconhecer a incompatibilidade profunda entre a filosofia politica fascista, ramo do monismo absolutista socializante dos nossos tempos, e ao mesmo tempo render homenagem aos altos serviços historicos prestados pelo mesmo á civilização.

---

(1) — Enciclica sobre a "Ação Católica" — 29—6—31.

Esse dissidio mortal entre a benemerita missão *historica* do fascismo e a desastrosa concepção *doutrinaria* de sua filosofia politica, é dos problemas mais graves de hoje em dia, na cooperação necessaria das duas grandes forças da sociedade — a Igreja e o Estado. Se o fascismo fosse fiel á sua *missão historica,* o que infelizmente se torna dia a dia mais duvidoso, poderia figurar na historia como o salvador *politico* da civilização cristã. Mas ao contrario, — como tudo desgraçadamente faz crer, — se prosseguir na logica diabolica dos seus falsos postulados filosoficos, passará em breve para a categoria de mais um napoleonismo efemero e que se poderá converter apenas, — do que Deus nos preserve, — em um tragico episodio sangrento do suicidio da civilização burguesa.

VIII — Deveres hierarquicos dos católicos

Tres me parecem ser, em ordem hierarquica crescente, os deveres de todos aqueles que, neste momento, reconhecem a necessidade de optar entre os caminhos que nos deparam e almejam manter o Brasil cristão, curando-o dos males que lhe vieram, mesmo no terreno espiritual, dos defeitos de sua formação historica:

Dever social;
Dever cultural;
Dever espiritual.

O *dever social* dos católicos, neste momento tragico da nacionalidade e do mundo, é saírem a campo para proclamar os seus principios, para colaborar no governo da sociedade, para fazer o apostolado de suas idéas, para prégar a cristianização da familia, da escola, da fabrica, do tribunal, do palco, do livro, do Estado.

Cada católico de hoje tem de convencer-se de que não póde fechar-se em casa, a não ser para uma obra que aproveite á sua Causa. Foi-se o tempo do Catolicismo convencional ou comodista. Precisamos hoje do Catolicismo de Cruz, e não do catolicismo de poltrona. Precisamos do catolicismo dos moços e não da aposentadoria, na Igreja, dos que nada mais têm a sacrificar ao amor de Jesus Cristo. Precisamos de católicos que sáiam a campo para trabalhar. Que

vençam a indiferença do nosso meio, o cepticismo dos incredulos, o respeito humano e o comodismo. Que cada um se convença de que sua atuação não é nunca desprezivel e secundaria. Pensemos sempre que de nossa atividade, por mais banal que seja, desde que a impregne o verdadeiro amor de Jesus Cristo e de sua Igreja, depende a sorte de Deus na sociedade, se é possivel assim me exprimir.

O *dever social* que nos compete, como primeiro degráu de nossa ascensão para Deus, póde ser variado, como variadas são as tarefas que nos competem. Mas o essencial é que não julguemos que a atividade pedagogica, a atividade administrativa ou profissional, de qualquer genero que seja, possa ser indiferente á nossa atitude espiritual. Temos, como católicos, de fazer ciencia como os melhores homens de ciencia, de fazer poesia como os melhores poetas, de ser operarios ou homens de genio com a conciencia identica do dever a cumprir. Pois o catolicismo não é confusão do sobrenatural e do natural, e sim plenitude, harmonia, distinção clara e justa dos valores.

O católico de hoje, portanto, mais do que nunca, tem um dever de ação social tão grave, como os mais altos deveres para com Deus. Pois não servimos a Deus apenas pela oração e sim com todos os atos, os mais humildes e quotidianos de nossa vida, desde que sejam feitos por amor de seu Divino Filho.

O dever politico, economico, pedagogico, profissinola ou simplesmente familiar, aplicando a cada um os principios mais puros da Fé e da Razão, é, portanto, o primeiro dever dos católicos concientes de nossos dias.

Esse dever social, porém, exige como complemento indispensavel o *dever cultural*. Realmente, nada de util podemos fazer, no plano da ação social, se

previamente não nos prepararmos pelo conhecimento perfeito de nossa atitude católica em face da vida. Bem sei que basta uma palavra de arrependimento, um gesto de amor, para que se resgate toda uma vida de erros, de pecados. Mas não estamos aqui tratando apenas da salvação individual. Se essa nunca póde estar ausente de nossa atividade, pois o fim que governa todos os nossos atos é a beatitude suprema, a visão de Deus, — o que aqui nos está ocupando é o problema politico da nacionalidade em toda a sua responsabilidade. E, assim sendo, torna-se o problema do conhecimento de nossa Fé um problema mais importante ainda que o da nossa ação social, pois isto de nada valerá se não fôr guiado por um conhecimento seguro do caminho que temos a empreender. Muita gente não suspeita sequer da dificuldade de certos problemas, da sua complexidade enorme. E sobretudo das raizes filosoficas que implicam. Precisamos conhecer pelo menos as linhas gerais de uma metafisica conciente para não sermos levados a cometer a cada passo os maiores tropeços em metafisicas inconcientes e contraditorias entre si. O mais frequente desses erros, para dar um exemplo concreto, está na equivalencia que muita gente de boa fé encontra entre a solução católica e a solução socialista da questão social. Iludidos por certas coincidencias na solução concreta de certos problemas, esquecem-se de que a filosofia social que anima uma e outra solução é diametralmente oposta e que resolver socialisticamente um problema social é sempre o oposto a resolvê-lo católicamente, embora no momento e em concreto as soluções coincidam. E' um exemplo entre muitos da necessidade indispensavel do *dever cultural* para que a ação social não se torne desordenada ou mesmo perniciosa. E o que sucede com a solução socialista, ocorre tambem com a solução *liberal* que muitos não sabem distin-

guir da solução católica, que lhe é radicalmente contraria em seus principios.

O terceiro dever, enfim, que toca aos católicos, para trabalharem eficientemente por uma politica integral, isto é, por um governo racional, eficiente e justo da nacionalidade, é o *dever espiritual.* E', sem duvida, o mais elevado e o mais perfeito de todos pela propria natureza da atividade. E' o dever espiritual que governa todos os demais. Podemos ser muito ativos, em nossa ação social; muito conhecedores da nossa doutrina e do nosso campo de ação, isso tudo de nada nos valerá, como dizia S. Paulo, "sem caridade". Não é a caridade apenas essa bondade vulgar que nos leva a dar uma esmola ou a compadecer-nos de um sofrimento. A caridade, que é a unica virtude perfeita, é aquela que nos faz trabalhar sempre unidos a Deus, pelo amor de Cristo, colocando sempre o desprendimento total de nosso ser acima de todas as solicitações. Esse dever espiritual de união constante com Deus, de atividade religiosa intensa e incessante, de pratica amiudada dos sacramentos, é que faz a nossa vida sobrenatural. Um equivoco frequente nos leva a julgar que a vida sobrenatural começa quando cessa a vida natural. Outras vezes julgamos que a vida sobrenatural é apenas o ascetismo, a contemplação, a vida eremitica. Outros ainda se enganam confundindo-a com o preternatural (isto é, o sobrenatural relativo), o misterioso, quasi o taumaturgico.

Não é nada disso a vida sobrenatural. Entrelaça-se, intimamente, com a vida natural, pois é a graça santificante, são as virtudes teologais, é o milagre, a revelação, a profecia, tudo o que faz parte de nossa vida quando vivida, *em* Cristo e *por* Cristo. Nada mais. O que a caracteriza é a simplicidade. O que a eleva é a caridade. Nada mais, E, no entanto, tudo o mais depende dela. Se formos homens de

ação católica ou de ciencia católica perfeitamente desejosos de cumprir com os nossos deveres, mas faltarmos ao dever primordial de tudo fazer *para* Cristo, e *em* Cristo e *por* Cristo, de nada nos valerá a nossa inteligencia ou a nossa ação. Pois é a vida sobrenatural, em ultima analise, que governa, que conserva e que fecunda a nossa vida natural.

Se quisermos, portanto, concorrer para arrancar a vida politica do desprestigio em que hoje vive e ainda mais colocar o Brasil e, através dele, a civilização, no caminho da verdadeira solução para os males atuais do mundo, — não nos basta ser homens de ação católica, não nos basta ser homens de pensamento católico, mas basta-nos, isso sim, ser homens de santificação católica. A ação e o pensamento nada valem sem a caridade. Mas esta sozinha vale por todas as virtudes. A salvação da sociedade não está no governo dos politicos. Está na caridade dos santos. A ciencia dos santos, portanto, é a ciencia politica suprema. E só no dia em que os politicos o compreenderem é que podemos esperar porventura um pouco de paz no governo das sociedades humanas.

1932.

IX — Dever Cultural dos Católicos

Segundo as mais explicitas prescrições das Enciclicas e recomendações da Santa Sé, não devem de modo algum os católicos fugir ao cumprimento de seus deveres civicos. A vida de um católico decorre no seio de varias sociedades, umas naturais, outras artificiais, umas perfeitas, outras imperfeitas, mas todas com a sua natureza especifica e exigindo dos seus membros o cumprimento de obrigações decorrentes dessa natureza.

Não é permitido a um católico, a não ser pela exceção da santidade, que é a perfeição, mas não a norma, eximir-se ás consequencias que decorrem de sua participação nessas sociedades. E, como o Estado é uma sociedade perfeita, e é mesmo a unica sociedade *temporal* completa, cabe ao católico, membro de um Estado, prestar á communidade todos os serviços exigidos pela sua participação nos beneficios da vida civil. E o mais elementar desses serviços é a participação *eleitoral* na vida da nação organizada. Mostrámos, então, como a confusão reinante em nossa vida publica não permitia aos católicos tomarem, de momento, uma orientação politica mais precisa ou antes assumirem, coletivamente, uma intervenção de mais peso na orientação de nossos rumos politicos. Cabe-lhes, a nosso ver, acompanhar a nossa vida publica no sentido de impedir que, na desorientação ambiente, se vejam envolvidos ou sacrificados os principios que a Igreja reputa basicos para a conservação, na vida publica, de um minimo de espirito cristão.

Essa é, segundo nos parece, a exigencia que aos católicos apresenta o momento politico que atravessamos. Nem nos desinteressarmos dele, nem nos arregimentarmos em *partido*. Nem ficarmos indiferentes e "au dessus de la mêlée" na atitude apatica ou displicente dos ceticos ou dos sibaritas, — nem mergulharmos imprudentemente nas ondas revoltas de um cáos politico que até hoje, desde a Revolução de 1930, só tem feito tragar aqueles que imprudentemente têm tentado atravessar o pelago, a nado... E o dever eleitoral é o minimo exigido para manter o equilibrio necessario, nem fugindo á liça nem nos embaraçando nela.

O dever politico, porém, não póde ser, para um católico, o seu dever supremo. Não julgamos que a vida civica seja a mais nobre das vidas e muito menos que esgote os nossos idais de homens. Pois, mesmo ficando apenas no terreno das coisas temporais, onde ainda temos de nos conservar antes de chegar ao plano superior das finalidades supremas, mesmo assim ha um dever superior ao dever civico: é o dever cultural. Se o individuo deve sacrificar-se ao Estado, este tem por fim a personalidade humana. O homem tem direitos proprios anteriores e superiores aos direitos do Estado. De modo que este tem de respeitar a personalidade de *todos* os seus cidadãos, sacrificando a sua soberania, relativa apenas ao ambito de sua finalidade, em tudo quanto possa afétar esses direitos superiores e anteriores da pessoa humana.

Ha, portanto, teoricamente falando, um dever *cultural* superior ao dever *politico*. O homem, como individuo, isto é, por tudo o que o prende á natureza creada, é que vive como "animal sociale et politicum" (De Regno I, I). Como individuo é que deve subordinar o seu bem proprio ao bem comum da comunidade em que vive. Como pessoa, porém, isto é, por

tudo o que o prende a Deus, vive o homem em contato com uma vida superior, mantida a cada momento pelos "habitos" de sua natureza racional, e que o fazem deslocar do bem comum para o bem espiritual essa subordinação em que naturalmente se encontra, no processo incessante para Deus que deve ser a sua vida interior.

Não lhe será possivel, porém, em condições normais, preencher esse seu dever de elevação a Deus, pelos habitos adquiridos e virtudes infusas, sem que ordene para tal fim a sua natureza intelectual. E daí ser a educação, não só uma inclinação natural, mas ainda um preceito de lei inata, segundo a sentença de S. Tomaz: "Secundum ordinem inclinationum naturalium est ordo praeceptorum legis naturae" (1). O homem pode ser encarado, assim, por tres faces: como *substancia,* como *animal,* e como *racional.*

Como *substancia,* inclina-se o homem á sua conservação propria e por esse motivo veda a lei natural tudo o que a contraria, como o suicidio, e recomenda o que a estimula, como a nutrição.

Como *animal,* inclina-se o homem a conservar a especie e como tal veda a lei natural tudo o que impede essa transmissão da vida e tudo o que retira aos pais a educação dos filhos, recomendando ao contrario tudo o que leva a essas finalidades.

Como *racional,* enfim, é o homem inclinado naturalmente a conhecer a verdade e a viver em sociedade. E assim veda a lei natural que o homem viva em ignorancia ou ofenda ao direito de sociabilidade, exigindo ao contrario que se instrua e viva socialmente (2).

---

(1) — Summa Theol. 1, 2 q. 94, a. 2.

(2) — *Gredt* — Elementa Philosophiae Aristotelico-Thomisticae. Herder. II, 939, 2.

A instrução e a educação, portanto, constituem inclinações naturais do homem, que se convertem em preceitos da lei natural. Ha, por conseguinte, um *dever cultural* do homem, como ha um *dever politico,* e sendo o primeiro aplicado á educação da personalidade humana, isto é, do que no homem revela a participação imediata de Deus, é um dever superior ao proprio dever politico.

Eis, portanto, em tése a hierarquia dos deveres humanos na ordem das atividades naturais. O dever cultural é preceito de lei natural a que nenhum ser humano se póde esquivar e que supera o proprio dever politico, segundo a hierarquia natural de suas finalidades — o bem comum da sociedade civil e o bem da personalidade superior do homem, á qual a propria sociedade se subordina.

Se assim é, doutrinariamente, mais imperioso se torna diante de nossas condições sociais particulares. Ha mais de trinta anos assim se exprimia Julio Maria, estudando as condições do nosso meio nessa fase moderna de nossa vida religiosa, a que ele chamou de "periodo de combate":

— "A principal necessidade das paroquias brasileiras é a doutrinação, mas o nosso pulpito, se ainda fala, isto é, se faz panegíricos e sermões de festa, não ensina. Nas paroquias, a maioria dos fieis não têm idéa clara do que crê e pratica... A hídropsia de suas festas não encobre a anemia de sua fé, que é mister retemperar. Como? O ensino, eis o grande remedio, a grande necessidade do momento atual. Ás novenas, as devoções, as festividades, feitas com os devidos requisitos, são cousas boas; mas o principal, o essencial, a cousa boa por excelencia, a maior de todas as obras da caridade paroquial é — ensinar os

ignorantes. A ignorancia da religião, eis o inimigo, a doutrinação, — eis a grande arma apostolica" (1).

O quadro desolador que Julio Maria traçou das condições de cultura dos católicos pouco se alterou para melhor desde esse tempo. E o remedio apontado continua a ser o mesmo. Vivemos aqui na ignorancia de nossa fé. E' diminuto o numero daqueles que compreendem perfeitamente a magnitude da luta em que se acha empenhada a Igreja Católica, em nossos dias, e tambem os perigos de que se acha ameaçado o catolicismo em nossa terra. Pouco se lê, pouco se investiga e raros se preparam para enfrentar os obstaculos tremendos que cada dia se levantam contra nós.

Tudo isso é que é preciso mudar radicalmente. Já não estamos nos tempos do catolicismo convencional ou tradicional. Com a difusão, pela imprensa, pela tribuna, pelas catedras, pelos livros e revistas européas e norte-americanas, pelo cinema, enfim, por todos os meios mais rapidos e modernos de disseminação, com a pronta difusão de toda a revolução ideologica que anda pelo mundo, mudaram-se radìcalmente as condições de nosso meio. A fé já não pode ser apenas uma questão de *respeitabilidade,* como desgraçadamente ainda vemos demais nos meios de nossa burguesia decadente. A fé tem de ser uma conquista continua sobre si mesmo e sobre as idéas loucas que andam soltas por esse mundo dramatico e desordenado em que vivemos. Aqueles que não estiverem preparados para defender racionalmente as suas crenças depressa as deixarão amortecer em seu coração, pois o homem não crê por muito tempo aquilo que crê sem conhecer e sem saber porque acredita.

---

(1) — *P. Julio Maria* — A religião, in "Livro do Centenario". Imp. Nacional. 1900, I, 89.

Por que vemos, em torno de nós, a falencia de tantos politicos ou administradores católicos, que no uso de seus cargos procedem como perfeitos agnosticos ou ateus? Porque ignoram geralmente os principios da fé e do pensamento católico e estabelecem verdadeiros compartimentos estanques em sua atividade, fechando o compartimento religioso quando abrem o politico e o economico...

Por que vemos a impossibilidade de influirmos mais decisivamente nos destinos politico-sociais de nossa terra? Porque não temos um grupo numeroso de homens bastante habilitados para pôr em ação os principios católicos na vida concreta da nação.

Por que não conseguimos meios para fundar um grande jornal católico quotidiano, que orientasse doutrinariamente a vida nacional, e vivem as nossas revistas uma existencia precaria e apagada?

Porque não ha, entre os católicos de recursos, noção suficiente de suas responsabilidades, por ignorancia do que é a Igreja e do que são as suas necessidades mais urgentes, no meio dos inimigos patentes ou ocultos que a circundam.

Por que vemos os peores venenos morais se inocularem em nossas familias, levando-as a aceitar inconcientemente todas as téses do materialismo sexual hoje em voga, nas sociedades burguesas ou proletarias? E' que a mocidade católica não conhece os seus deveres, não é instruida suficientemente nas leis naturais, morais e cristãs que regulam os atos mais serios de sua existencia.

E assim por diante, num rosario de perguntas dolorosas e respostas identicas que teriamos de dar a toda a verificação da apatía, da inercia, do apagamento, da mediocridade de nossa vida católica.

O remedio para tudo isso é o mesmo que o grande Julio Maria recomendava ha 33 anos: a doutrinação, a luta contra a ignorancia religiosa.

E' certo que as sombras do quadro já puderam ser tocadas, desde então, de certas notas de luz. O funcionamento quasi ininterrupto, ha cerca de 20 anos, da Faculdade de Filosofia e Letras de S. Paulo, fundada pelo benemerito D. Miguel Kruse — dirigida pelos admiraveis monges da abadia beneditina de S. Paulo e com seus dois guias incomparaveis, de cultura superior, de sã filosofia tomista, de ortodoxia perfeita e espirito de apostolado pedagogico, como são os professores Leonardo van Acker e Alexandre Correia; a fundação do Centro D. Vital, por Jackson de Figueiredo, e sua lenta mas segura irradiação pelo Brasil; a apostolado intelectual de um Leonel Franca; o trabalho intenso de alguns seminarios, formando uma nova geração de clerigos de curiosidade intelectual mais ampla e espirito apostolico, sem falar em todos esses esforços obscuros e solitarios de aprender, de buscar a verdade, — tudo isso poderia trazer alguns toques de luz ás sombras que Julio Maria espalhou pelo seu quadro da realidade católica brasileira.

E' muito pouco, porém, em comparação com o que deveria ser e com o que resta a fazer. E basta que cada um de nós olhe para dentro de si mesmo e veja a deficiencia de sua cultura religiosa para concordar que o pouco que se fez ainda é nada em relação a tudo o que resta a fazer...

O dever cultural dos católicos ainda é mais urgente que o seu dever politico. Pois é inutil tentarmos influir no governo do país, cristianizando a Nação e o Estado, sem possuirmos uma *élite* realmente adextrada que esteja em condições de pôr em movimento as grandes massas eleitorais, em torno de nossas idéas construtoras. E que possa resistir á pressão das ideologias destruidoras que a cada momento nos assaltam, como ainda ha anos tivemos ocasião de ver no infeliz "Manifesto dos Pioneiros da Educa-

ção Nova", que reuniu um grupo de *élite* dos nossos educadores, em torno de um programa monstruoso de materialismo pedagogico e de monopolio educativo do Estado, que é a negação de todos os direitos naturais de Deus, da Igreja e da Familia na educação da mocidade.

Para impedirmos que essas e outras aberrações venham precipitar o resvalamento da nossa burguesia materializada para a filosofia comunista nesse e noutros terrenos, e venham tambem dificultar o esforço de recristianização das massas e das *élites*, em que se acham empenhados os católicos no Brasil, — é que precisamos cuidar do nosso dever de cultura com atenção ainda maior que do nosso dever politico.

Para podermos cultivar cristãmente a nossa terra, temos que começar por educar seriamente a nossa inteligencia. Emquanto não vencermos a nossa propria ignorancia, é vão nos lamentarmos da ignorancia alheia. Por isso, o dever cultural dos católicos é a condição primordial de qualquer ação católica verdadeira em nosso meio social ou politico.

1932.

X -- Dever Político dos Católicos

Com o fracasso incontestavel da Revolução de Outubro, ficou o país, ou, antes, a opinião politica do país dividida em dois grandes grupos: o dos constitucionalistas e o dos anti-constitucionalistas.

Os primeiros pleiteando que o regimen "discrecionario" ceda, sem mais demora, ao regimen legal, mesmo com a volta integral da Constituição de 91, ainda venerada como um monumento "aere perennius", como se viu com a fundação do Club 24 de Fevereiro em acintosa oposição ao Club 3 de Outubro.

Os ultimos optando pela permanencia do regimen discricionario, afim de permitir — ou aos homens que fizeram a Revolução ou á opinião esclarecida pela experiencia e pelo estudo de novas idéas politicas, a possibilidade de iniciarem nova fase constitucional em bases diversas daquelas em que assentou a primeira Republica.

Nada nos aconselha a tomar partido, pois estamos acima dos partidos. Não nos interessa a *Constituição*. Interessa-nos *que Constituição*. Não nos interessa saber se são os politicos "profissionais" ou os politicos "amadores" (estes porventura mais perigosos que aqueles, pois somam, ao impreparo de todos, a inexperiencia) que estão em vias de reorganizar a Nação. O que nos interessa é saber se esta continuará divorciada do Estado ou se vai voltar, ao contrario, a ter na vida deste o papel essencial que

deve desempenhar. O que nos interessa é manter católica a Nação, desenvolver, purificar, intensificar a conciencia desse catolicismo, tantas vezes deturpado por elementos estranhos, — afim de que possa com eficiencia trazer o seu espirito á formação do Estado, não permitindo que ideologias estranhas á sua indole venham perpetuar a dissociação em que até hoje têm vivido, entre nós, Governo e Povo.

Temos, portanto, no terreno politico, nossa tarefa dividida em duas etapas, conforme nos dedicarmos:

a) — á Nação.
b) — ao Estado.

Não são necessariamente duas tarefas *sucessivas.*

Se o fossem, na ordem acima indicada, a consequencia imediata seria o desinteresse pelo problema politico. Se devessemos primeiro agir sobre a *nação,* para depois atuar sobre o *Estado,* teriamos de deixar que os problemas propriamente *de governo* se fizessem á nossa revelia, limitando-nos a trabalhar pela cristianização das massas e das *élites.* Teriamos a nossa ação limitada á esfera *cultural,* propriamente dita, sem intervenção qualquer em outros dominios.

Se, pelo contrario, tivessemos qualquer ideal estritamente *politico,* teriamos de proceder de modo inverso, começando pelo Estado e deixando a nação para depois. Tentariamos então cristianizar o Estado, para através dele conseguirmos espiritualizar a nação.

Cremos que ambos os processos encontram defensores, mesmo entre os melhores católicos.

Pensam uns que a nossa ação (e, quando nos referimos á *nossa* ação, não aludimos apenas ao movimento propriamente *vitalista,* mas ao dever dos católicos em sua generalidade neste momento grave da nacionalidade e da civilização) se deve totalmente desinteressar do problema politico. Que devemos

deixar aos politicos esse terreno perigoso e ingrato, evitando qualquer contacto mais intimo com eles e com a sua atuação. Pensam esses, católicos ou não, aos proprios interesses da Igreja na politica é perniciosa aos proprios interesses da Igreja e do catolicismo criando "problemas" que ainda não possuimos e provocando vinditas como as que vemos ocorrerem na Espanha, no Mexico ou na Russia. Essa é a linguagem da grande maioria dos indiferentes e agnosticos, que não nos combatem, que mostram mesmo e por vezes afétam simpatia para com a Igreja, mas que a desejam "nos seus limites", como dizem, isto é, na vida propriamente religiosa de culto e oração. E' tambem essa, ou semelhante, a linguagem de alguns católicos liberais, que querem afastar de nós o problema do Estado, já que o laicismo é inevitavel e que os contactos com a politica tendem a "secularizar" a Igreja. Desejam, portanto, uma ação exclusiva sobre *a nação,* uma atividade religiosa e não social.

Ha, sem duvida, muito que ponderar nessas objéções, a maioria das quais provém de uma compreensão errada da intervenção que devemos ter no problema do Estado, propriamente dito. E' regra imemorial na doutrina politica da Igreja que a sua intervenção nesse terreno só se faz quando ha interesses *espirituais* em jogo. E entre as diretrizes fornecidas por S. S. Pio XI, para a ação católica, figura invariavelmente a de atuar "fóra e acima dos partidos politicos".

O erro, porém, é julgar que os interesses *espirituais* são exclusivamente os de nossos deveres de culto e oração. Nossos deveres para com Deus não se restringem ao ambito dos templos e, sempre que estiver em jogo a nossa ação livre, ha um interesse moral afétado e, portanto, um principio religioso a aplicar. Sendo assim, ha problemas de Estado de que não nos

podemos desinteressar, mesmo excluindo, como *é de nosso dever,* toda preocupação politica *pura,* isto é, desligada de preocupações espirituais.

Atender apenas, alem disso, aos nossos deveres para com a nação e deixar "para mais tarde" os deveres para com o Estado, seria proceder como se fosse possivel desligar totalmente o que na realidade está intimamente unido. Seria desconhecer a posição real dos problemas sociais, em que todos os elementos coexistem, em regra, e reagem uns sobre os outros.

Se esses partidarios de uma ação católica rigorosamente a-politica pecam por *idealismo* excessivo, — erram por *imediatismo* precipitado os que aspiram a uma ação diréta sobre o Estado, deixando tambem "para mais tarde" o problema da nação.

Conta Stanley que um missionario pediu ao chefe de uma tribu africana licença para catequizar os seus suditos. Concedida a licença e depois de varios dias de infrutiferas tentativas de converter, pela palavra, os selvagens, aproxima-se o chefe do missionario e diz-lhe: "Você está enganado. Tome de um bom chicote de couro de rinoceronte e esse pessoal amanhã está todinho aí ajoelhado a seus pés..."

Reduzida á sua expressão mais simples e pitoresca, é essa a doutrina de que a nação segue o Estado, de modo que é preciso agir sobre este para influenciar aquela, pois um povo possui sempre a religião dos seus dirigentes. A Inglaterra se tornou protestante com a apostasia de Henrique VIII e a França se defendeu da Reforma com a opção de Luís XIV revogando o "Edito de Nantes", como hoje Stalin pretende materializar a nação russa impondo-lhe um Estado materialista. Deveriamos, nós tambem, agir diretamente sobre o Estado, de modo a poder conservar á nação as suas caracteristicas cristãs.

Se é certo que um Estado radicalmente agnostico e que, portanto, passa insensivelmente da neutralidade ao laicismo e deste á oposição anti-católica, pode fazer um mal enorme á nação, — é por outro lado ilusorio pensar que podemos aguardar do nosso Estado-Burguês uma orientação nitidamente favoravel ás exigencias espirituais da verdade católica. Esperar uma ação imediata, no sentido católico, do Estado sobre a nação, entre nós, é uma utopia ainda mais perigosa do que aguardar apenas uma ação remota da nação sobre o Estado.

Devemos moldar a nossa ação pela realidade ambiente e pelas exigencias do fim a atingir. Estado e nação, na posição em que nos encontramos, são elementos concretamente indissociaveis. Esse é o dado fundamental de fáto, diante do qual nos encontramos. E' inutil discutir a respeito. "Contra factum non valet argumentum". E daí deriva uma consequencia primordial para a nossa atuação: devemos operar *ao mesmo tempo* sobre a nação e sobre o Estado.

Cremos ser esta uma maxima que deve guiar atualmente os nossos passos. Nem nos concentrarmos na ação *cultural* pura, que nos levaria possivelmente a uma posição de indiferença e de esquecimento perante os problemas sociais que nos tocam muito de perto — pois a tendencia cada vez mais absorvente do Estado moderno torna a sua interferencia na vida da nação cada vez mais extensa e por isso mesmo cada vez mais ameaçadora para os direitos naturais dos grupos e das conciencias que nós, católicos, devemos preservar a todo transe. Nem, por outro lado, desdenharmos essa ação cultural sobre a nação e sobre nós mesmos (pois a necessidade de educação dos *católicos,* sobre os nossos proprios problemas, ainda é mais urgente que a da nação em geral, pois quem não conhece os seus deveres não póde pre-

tender que respeitem os seus direitos), dedicando-nos, de modo exagerado, a uma ação *politica* imediata. Nada faremos sem *cultura* (no sentido total) e sem *politica* (no sentido elevado) e sobretudo sem que esta seja informada por aquela. Pois cultura sem politica é simples atitude intelectual e absenteismo suicida. E a politica sem cultura é continuar a lamentavel tradição de tantos dos nossos politicos católicos, que parecem esquecer as suas convicções religiosas no limiar dos parlamentos ou das secretarias de Estado, como os cientistas agnosticos mandam que se dispam as convicções na porta dos laboratorios. Como se para um cientista católico não fosse justamente a sua cultura filosofica católica que o determinasse, *dentro do laboratorio,* a pesquizar a realidade com a preocupação exclusiva do *objéto.* E como se para um homem politico verdadeiramente católico não fossem justamente as suas convicções que, na sua tarefa de legislador, ou de estadista, o determinassem a agir sempre em vista do maior bem da comunidade civil.

Diante do grave momento politico que atravessamos, portanto, não devem os católicos perder o contacto, como dizia Bossuet, com os dois extremos da cadeia, que no nosso caso são o que chamei de *cultura* e *politica.* Nem nos desinteressarmos de nossa educação religiosa superior, sem a qual é inutil qualquer atuação social eficiente, pois a ação cultural religiosa é agora *mais* importante que a ação politica. Nem julgarmos essa importancia *maior* da cultura, como sendo uma importancia *exclusiva,* e nos desinteressarmos do problema politico da nacionalidade. A ação deve ser concomitante, se bem que a hierarquia de valores penda, de momento, para o problema da cultura, pois sem católicos perfeitamente concientes dos seus deveres serão vãs todas as

tentativas de ação social e politica mais ampla e profunda.

A ação católica, portanto, se deve conservar-se "fóra e acima dos partidos politicos", não pode de modo algum desinteressar-se do problema politico do momento que atravessamos.

1932.

XI -- A comemoração de Anchieta

Uma figura, senão frequente, pelo menos habitual em nossos meios católicos, é a do homem reticente que só aparece para "perguntar". Passa mêses sem dar sinál de vida, recusa-se geitosamente a todos os cargos, vive sempre muito ocupado com negocios particulares, "sem tempo" para nada e, especialmente, nas horas de mais trabalhos, quando mais precisariamos de seu auxilio, é que ninguem lhe põe os olhos em cima. E' um genero de pessoas que só prestam atenção ao que *não se obteve,* que só têm olhos *para o que nos falta,* e só sabem ver *os defeitos* de todas as coisas. E' uma fórma de temperamento comum e infeliz, dos que nunca estão satisfeitos... senão comsigo mesmos. "Eu não dizia..."

Um desses neurastênicos sorridentes perguntava-nos ha dias, de mansinho: "Então, que se tem feito de bom? Sobre Anchieta, nada?"

Que as reivindicações católicas estivessem laboriosamente caminhando; que a Coligação se tivesse constituido; que nove Centros D. Vital se fundassem nos Estados; que os socios incrementassem as suas "tournées" de conferencias; que se estivesse organizando uma peregrinação nacional, em grande escala, á Argentina; que tudo isto se venha fazendo na estação de "férias", em que toda a vida social da cidade amortece e pára — nada interessa á displicencia dessa especie psicológica. O que preocupa é apontar uma lacuna, nos trabalhos da Coligação ou do Centro D. Vital. E a lacuna é no momento a comemoração de Anchieta.

Não foi para reparal-a que a "A Ordem" publicou um numero, infinitamente aquem do que haveria a fazer pelo taumaturgo das nossas selvas, que um dia, talvez mais breve do que pensa, será o Santo do Brasil colonial, como já é o primeiro mestre, o primeiro sociologo, o primeiro poeta do Brasil.

No genero do que podiamos aqui fazer, outra comeração verdadeiramente monumental, essa sim, está em começo, que é a edição de suas Obras Completas, recolhidas, comentadas e reeditadas pelo P. Frota Gentil, da Companhia de Jesus, que ha quatro anos, em viagens e pesquizas incessantes, se vem dedicando incançavelmente a esta glorificação anchietana de 1934.

Foi sempre o humilde noviço de 1553 uma dessas figuras que realmente iluminam toda a historia de um povo, em seus primordios.

Se não foi o primeiro mártir da nossa cristanização, gloria que cabe áqueles humildes e anonimos filhos de S. Francisco, devorados pelo gentio de Porto Seguro, — foi sem duvida "o santo" que ele mesmo dizia que era preciso ser, para servir na Companhia de Santo Inacio, naquela hora de renascimento espiritual do catolicismo.

Humildemente, fazendo-se sempre á altura dos seus catecúmenos gentios e, ao mesmo tempo, verberando com destemor a vida dissoluta dos "cristãos" que exploravam a terra e o selvicola para satisfação exclusiva de sua cobiça — foram Anchieta e seus admiraveis companheiros da Companhia de Santo Inacio aqueles que realmente empreenderam a educação do Brasil recem-nascido.

Vindo para a America, não para voltarem quanto antes a Portugal, enriquecidos, mas para *ficarem* na terra, e levando a Cristo o maior peso de almas — lançaram os missionarios, em todos os terrenos, religiosos

ou profanos, as verdadeiras bases da nossa nacionalidade.

E, por isso, não é demais que hoje façamos a comemoração do mais santo de todos eles. Porque, seja dito de passagem, no extremo oposto ao daqueles que estranham a pobreza das nossas comemorações, — ha tambem os que ridicularizam os nossos propositos, proclamando, entre caceteados e opressos, que já não pódem mais ouvir falar em Anchieta...

E' outro tipo psicológico, dos nossos meios católicos, que de inicio apontamos. Mais inteligentes, mais devotados, mais puros, sofrem entretanto de uma dissociação intima entre o pensamento e a ação. Aspirando a uma perfeição angelica — não se esforçam por compreender a natureza humana, *que Cristo escolheu para se incarnar.* E, desiludidos de alcançar a pureza intelectual ou moral, de criaturas mais que humanas, preferem fechar-se em si mesmos a submeter-se ás condições limitadas da nossa especie. E como é muito facil atingir, *pelo pensamento,* a ilusão da angelitude, pois a mediocridade congenita dos homens mais se manifesta *na ação* que na inteligencia — secionam, em sua vida, o plano do pensamento do plano da atividade.

E, quando nós outros agimos, exhibindo a nossa mediocridade e submetendo-nos á condição de que não podemos fugir, embora procurando melhora-la e não suprimi-la — derramam facilmente sobre nossa atuação o sorriso corrosivo do seu utopismo cético.

E' preciso, entretanto, não desanimar, nem com a insatisfação, *humana demais,* dos primeiros, que censuram a nossa pouca ação, — nem com o descontentamento *pouco humano* dos ultimos, que deploram o excesso e a mediocridade de nossas ações.

E, se não fizemos por Anchieta tudo o que podiamos fazer — como lamentam os primeiros, — não é

justo que sejamos apontados como tendo feito demais...

A verdade está com S. Francisco de Assis, quando desaconselhava os seus filhos espirituais de fazerem *comemorações* aos irmãos que haviam sido mártirizados pelos maometanos. "Procurai vós mesmos o martirio, em vez de festejar o martirio alheio", dizia-lhes o "quasi novo Cristo", de Assis.

Comemorar por comemorar, como é tanto do agrado do mundo moderno, que não perde vaza para festejar o mais insignificante dos centenarios — isso sim, é atividade inutil e contraproducente, pois nos comunica a ilusão de estarmos desobrigados, com os exemplos alheios, pelo simples fato de os *elogiarmos*.

Não devemos, entretanto, evitar as comemorações justas, porque elas revivem as figuras esquecidas, atualizam os heroismos passados e estabelecem a verdadeira continuidade moral entre as gerações. Uma nacionalidade que silenciasse as ações dos seus grandes vultos estaria condenada a desaparecer sem mais demora. Um Brasil, que não comemorasse o quarto centenario de Anchieta, como em 1870 *não comemorou* o tricentenario de Nobrega, o imenso Nobrega, mestre de Anchieta, senão em santidade ou saber linguistico, ao menos em visão social e em realizações da vontade, — um Brasil desses seria indigno de nossa estima.

Como, por outro lado, ficariamos aquem dos nossos deveres para com Anchieta ou Nobrega, se nos contentassemos com a evocação rumorosa e exterior dos seus feitos.A grande força da Igreja Católica está justamente em aliar, constantemente, o culto dos seus santos passados á procura incessante de novas formas de santificação.

E o melhor meio de comemorarmos os feitos dos nossos grandes precursores e mestres não é apenas

comunicar aos nossos contemporaneos a figura dos seus exemplos, mas ainda, como dizia S. Francisco, fazermos o que eles fizeram, em nosso meio e em nosso tempo.

Convem muito, portanto, que procuremos sempre pensar no que faria a figura que queremos comemorar, no cenario e na época em que nos é dado viver. Para comemorar condignamente Anchieta, o primeiro mestre e o primeiro discipulo do Brasil, temos de nos perguntar o que faria o Apostolo das Selvas coloniais, se tivesse hoje que viver entre o asfalto utilitario das novas avenidas e as areias afrodisiacas, como as de Iperoig foram anafrodisiacas, das nossas praias paganizadas do seculo XX.

Anchieta hoje, como outr'ora, iria ao povo humilde, educaria em todos os gráus do ensino os filhos dos cristãos remissos e flagelaria, com a sua palavra, ardente e pura, os abusos que o "irmão José" procuraria certamente aplicar ao brasileiro, já descristianizado do seculo XX, como aplicou ao selvicola bronco ou ao português relaxado do seculo XVI.

Caridade, ensino e prègação — Tres modalidades especificamente anchietanas de catequése, tão necessarias hoje como outr'óra.

A *caridade,* primeiramente, como base de toda renovação social. O espetaculo que o mundo nos dá é justamente o do oposto. O grande fantasma social que se levantou, durante a guerra, foi o do comunismo, com as suas explicitas declamações ateistas e anti-cristãs. E, apoderando-se do poder pela *Força,* por ela o mantem até hoje, para generalizar no povo russo, e amanhã no mundo todo, o seu credo materialista, como religião das massas utilitarias e desespiritualizadas.

Surgiram, em seguida, os regimens opostos, para defesa da sociedade ameaçada, em seus valores eternos, mas sobretudo em seus valores efemeros politi-

cos ou economicos, Mas os regimens que se formaram, para opor uma barreira á onda rubra — que ha dois seculos Rousseau previa, com a descida dos Mongóis sobre o ocidente — foram tambem buscar na *Força* o seu apoio. E, para combater os venenos socialistas, foram buscar a seus arsenais armas analogas, adotando, por vezes, até o mesmo nome (*nacional-socialismo,* por exemplo), embora corrigindo a ideologia internacional por uma exasperação da ideologia nacionalista.

Em todo esse entre-choque de regimes, porém, no estrepido da luta entre revolucionarios e reacionarios — não se conseguiu fazer ouvida a voz humilde da *caridade.* E no entanto só ela, com a *justiça,* consegue arrancar as sociedades á inclinação fatal para a desagregação anarquica ou para a mecanização servil. E Anchieta, que nos deu, na aurora da nossa vida social, a mais sublime lição de caridade a que podiamos aspirar, não se encontraria hoje, por certo, entre os pregoeiros da violencia, como arma de restauração social. De modo que o exemplo do Apostolo "brasileiro", transportado para o seculo XX, vai animar-nos a prosseguir em nossa róta especificamente *cristã,* sem desvios irreparaveis, já não dizemos para a revolução social materialista, o que seria uma monstruosidade — mas ainda para os perigos, mais prementes talvez, da "desordem ordenada", como escreveu Auguste Viatte, que representam os regimes *totalitarios* da direita e muito particularmente o *racismo* alemão.

A lição anchietana da *caridade,* portanto, como traço de união entre a autoridade e a liberdade, é a primeira das lições que a vida de José de Anchieta nos deve dar, neste angustioso seculo XX, do quarto centenario do seu nascimento, em Laguna, de Tenerife, e da sua morte em Reritigba, do Espirito Santo.

A segunda lição de Anchieta é a da *educação*.

Anchieta e seus companheiros faziam do *ensino* a principal das suas armas de catequése. Desde os primordios do estabelecimento da Companhia, na Bahia, em S. Vicente, em S. Paulo de Piratininga, no Rio de Janeiro, ou no Espirito Santo, — a casa dos jesuitas era o *colégio*. Ali se ensinava de tudo, desde as *artes mecanicas* (pois Anchieta costurava o seu habito, feito de retalhos de lona de caravela, fazia alpercatas para os seus companheiros, já que ele proprio sempre andou descalço, passava as noites escrevendo e costurando os cadernos de lição, em falta de livros, sangrava e barbeava os indigenas, curava-os, não apenas como sacerdote, mas como médico, e assim por diante), — desde as artes mecanicas até a teologia. E, num trecho de suas cartas, encontramos o resumo admiravelmente conciso de todo esse sentido integral da educação, que os jesuitas nos trouxeram desde o inicio:

"As ocupações dos nossos com os proximos são: uma lição de teologia que ouvem dois ou tres estudantes de fóra, outra de casos de conciencia que ouvem outros tantos e uma e outra alguns de casa, um curso de artes que ouvem dez de fóra e alguns de casa, escola de ler, escrever e contar que tem até setenta rapazes filhos de portugueses, duas classes de humanidades, na primeira aprendem trinta e na segunda quinze escolares de fóra e alguns de casa.

Os estudantes nesta terra, além de serem poucos, tambem sabem pouco, por falta dos engenhos e não estudarem com cuidado, nem a terra o dá de si por ser relaxada, remissa e melancolica, e tudo se leva em festas, cantar e folgar."

(*Anchieta* — Cartas, n. XXXII, p. 409).

Por aí se vê, não só como tiveram de lutar os nossos primeiros mestres contra os mesmos males de

que se queixam os bons mestres de hoje... mas ainda como o *humorismo integral* foi o signo sob o qual se iniciou a educação da nossa nacionalidade.

E de Anchieta redivivo, segundo o nosso método, não poderiamos hoje esperar senão a aplicação, aos nossos estudos, dos mesmos processos empregados outróra, tão atuais hoje, como então. Pois, tanto em *metodo* como em *finalidade,* a pedagogia de Anchieta é a que hoje precisamos seguir, para dar á nossa educação nacional um carater verdadeiramente fecundo.

Anchieta foi o precursor da *escola nova*, no que tem de inteligente e bom, que é a alegria, a liberdade, a vida do ensino, sem a dureza compulsoria da escola racionalista. Anchieta ensinava pelos cantos e pelas danças, pelos autos festivos e pelas aulas ao ar livre. E não precisou do filósofo Dewey ou do pedagogo Ferriére, para descobrir o que lhe ensinava o seu coração de homem e sua vida de santo, em comunhão intima com a natureza inanimada e com as almas dos seus discipulos do novo mundo, pagãos ou filhos de cristãos.

Mas, se hoje, tantos modernos se satisfazem com um bom método, esquecendo tudo mais, não caía nesse terrivel erro o nosso primeiro mestre. E o complemento indefectivel das aulas de artes ou de latim, de humanidades ou de casos de consciencia, era sempre o conhecimento e o amor de Deus, a *ciencia da salvação* que os modernos esquecem e sem a qual toda a sua pedagogia de eruditos não passa de um pedantismo vão.

Anchieta, pois, vivendo entre nós no seculo XX, seria mestre dos métodos mais *vivos* e, ao mesmo tempo, defensor da *finalidade* religiosa mais completa de todo ensino, em todos os gráus. E defenderia, na Assembléa Constituinte, o ensino religioso nas escolas publicas, — como trabalharia para que o espirito *uni-*

versitario, em vez de ser a comedia que hoje é ou a arma de poder nas mãos do Estado, que Lutero, Napoleão, Stalin ou Hitler lhe querem dar, — voltasse a ser o que a Igreja o fez na Idade Media: *a cultura integral e cristã da personalidade humana.*

Mas Anchieta, como vimos, nos dá uma terceira lição, além da *caridade* e do *ensino*. E' a coragem de denunciar os vicios da sua época, de enfrentar os poderosos, de dizer aos magnatas do seu tempo, como temos de dizer aos nossos generais Rabelos, Majores Baratas ou Capitães Gweyrs, tripede militarista anti-clerical do nosso exercito, que os direitos de Deus não podem ser recalcados e que a Igreja Católica é, no Brasil, como em todo o mundo, a unica expressão autentica desse "espirito sobrenatural", unico que póde salvar o mundo da nova barbarização que se prepara.

E' preciso que os descendentes de Anchieta, com a roupeta ou sem ela, tenham autoridade suficiente para flagelar os vicios tremendos que vão, dia a dia, desarticulando a nossa sociedade contemporanea e para se opôrem ás perseguições, patentes ou ocultas, que a Maçonaria e seus aliados mantêm de fogos acesos contra a Igreja e os seus filhos.

Estamos precisando, em nossos pulpitos, de homens de vida santa como Anchieta, para poderem dizer a essa burguesia paganizada, que frequenta ainda por habito os nossos templos, — como Jonas disse aos habitantes de Ninive — que a colera de Deus está prestes a explodir, que a tempestade ronda lá por fóra e que precisam, para se salvar, como os filhos da grande capital gentia, fazer uma penitencia maior do que a deles, pois maiores são as suas, as nossas iniquidades.

Caridade, ensino, prègação — eis o que provavelmente faria Anchieta em nosso meio, se, em vez de vir catequizar os gentios broncos, do seculo XX, viesse

hoje recristianizar os filhos degenerados de um cristianismo tibio e heresiarca.

Precisamos de novos Anchietas e só assim poderemos comemorar condignamente aquele que nos insuflou, desde o berço, o sopro vital que nos uniu sempre á Santa Igreja de Cristo, apesar de todos os nossos pecados.

Não nos deixemos, pois, entibiar nem pela censura dos que denunciem, com autoridade ou sem ela, as nossas comemorações insuficientes de Anchieta, nem com o sorriso displicente dos que achem de máu gosto os nossos excessos anchietanos. A uns e a outros procuremos ouvir no que haja de justo em suas criticas. E a ambos contestemos provando que não queremos apenas evocar a obra de Anchieta, mas proseguir no seu caminho, se bem que na humildade dos nossos meios e na insuficiencia insanavel da nossa mediocridade pecadora.

1934.

XII -- O Patriarca (Felicio dos Santos)

Depois de o termos por morto varias vezes, esses ultimos anos, e quando já o contavamos como sobrevivente a todos nós, eis que de repente Nosso Senhor o leva. Leva ao nosso Abrahão, ao velho patriarca que abria os braços radiante a cada nova ovelha que voltava ao aprisco e cuja presença entre nós era o grande élo com o passado, com esses trinta e quatro anos de luta incessante, pela Fé, que foram a sua vida desde 1897 a 1931. A visita a sua velha casa de Santa Teresa — esse antigo solar onde morou tambem Zacárias de Góes, o grande defensor dos Bispos na questão religiosa com a Maçonaria e o Imperio maçonizado — essa visita se impunha como um dever de todo novo catecumeno. Aí fui tambem, como os demais, em principios de 1929, pouco depois de voltar á Casa do Senhor pela mão de Jackson de Figueiredo, e quando já este nos deixára em pleno calor da refrega.

Felicio me recebeu como a um filho, um filho prodigo, e por tres ou quatro vezes, envolvendo-me num olhar de infinito carinho, repetiu: "Menino, que grande responsabilidade assumiste". Saí de lá como quem acabasse de ser armado cavaleiro, pelo velho guião da coluna, que via desaparecer o melhor dos combatentes mas não rarearem as fileiras, pois a mão da Providencia ia preenchendo os claros, ao menos em aparencia. Saí de lá com aquele olhar que me armava para as lutas da Cruz, guardado para sempre,

mas com o coração confrangido pela ilusão que a esperança fazia brotar naquele velho peito de lutador. E ele o foi de cada hora. Sempre na estacada. Sempre destemido. Sempre guiando colunas de assalto. Pois a ele devemos a fundação da Ação Católica leiga entre nós, de feitio moderno, segundo um plano habilissimo cuja execução pratica e eficiente as circunstancias tolheram. A ele devemos, á custa de sacrificios de toda sorte, a manutenção dessa "A União", que ele tornou o mais interessante dos nossos jornais católicos, pela coragem de suas atitudes, pela ortodoxia de sua doutrina, pela combatividade constante de suas colunas. A ele devemos uma força perene de apologetica viva em todos os meios, mas especialmente nos meios cientificos e politicos dessa era da laicidade triunfante, que foi tambem o decurso da Primeira Republica, cuja fundação foi tambem por ele preparada e desde a Monarquia, e a cuja queda prevista e desejado assistiu nos ultimos mêses de sua existencia politica, em 1930.

E essa apologetica de Felicio dos Santos teve um carater todo seu. Ao passo que Carlos de Laet, o nosso Chesterton, era o florete habilissimo que desmontava as melhores laminas, levando de vencida os sofismas da época á força da mais demolidora das *ironias,* cuja grande arma era pôr de seu lado os *"rieurs";* ao passo que Jackson de Figueiredo era o impeto juvenil, o sentido tragico da vida, a pena contundente e bravia das refregas de viseira erguida, que varreu o cepticismo da nossa geração restaurando em nós o dever da luta, contra o sibaritismo estético e a necessidade da afirmação contra a duvida metafisica; ao passo que cada um desses seus dois maiores companheiros nos trabalhos da Fé cristã entre nós, nesse periodo dificil, representavam a apologetica da

ironia e a apologetica da afirmação, Felicio dos Santos foi a apologetica do *fato*.

Espirito positivo, tendo perdido radicalmente a Fé, nunca foi um *estilista*, como Laet, nem um *polemista* como Jackson de Figueiredo.

Foi o homem das coisas concretas. Voltou á Igreja por tres etapas de *positividade* crescente. Fez-se primeiro positivista, homem da ciencia todo-poderosa, do fenomeno, do visivel e do tangivel apenas, governado por uma racionalidade precisa e constante.

Insatisfeito com a mutilação da realidade operada pelo positivismo, vendo toda uma copia imensa de *fatos* que escapavam á disciplina estreita do contismo, de que creio aliás nunca ter sido discipulo de observancia estrita e apenas a ele ligado pelo mesmo *cientismo* de sua mocidade incredula de medico materialista e atêu, — insatisfeito passou-se ao *espiritismo*.

Ainda era a obsessão do *fato* que o guiava. Estudados os fatos do mundo visivel, como o fizera como homem de ciencias biológicas, — passava-se agora aos fatos do mundo invisivel. E os investigou com o mesmo espirito de objétividade, que tinha trazido ao cultivo das ciencias naturais. Sempre homem de ciencia, no visivel como no invisivel.

Mas não ficou na indisciplina do invisivel. Seu amor ao fato não podia deixa-lo alheio ao maior *Fato* da historia: a revelação cristã e a Igreja que até hoje a defende em suas linhas integrais. E, estudando a Igreja Católica, investigando os fenomenos religiosos, com a mesma positividade com que investigara os fenomenos visiveis das ciencias naturais e os invisiveis do cientismo preternatural, — viu que o fato cristão não anulava os fatos naturais e prenaturais e apenas os *completava*. Viu que o mundo sobrenatural obedecia a uma ordem como o mundo

natural. E ele, que pusera ordem em sua primitiva indisciplina da natureza (pois quem nega os fatos do mundo invisivel se encontra ainda na fase preliminar da indisciplina dos fatos visiveis, que só se ordenam quando ligamos aos invisiveis) — vinha agora pôr ordem em sua disciplina do preternatural, pois o espiritismo é ainda apenas a desordem do mundo invisivel.

E chegou então á plena compreensão do fato cristão, como integração perfeita de todo aquele amor á positividade que sempre o guiara: positividade natural, com a *ciencia;* preternatural com os *espiritos;* sobrenatural com o *Cristo.*

E converteu-se como verdadeiro homem de ciencia, homem do fato, homem do concreto, que teve o amor da realidade integral, e soube vencer todos os preconceitos, que por algum tempo o retiveram na desordem do plano natural ou na do plano preternatural.

E assim foi que sua apologetica, nos artigos, nos livros, nas conversas, teve sempre essa originalidade propria, que a tornava extremamente difusiva, pois era muito simples na exposição como verdadeiro homem de ciencia positiva que era. O *milagre* e o *demonio* — fatos tão dificeis de penetrarem na inteligencia viciada dos que permanecem apenas em um daqueles dois primeiros planos que Felicio dos Santos percorreu para voltar á Fé Cristã perfeita, — o milagre e o demonio saltam dos escritos de Felicio com uma evidencia que nenhuma exposição teológica conseguiria dar tão viva e dirétamente.

Se não foi, portanto, um estilista ou um polemista, se não deixou nenhuma obra sistemática de doutrina, — foi o grande apologéta do fato, foi o homem que nos dava e nos deixou o sentimento vivo da realidade de nossa Fé, que não maneja palavras ou siste-

mas por amor da ação, que não guarda os mistérios da Fé senão pela Esperança de os realizar, que não estuda os problemas dificeis da Justiça senão pela Caridade que os completa, que não se serve do abstráto senão por amor do concreto.

E por isso é que a mais bela corôa da vida admiravel de Felicio dos Santos foi aquele halo de pobres que cercavam o seu caixão na Matriz de Santa Teresa. Foram eles as flores que recusou no seu feretro. Por anos e anos fôra o medico dos infelizes, receitando de graça, curando os doentes mais pela alma que pelas receitas, e não fazendo de sua profissão senão a prova pratica de suas convicções. E, como compreendeu que o cristianismo é uma vida e não uma doutrina, como soube ver que a Igreja Católica o que defende antes de tudo é a salvação das almas, pelo amor dos que sofrem, pelo bem que se espalha, pela humildade da vida e pela simplicidade das idéas, — mereceu de Nosso Senhor as lagrimas dos pobres de Santa Teresa.

1933.

XIII -- Pestem aetatis nostrae laicismum

Ao observador objetivo desta epoca complexa que vivemos, uma triplice pergunta acóde aos labios:

onde estamos?
para onde vamos?
para onde devemos ir?

Estamos numa encruzilhada. Ha, por toda parte, um sentimento generalizado de instabilidade. A' medida que o homem moderno se arrancava ás disciplinas que o haviam formado e que a sociedade perdia a unidade medieval e cristã, para entregar-se ao signo da liberdade e da diversidade indefinidas e ilimitadas, — perdia tambem o homem o senso da responsabilidade e da segurança. Não acreditando que a natureza possua uma lei superior á sua propria — não se julga tambem responsavel de suas atitudes. E, como a irresponsabilidade gera o desejo das aventuras, sente-se o homem abandonado no mundo, sem sentido em sua vida e privado de toda segurança. Pois as sociedades governadas pelos caprichos do voto, da força ou do dinheiro, estão sempre entregues á lei do imprevisto e da transformação.

Não se julgue, porém, que esse sentimento de instabilidade perene provoque no homem moderno qualquer especie de acabrunhamento definitivo.

Nunca vimos, ao contrario, como hoje em dia, tanta despreocupação pelo futuro, tanta agitação vazia, tanta febre de viver intensamente, de arrancar da vida tudo o que ela possa dar. Nesse homem moderno

— que no fundo não existe, pois ha todas as especies de homens modernos e o signo da diversidade em que vivemos se refléte, justamente, na multiplicidade infinita de temperamentos, de soluções, de pontos de vista, que fazem de nossa epoca um cáos mais ou menos dourado de ciencia — nesse homem moderno, dizia eu, ha sobretudo o sentimento de que as forças claras da razão devem ceder ás forças obscuras do instinto e que é preciso, antes de tudo, deixar-se viver.

Estamos, pois, numa epoca que vive essencialmente sob o signo da multiplicidade, e por isso mesmo não é possivel enfeixá-la em fórmulas ou classificações rigidas. Temos necessidade de formular, de vez em quando, esses quadros, para tomar pé na realidade fugidia em que vivemos, mas sempre na certeza de ser impossivel enfeixar, dentro dela, a grande complexidade do mundo ambiente.

Onde estamos, então?

No fim da civilização burguesa. E' a realidade social mais tangivel que podemos tocar. A revolução francesa marca o inicio politico da era burguesa, como a revolução industrial inglesa marcára o seu inicio economico. Uma e outra baseadas sobre o individuo, tendo por ideal a liberdade absoluta, caracterizadas pelo predomino da raça branca, pela industrialização do ocidente, pela colonização do universo ainda desconhecido, pela religião da ciencia e pela decadencia do prestigio da religião, pela arte puramente estética, pela cultura desinteressada, pelas viagens de recreio, pela libertação sexual do homem, o urbanismo generalizado, o triunfo das economias abertas e livres, as universidades em que tudo se ensina sem ordem nem hierarquia de valores. Eis aí, muito de proposito, acumulados, sem qualquer vislumbre de ordenação, alguns traços patentes dessa era burguesa, em que fomos formados e em que, geralmente, ainda vivemos.

Pois é preciso lembrar que o ritmo da evolução do mundo é essencialmente desconforme. Todos sabem que não ha uma uniformidade qualquer no movimento universal das nações ou dos continentes e que dentro de cada país coexistem todas as eras sociais, como de modo todo particular se dá com o nosso.

Estamos, pois, no fim de um periodo social, que começou a rigor com o Renascimento e o fim da unidade medieval, mas que adquiriu um movimento acelerado a partir do seculo XVIII e se colocou sob o signo da liberdade, em todos os terrenos. Foi a grande palavra no seculo XIX, a palavra magica que agitou as multidões e eletrizou as *élites*, infiltrou-se em todos os sistemas filosóficos, politicos ou economicos, e encontrou guarida em todos os corações. Com ela se julgou então resolver todos os problemas, como ainda hoje é com ela que se adornam os agitadores de multidões ou os fundadores de universidades anacronicas.

Foi o espirito da Burguesia, no individuo, na familia e na sociedade. Foi o que animou os traços caracteristicos de uma classe social, que julgou dominar para sempre o mundo moderno, libertando-se da Igreja e colocando a seu serviço as classes trabalhadoras. A era, a cuja decadencia estamos assistindo, fez isso na convicção de estar obedecendo a um determinismo historico inexoravel e a um progresso indefectivel da sociedade e do homem.

Sua libertação da Igreja, e dos principios cristãos se fez, com a manutenção de todas as fórmas exteriores do culto e o respeito ás instituições recebidas e defendidas intransigentemente pela Igreja e pela tradição cristã dos costumes. Cortava-se apenas, em nome da liberdade, o tronco vital que prendia a vida individual e social á terra viva dos principios morais e filosóficos, que representam a expressão intangivel da na-

tureza intima das coisas. E o resultado foi o fenecimento de toda a cultura e de toda a vida, que recebiam a sua seiva desse sub-solo espiritual de que a civilização despreocupadamente se arrancava, em nome do seu direito á libertação absoluta.

E' no fim dessa era que nos encontramos. Tres fenomenos sociais nos levaram a essa desagregação da sociedade burguesa, e da sua concepção geral da vida, tendo como consequencia natural a insegurança, a insatisfação e o messianismo que vemos por toda parte e que indicam claramente um momento de transição social. Os tres fenomenos que marcam, bem ao vivo, um fim de civilização, são — a Guerra, a Revolução e a Crise, aos quais poderiamos acrescentar o mais recente deles — a Reação Nacionalista.

O primeiro, em 1914, provocou a rutura da unidade artificial a que tinham chegado as nações e o despertar sangrento de um sonho de pacifismo sentimental. E a consequencia foi colocar o seculo XX, não mais sob o signo do Direito, como julgara para sempre viver o seculo XIX, mas sob o signo da Força. A guerra desencadeou a força no mundo moderno.

A Revolução, segundo fenomeno social da decadencia moderna, aplicou essa força desencadeada, á rutura e á luta entre as classes. O liberalismo economico, que fôra um dos tabús do seculo passado, e que arrancou a economia á subordinação ás regras morais superiores, que a Igreja impusera á liberdade economica, — o liberalismo economico degenerara, como não podia deixar de fazel-o, na exploração dos fracos pelos fortes. E a consequencia foi o pauperismo, gerador da revolta e esta da revolução, cientificamente elaborada nos gabinetes e nos salões.

Pois o espirito revolucionario, como o espirito guerreiro, primeiro se elaborou nas *élites* para depois arrastar as massas.

A Crise, finalmente, veiu completar a tarefa da Guerra e da Revolução, invadindo todo o mundo moderno e fazendo ruir por terra todo o castelo de cartas que o sonho de prosperidade tinha feito nascer, mesmo depois que a guerra e a revolução se desencadearam sobre o mundo em panico.

A crise invadiu subrepticiamente todos os recantos do mundo e mostrou ao vivo como a hipertrofia da maquina representava de fato uma diminuição do homem. E as multidões de sem-trabalho, obrigando os Estados a confessarem a bancarrota do liberalismo economico, — como a Revolução mostrara a bancarrota do liberalismo politico, como a Guerra mostrara a bancarrota do liberalismo internacional, como a Ignorancia e o Ceticismo, generalizados, mostraram a bancarrota do liberalismo cultural — essas multidões sofredoras, revoltadas, prontas a tudo, marcaram bem vivamente que havia no mundo qualquer coisa que acabava, qualquer torre que ruia, entre gemidos e imprecações.

Onde estamos, então? volta a perguntar o ouvinte desalentado. Será realmente o mundo moderno esse campo de ruinas e de desastres, que esta descrição deixa entrever? Será que realmente estamos na situação em que se encontraram Grecia e Roma, e antes delas outras tantas civilizações por todo o mundo, que conheceram tambem o esplendor e a decadencia?

Ou será tudo isso fruto apenas de uma concepção catastrófica da realidade, que tudo vê através de sonhos negros e acentúa, de proposito, todas as sombras para mais facilmente concluir, em favor da tése decadentista?

A' primeira vista, parece que realmente assim o é, pois não vemos realmente em torno de nós sinal algum aparente de desespero e de decadencia. Nos proprios paises em que os sem-trabalho poderiam em-

prestar, ao quadro social, a nota tragica, sabemos que eles se diluem na massa da população empregada e os Estados se encarregam de amparar-lhes quanto possivel a sorte, de modo a não permitir a explosão do desespero coletivo. Ao contrario, o que vemos é a inconciencia das multidões, o sorriso das *élites,* a corrida aos cinemas e aos "dancings", a proliferação dos casinos de luxo, o prosseguimento da vida, no mesmo curso normal das eras tranquilas e pacificas. E não faltam mesmo sinái̇s de prosperidade economica renascente ao lado dos rumores surdos de guerra renovados. Emquanto, embora aparentemente, o Estado Leniniano — feito para a luta e a revolução universal, se transforma pacificamente no Estado Staliniano, aburguesado, reconstrutor, industrial e patriotico, como Napoleão sucedeu a Robespierre.

Será, então, que o seculo XX vai entrar, depois das convulsões iniciais da Guerra, da Crise e da Revolução, no mesmo planalto de estabilidade em que entrou o seculo XIX, depois de fenomenos analogos de Guerra, de Revolução e de Crise, que haviam marcado tambem o seu inicio?

Assim o prediz o otimismo dos que opõem, á visão catastrófica da realidade, uma visão idilica das coisas. E julgam que a era das convulsões sociais já passou e que vamos agora entrar na era da reconstrução social.

E, ao formularmos a interrogação, abre-se desde perguntas que de inicio apresentámos: Para onde vamos?

E ao formularmos a interrogação, abre-se desde logo a nossos olhos o cenario ou antes o horizonte da Idade Nova.

Estamos realmente em face de uma idade nova? Caminhamos realmente para uma renovação social?

Não tenhamos a ilusão, nós, que não somos apenas espectadores e sim atores do drama social moderno, não tenhamos a ilusão de traçar o seu entrecho. Podemos quando muito sugerir algumas indicações e supor alguns caminhos, que nos levem da encruzilhada a que chegamos.

Espectadores e atores, a um tempo, sentimos confusamente que alguma coisa de maior do que nós nos arrasta, pelo seculo a dentro e que o fim de um periodo historico está intimamente entrelaçado com o inicio do que se lhe sucede. A vida não se interrompe. As epocas historicas não terminam como um espetaculo ou um livro. Diluem-se por decenios, por seculos ás vezes e só a posteridade póde traçar, a frio, os limites sempre mais ou menos discutiveis do inicio e do fim dos periodos historicos.

Quanto a nós, só nos resta, no calor dos acontecimentos que nos ultrapassam, tentar entrever, na lógica dos fatos e no imprevisto dos homens, o encadeamento aproximado dos fenomenos. E procurar distinguir, aproximadamente, o que é fim do que é inicio, pois nada mais semelhante á decrepitude de um fato social do que a sua infancia.

Da encruzilhada em que nos encontramos, quatro caminhos nos podem levar, como já o disse anteriormente, a outras tantas faces dessa Idade Nova a que parece encaminhar-se o mundo moderno:

o caminho liberal,
o caminho socialista,
o caminho nacional-totalitario,
o caminho cristão.

O primeiro seria a permanencia na estrutura atual de nossos regimes democraticos, com a moral, a economia, a cultura, a arte, a politica, baseadas na primazia da liberdade individual e o predominio mantido da burguesia.

O caminho socialista, que exerce sobre os liberais uma irresistivel sedução, pois é a consequencia lógica do primeiro, seria em materia economica a abolição da propriedade privada, em materia politica a hipertrofia do Estado, em materia social o aniquilamento da grande burguesia, o amesquinhamento dos pequenos burguêses e a ditadura do proletariado.

O caminho nacional-totalitario nos acena com a reação *nacional* e *autoritaria* contra a desagregação reprovada pelos excessos do liberalismo e do socialismo.

Deixando por óra, de lado, o quarto caminho, vejamos para qual destes tres se encaminha o mundo moderno.

A meu ver, para nenhum deles. Ou antes, para uma sintese de todos eles. Parece que a realidade social não dá razão aos que vêem a Idade Nova como a realização integral de algum desses tres caminhos, como querem os seus partidarios extremados.

Se alguma coisa penetrou o mundo moderno a tal ponto, que hoje fórma uma condição inevitavel de todo o seu proximo futuro — é o *espirito de diversidade.*

Nenhum regimen conseguirá impor-se a todos os povos e a todos os continentes, como a monarquia se impôs em tempo á Europa ou como as republicas democraticas se impuseram á America.

A Idade Nova, que se oculta a nossos olhos, incapazes de profetizar, nas sombras do seculo XX que nos resta a viver, será sobretudo imprevisivel nas suas fórmas de organização socio-politica. E muito provavelmente tomará dos regimes atuais alguns dados para com eles formar novas formulas politicas e economicas. O imprevisto continúa a ser a primeira e a mais esquecida das leis historicas. O que não quer dizer que o acaso seja qualquer coisa de real e apenas

que os elementos com que se tece a vida são tão intrincados, que a nossa inteligencia é incapaz de os enumerar a todos.

E' uma lenda, portanto, não só essa universalização do socialismo, como querem os comunistas, mas ainda o lirismo democratico dos que acreditam que a liberal-democracia seja realmente o regime ideal para a humanidade de hoje e de sempre; bem como a ilusão dos que pretendem universalizar o fascismo ou o hitlerismo, já tão dessemelhantes entre si, a despeito das analogias aparentes do ponto comum de partido; ou dos que crêem firmemente no legitimismo intangivel.

Caminhamos, no seculo XX, para regimes essencialmente mixtos, em que se confundam as realizações dos regimes puros, instaurados aqui e ali. Estamos, mesmo, pode-se dizer, numa fase posterior a essas realizações de regimes puros. E, ao contrario, em pleno inicio dessa aglutinação de tendencias diversas e até contrarias.

Podemos, mesmo, apontar certos traços comuns a esses tres regimens, hoje, tais como se praticam em paises diferentes, mostrando a concomitancia de varios têmas sociais, politicos e economicos, todos susceptiveis de nos encaminhar para os regimes mais estaveis da Idade Nova em que estamos entrando. Esses traços, a meu ver, seriam os seguintes:

1 — Intervenção crescente do Estado na vida social. Seja qual fôr o ponto de partida adotado, o que vemos por toda parte é a importancia crescente do poder publico. As novas gerações já consideram a atividade politica como uma nobre ocupação humana. Os problemas adquirem tal complexidade que os particulares já são insuficientes para os resolver isolados. E basta que passem os rapidos momentos de prosperidade e facilidade, de que por vezes gozam as

nações e os grupos dentro delas, para que os individuos se unam e procurem logo o amparo do Estado para a solução das dificuldades. A teoria do não-intervencionismo está hoje reduzida ao minimo ou faz o objéto de reações parciais e esporadicas contra a hipertrofia do Estado, que, esta sim, por toda parte ameaça a integridade dos direitos da pessoa humana, da familia e de outras instituições sociais.

Em todos os regimes atuais, portanto, mesmo nos liberais que em tése defendem o individuo contra o Estado, como Spencer, — na pratica o que vemos é a crescente intervenção do Estado nas varias atividades, até hoje deixadas á livre expansão das forças particulares.

2 — A essa intervenção se junta, aliás como lógica consequencia, a incorporação gradativa do economico ao politico.

Um dos dogmas do individualismo agnostico que formou as sociedades em que hoje vivemos foi a separação dos tres dominios: politico, economico e espiritual. O Estado, a Empresa ou o Sindicato, a Igreja eram consideradas como tres instituições livres e independentes entre si, com suas atribuições e seus campos de ação, bem rigorosamente delimitados. A atividade economica, portanto, em tal regime era apenas função da iniciativa privada e do interesse proprio.

Hoje em dia, notamos ao contrario, que a atividade economica se mostra cada vez mais solidaria da atividade politica e é quasi impossivel permitir que a economia de um Estado se oriente de modo todo particular e independente do governo geral da nacionalidade. Daí a fiscalização do credito e das operações bancarias; daí a economia dirigida e organizada; daí a incorporação do economico ao politico, que observamos em qualquer dos tres caminhos

que nos convidam a sair da encruzilhada atual para a Idade Nova de amanhã.

3 — O terceiro dos elementos comuns a qualquer desses caminhos é a substituição, ao menos teórica, do lucro individual, pelas necessidades coletivas. A economia capitalista baseada exclusivamente no conceito de lucro é substituida, em qualquer dos tres conceitos da Idade Nova, a que aludimos, por uma economia em que o individuo se subordina á colectividade como a parte ao todo.

4 — Outra tendencia comum a qualquer das tres soluções apresentadas ao problema da fáse de tranzição que estamos vivendo é a organização corporativa da sociedade.

A importancia crescente dos sindicatos, como orgãos de defesa profissional e a sua incorporação gradual ao organismo politico do Estado, é patrocinada por qualquer das tres correntes sociais que disputam, entre si, o predominio da sociedade moderna. E a organização oficial das Corporações mixtas de interesses profissionais é uma formula já hoje geralmente reconhecida de paz e de ordem social economica.

5 — Encontramos, em seguida, outro elemento que qualquer dessas tres correntes tambem precisa levar em conta na Idade Nova, e que é a *importancia dos fatores técnicos.*

A técnica, isto é, o dominio do homem sobre a natureza, não tem figura politica ou filosófica. E' função do progresso material e cientifico, que qualquer fórma de organização social tem de admitir, se quiser colocar-se á altura do seu tempo. Não ha, pois, privilegio para qualquer delas, seja qual fôr o sentido de sua orientação social. E a importancia da técnica tem crescido com as novas exigencias dos tempos.

6 — Finalmente, em todos os regimes propostos para atingirmos a Idade Nova, encontramos uma

preocupação constante de justiça social. Nenhum deles permitirá que sejam clara e lealmente definidos os seus propositos se não incluirmos tambem o de assegurar, aos homens, uma vida mais garantida e uma satisfação mais perfeita de suas necessidades individuais e familiares.

São esses os traços comuns que encontramos nas correntes que hoje disputam entre si a primazia, na preparação dessa Idade Nova, para a qual todos sentem confusamente que se encaminha a humanidade de nossos dias.

E o que se conclúe é que as diferenças substanciais entre elas são muitos menores do que a principio se supõe e que ha exigencias do tempo que a todas se impõem, seja qual fôr a variedade de métodos empregados para alcançar o objétivo.

Esses traços, porém, representam o que ha de sadio em todas elas, aquilo que nas sinteses futuras terá de figurar como exigencia da experiencia e das neiessidades dos tempos. A par deles, porém, se apresentam os traços de hostilidade reciproca e de desordem, que cada uma dessas soluções revela.

O *liberalismo* quer a Idade Nova baseada, como a idade velha de que saimos, no culto da liberdade, como sendo um direito ilimitado do individuo. E, erigindo assim o individuo em fim da sociedade e senhor absoluto de si mesmo, não poderá vencer a anarquia individualista que esse erro filosófico-social acarretará. Pois basta esse defeito fundamental para destruir todos os propositos reformadores e inovadores do neo-liberalismo, tão viciado em suas fontes como seu antecessor, pois nega sempre a supremacia dos principios sobre a vontade e a hierarquização das instituições, base de todo equilibrio social.

O *socialismo,* ou é moderado e reformista, confundindo-se com as "nuances" mais avançadas do libe-

ralismo, ou é coerente consigo mesmo e quer a Idade Nova como uma imposição á sociedade de sua filosofia materialista, unitaria, equalitaria, mono-classista, onde o individuo desapareça na massa e um individualismo moral exasperado se combine com um comunismo economico e politico integral, como quer Gide.

Essa deformação da sociedade no sentido de uma dupla expansão ilimitada do individuo e da massa, que é a Idade Nova desejada pelo socialismo integral — levará igualmente a sociedade a uma monstruosa erupção de instintos, corrigidos violentamente pela aplicação mais cruel da força.

E o *nacionalismo totalitario,* por sua vez, exaltando ao extremo as paixões de *raça* ou de *nação,* prepara-nos uma Idade Nova prenhe das mais tremendas conflagrações, pois solta tambem os homens na arena social, numa campanha inflamada de particularismos que só poderão redundar em choques sangrentos e destruidores, por longos anos, de toda a civilização.

Não creio, portanto, que a Idade Nova com que nos acena qualquer dessas tres correntes que hoje dominam o seculo — mesmo se corrigidas pelas boas tendencias comuns a todas elas — possa satisfazer o desejo que todos temos de alcançar ou de preparar, ao menos, um estado social, em que o homem seja realmente mais feliz e o progresso social uma realidade e não uma utopia.

Será *realizavel* uma Idade Nova em que não se manifeste nenhum dos perigos a que nos conduzirão as soluções que hoje se apresentam em nosso meio?

Sim, se a Idade Nova fosse uma idade integralmente cristã, em que os homens todos aceitassem a Lei do amor intensamente vivida, em cada momento de sua vida, individual ou social.

Não temos a ilusão de chegar completamente a esses tempos, que aliás só em parte se realizariam.

mesmo na mais otimista das hipoteses, pois sabemos que só podemos alcançar na terra, qualquer que seja o regime politico e economico dominante, uma felicidade relativa e limitada — mas podemos trilhar um quarto caminho que nos leva a uma Idade Nova, penetrada de espirito da Nova Cristandade.

Ha, na encruzilhada em que nos encontramos e de onde vimos partirem os caminhos que nos levam a uma Idade Nova marcada pelos traços da concepção liberal, socialista ou nacionalista da sociedade — um outro caminho que não terá as mesmas condições de vitoria de qualquer desses, pois não dispõe senão de força moral e opera nas conciencias, mas representa aquele que nós católicos devemos trilhar, segundo as invariaveis dirétivas atuais do Santo Padre Pio XI e seus predecessores — a Ação Católica.

A Ação Católica, hoje oficialmente organizada no Brasil, segundo os Estatutos e as orientações gerais já publicadas, não é qualquer coisa de secundario ou de meramente oportunista na vida da Igreja.

E' a incorporação definitiva dos leigos no sacerdocio da Igreja. E' a inclusão do Estatuto do Leigo no Codigo do Direito Canonico. E' a organização moderna das milicias cristãs para se infiltrarem, por toda parte, na Idade Nova que por toda parte está nascendo na idade moderna. A Igreja tem as suas vistas voltadas, como sempre, para cima e para a frente. Longe de ser uma saudosista do passado, ela vive sempre com os olhos pregados no futuro.

E, como tem uma visão intensamente realista da sociedade, não pretende organizar, por si, essa Idade Nova que vê elaborar-se nos dias de hoje. Descrê mesmo da possibilidade de uma cristianização integral dos Estados e organiza, por isso mesmo, as suas forças fóra e acima da politica, como que

supondo, tacitamente, a persistencia de um estado de coisas atual que não parece tender a modificar-se no futuro proximo: *a vida cristã em Estados não cristãos.*

Escrevendo no primeiro numero de uma revista recente (*"Esprit"*. Out. 1932) um estudo sobre "a verdade e a mentira do comunismo", observa Nicoláu Berdiaeff no Ocidente duas atitudes em face da "fé comunista": "De um lado, temor da burguesia, baluarte de todo o mundo capitalista. De outro, adesão bastante superficial sem duvida, e pouco raciocinada, dos intelectuais, até certo ponto *snobs*".

Esta segunda atitude de snobismo-intelectual é a que ditou a André Gide, á primeira vista, a sua recente profissão de fé: "Comunista de coração e de espirito eu sempre o fui, mesmo enquanto cristão. Eis porque me foi dificil separar e sobretudo opôr uma e outra atitude. Só por isto, não teria chegado a isso. Os homens e os acontecimentos é que me instruiram". *"Pages de Journal"*, in Nouv. Rev. França. 10-1-32).

Lendo, porém, as paginas anteriores desse seu "Diario" e levando em consideração as origens protestantes e individualistas de Gide, não podemos atribuir apenas essa sua conversão comunista ao snobismo intelectual, mas tambem e principalmente á logica dos seus proprios erros e de todos os daqueles que, como ele, abeberaram a sua alma nas fontes da insubmissão á Verdade.

"Pensais que o Cristo se reconhecerá hoje em sua Igreja? E' mesmo em nome do Cristo que deveis combater a esta. Não é Ele o que merece o odio, mas a religião que se constrói sobre Ele. Não foi Ele que pactuou com as potencias deste mundo e sim o padre; em nome do Cristo, é exato, mas traindo-o

ao mesmo tempo; e dessa confusão Cristo não deve ser o responsavel. Cristo "dá a Cesar o que é de Cesar", é exáto; mas, por isso mesmo, resiste a Cesar e só lhe deixa em mãos a sua veste".

Esse texto é precioso e exigiria uma analise demorada. Na impossibilidade de faze-la, quero apenas acentuar como é simbolica e expressiva de toda uma parte consideravel dos homens de hoje essa atitude gidiana.

Combatem a Igreja porque traiu o Cristo "pactuando com as potencias deste mundo", ao passo que Ele só deixou nas mãos de Cesar as suas vestes. Mas, ao mesmo tempo, entôam hinos *á potencia mais cesariana deste mundo,* a unica que ousa declarar como base explicita de sua constituição politica a negação de toda espiritualidade religiosa e a luta armada contra tudo o que veiu do Cristo! E Gide, que manda aos seus discipulos "odiar" e "combater" a Igreja porque pactuou com o Estado, — declara na pagina seguinte do seu "Diario": — "s'il fallait ma vie pour assurer le succès de l'U. R. R. S., je la donnerais aussitot" (p. 500, loc. cit.)! Algoz da Igreja de Cristo e martir do Estado que levanta uma estatua a Judas, — eis o espétaculo que nos oferece a decrepitude desse pobre grande espirito que não tolera a Igreja porque, a seu ver, teria abandonado o Cristo por Cesar e adora ao novo Cesar que abandona tanto a Igreja como o Cristo!

Eis o resultado necessario do "gidismo", essa molestia subtil que contamina uma parte consideravel da mocidade de hoje, depois que o veneno de Anatole France passou de moda...

Tudo isso, aliás, é perfeitamente logico e natural, por mais que Gide regeite tanto a logica como... a natureza. A Reforma introduziu no ocidente o germen da insurreição. E o coração humano, já levado pela ferida original de sua especie, a todas as in-

quietações facilmente se deixa arrastar por aqueles que apelam para a Revolução integral. Começaram, esses filhos da Reforma, como Gide o é pelo sangue e pelo espirito, a repudiar a missão temporal do Cristo, condenando a Igreja porque "pactuou" com o Estado, e conservando-se fieis a um Cristo puramente "espiritual", anti-cesariano, como o diz de mil modos Unamuno, outro gidiano. E acabam agora, como Gide e seus numerosos discipulos, repudiando os ultimos vestigios de cristianismo que havia em sua alma, e dando a sua vida ao Estado anti-cristão por excelencia, como a U. R. S. S., e afirmando que — "só o ateismo póde, hoje em dia, pacificar o mundo" (Gide — ib. p. 504).

Perante esse triste espétaculo de oscilações e incoerencia, como não admirar cada vez mais a serena posição da Igreja que Cristo fundou e que, ao cabo de quasi dois mil anos de luta, se encontra hoje em dia mais fiel do que nunca ao verdadeiro ensinamento do Mestre?

Nem o repudio do Estado, como queriam os primeiros filhos da Reforma, nem a adoração ao Estado, como hoje querem os ultimos dos descendentes da mesma Reforma. Nem o erro por deficiencia, nem o erro por excesso. E sim a forte mas calma afirmação de equilibrio, que encima estas linhas e que Pio XI escrevia, em 11 de Dezembro de 1915, na Enciclica em que criou a festa de Cristo-Rei, que comemoramos todos em Outubro de cada ano.

"A peste de nossos dias é o laicismo" dizia o Santo Padre. E o laicismo é a exclusão do Cristo de nossa vida individual, familiar e politica. Se esse Estado burguês, que Gide hoje condena com razão, não soube resolver o problema da felicidade humana, como pretendeu, não foi porque a Igreja de Cristo "pactuasse" com ele, como diz Gide, e sim, muito ao contrario, porque ele não quís pactuar com

a Igreja. O laicismo é essa *repulsa ao Cristo* em todas as formas de vida e de convivencia humana, que levou a humanidade á triste condição dos nossos dias, em que a miseria dos sem trabalho, aos milhões pelo mundo, apela para as soluções mais desesperadas.

A ação católica é justamente o meio de atuação social da Igreja, em nações organizadas politicamente sem ela. E' o o melhor meio de prosseguir na sua missão apostolica, dadas as condições politico-sociais do mundo moderno, agnostico e laicista.

E é o melhor método tambem de preparação da Nova Cristandade, isto é, da vida cristã na Idade Nova.

Para isso *convoca* ela *todos* os fieis. Seleciona *os mais aptos* para a Ação Católica. E coloca-os *sob a orientação dos seus Bispos.* E empreende então a sua cruzada moderna, não mais para rehaver o Santo Sepulcro, mas para rehaver os corações indiferentes, para corrigir os costumes repaganizados, para imprimir a toda a sociedade a selo intimo da seiva cristã.

A Ação Católica é a tática mais moderna da Igreja para partir á conquista da Idade Nova. E' a organização das suas milicias, compenetradas todas da responsabilidade de sua grave missão. E é o emprego de métodos delicadissimos de atuação social, *por infiltração diréta em toda linha,* em vez do ataque em massa e em ligação com o Estado e a Politica.

Temos, portanto, nesse sentido atualissimo da Ação Católica, a importancia excepcional que ela reveste para a vida da Igreja, para o destino de toda a sociedade moderna, para a feição da Idade Nova e *last but not least* para a conciência de cada um de nós.

E, como acrescenta o Santo Padre nessa memoravel Enciclica "Quas Primas": — "Esse flagelo (laicista) não amadureceu em um dia: ha muito que vegetava no seio dos Estados. Começaram, com efeito, velando a soberania do Cristo sobre todas as nações; recusaram á Igreja o direito — consequencia do proprio direito de Cristo — de ensinar ao genero humano, de promulgar leis, de governar os povos, com vistas na sua beatitude eterna. Em seguida, pouco a pouco, assimilaram a religião do Cristo ás falsas religiões e, sem a minima vergonha, colocaram-no no mesmo nivel. Submeteram-no, em seguida, á autoridade civil, entregando-a por assim dizer ao bel prazer dos principes e governantes. Chegaram alguns a querer substituir a religião divina por uma religião natural ou um simples sentimento de religiosidade". (São as proprias palavras de Gide, sete anos mais tarde: "Que ces esprits pieux ne se persuadent-ils qu'on ne peut jàmais supprimer que de faux dieux. Le besoin d'adoration habite au fond du coeur de l'homme". E por isso ele "adora" hoje os novos deuses do Oriente...) "Houve mesmo Estados que acreditaram poder passar sem Deus e fizeram da irreligião e do olvido consciente e voluntario de Deus a sua religião".

Esse quadro sintetico e magistral da evolução anti-cristã dos homens e dos Estados, desde a Reforma até a Revolução Sovietica, no seu repudio crescente á soberania de Cristo, é a explicação luminosa de toda a inquietação e a miseria moderna.

Contra elas o recurso não póde ser o agravamento do mal, como fazem os revolucionarios integrais do materialismo marxista, hoje tambem gidiano. Para sanar o Estado, é preciso espiritualiza-lo e não materializa-lo. Para alcançar a justiça social, faze-lo filho da Justiça e não do Numero.

Para obter a Paz, quebrar os restos de Força e não deifica-la.

Eis o que tenta incansavelmente fazer essa Igreja que os gidianos querem destruir, de mãos dadas, com os pretorianos de Stalin, na Russia, de Cardenas, no Mexico ou de Azaña, na Espanha.

E, contra a incoerencia de uns e a prepotencia de outros, a resposta da Catedra Infalivel é a instituição dessa Festa Universal do Cristo-Rei, que comemora todo o universo cristão, onde o odio atêu não corrompeu ainda de todo os corações. Contra os males do mundo moderno de nada vale integralizar a apostasia, como querem esses ultimos filhos da Reforma e da Revolução.

Contra eles só vale a consagração da humanidade ao "jugo suave", ao "onus leve" desse "Rei pacifico", ao qual os homens, em sua loucura, pretendem substituir pelo Estado Tecnico, armado até os dentes, mecanizado até a medula, materializado em toda a sua vida.

Contra essas miserias modernas, tanto dos males como dos remedios, o unico recurso é Aquele que, como nosso Chefe supremo, deve reinar sobre as nossas inteligencias, sobre as nossas vontades, sobre os nossos corações, sobre os nossos corpos, como o diz o Santo Padre no fim de sua Enciclica cristã:

— "E' preciso que Ele reine sobre nossas inteligencias: devemos crer, com uma submissão completa e uma adesão firme e constante, as verdades e os ensinamentos de Cristo. E' preciso que Ele reine sobre nossas vontades: devemos observar as leis e os mandamentos de Deus. E' preciso que Ele reine sobre os nossos corações: devemos sacrificar nossas afeições naturais e amar a Deus sobre todas as coisas e só a Ele nos prender. E' preciso que Ele reine sobre os nossos corpos, sobre os nossos membros: devemos fazer que sirvam de instrumentos ou

para usar a linguagem a S. Paulo "de armas de justiça oferecidas a Deus", para manter a santidade interior de nossas almas".

Eis o programa de salvação pela soberania real e integral de Cristo, sobre os homens, sobre as familias e sobre os Estados, que hoje a Igreja proclama em todo o universo, como alternativa unica ás novas invasões barbaras que se preparam. Invasões tanto mais perigosas, como diz Gustave Hervé, no fecho de sua magnifica "Nouvelle Histoire d'Europe", quanto desta vez — "les Barbares sont à l'intérieur"...

1933.

XIV -- A União Eucaristica da Baía

"Só se justifica a ação social e politica, entre os católicos, quando esteada numa vida espiritual profunda. E só compreendemos uma atividade cultural intensa quando ordenada para uma vida sobrenatural verdadeira... Não é como cupola do edificio que ela deve atuar e sim como fundamento de tudo mais. Sempre que haja uma vida sobrenatural intensa, haverá quasi que necessariamente, entre católicos, uma vida cultural e politica adequada. Ao passo que a reciproca não é exáta... A atuação politica e cultural dos católicos, portanto, no momento atual, está dependendo de sua posição sobrenatural. E essa depende eminentemente da frequencia aos sacramentos. Uma vida de oração ardente e de comunhão frequente é a base de toda a atuação dos católicos na vida *pratica* da nacionalidade... Ha em todas as comunidades católicas do mundo uma concentração de esforços em torno de uma "Cruzada Eucaristica", que seja por toda a parte o estimulo a uma vida sobrenatural mais ativa. No Brasil essa necessidade ainda é maior. Pois entre nós os males do catolicismo *não praticante* se estenderam de modo tal, que hoje a recatolização dos católicos é tanto ou mais necessaria, entre nós, quanto a evangelização dos incredulos" (1).

---

(1) — Tristão de Athayde — *Politica,* 1932 pag. 285-286.

Essas palavras, ditas em 1932 ao publico de Belo Horizonte, continuam a representar para nós a essencia de toda ação católica no Brasil. Só dessa reposição de nossa vida em suas bases verdadeiras, poderemos esperar a pacificação dos espiritos e a ordem social cristã por que nos batemos. Pois a vida social, em todas as suas modalidades, é um reflexo da vida espiritual. E o homem, como centro vivo de toda vida social, só poderá ser o fator de equilibrio e de superação, que por natureza representa na sociedade, se recompuzer em sua vida interior a hierarquia normal de valores.

Cada vez mais esbarramos, em nosso esforço de ação católica, diante de tres males que levantam verdadeiras barreiras em nosso caminho:

a indiferença do meio,
a divisão de esforços,
o desanimo interior..

E, se examinarmos cada um deles procurando penetrar um pouco abaixo da superficie, o que vamos sempre encontrar é a ausencia de vida espiritual e sobrenatural. E onde a natureza não se espiritualiza não atua a graça sobrenatural, chave de toda a vida humana.

A *indiferença do meio,* em face de nossa obra, provém justamente desse catolicismo exterior, que grassa na sociedade elegante, onde infelizmente se encontram, em regra geral, as fontes em que vamos buscar os meios materiais para sustentar as nossas obras.

Por mais que tenhamos martelado sobre esses males da burguesia, que se preza de culta e se arroga o direito de governar a nação, é preciso sempre malhar no mesmo ferro, por mais frio que pareça, por mais indiferente que se mostre ás ameaças dos inimigos e ás advertencias dos amigos.

Bem sabemos que são injustas as condenações em massa. Bem vemos que nem todas as senhoras elegantes se limitam ás missas... elegantes, que nem todas se afastam dos sacramentos por não terem coragem de cumprir com os deveres da lei católica (que só é facil e relaxada para os que a criticam de longe, cuidadosamente instalados em suas poltronas de ceticos e displicentes). Mas a regra geral, nessa sociedade que frequenta o Municipal ou o "grill-room" do Copacabana, que joga "golf" ou "bridge" e toma banho de sol nas praias, que só conhece o mundo através dos vidros do seu automovel ou dos romances pornograficos, que saboreia com malicia, — a regra é o *egoismo* em todos os sentidos: *egoismo domestico,* que se recusa á maternidade, sob todos os falsos sofismas em que são mestres os pseudo-moralistas e pseudo-cientistas da eugenia e da higiene modernas; *egoismo economico,* que fecha a bolsa, com avareza mal disfarçada pelas queixas hipocritas aos máus negocios, e só pensa em acumular miseraveis fundos que serão engulidos amanhã nas especulações infelizes ou nas oscilações do cambio ou em gastar, com a mão direita ou, mais frequentemente ainda, com a mão esquerda, num disperdicio criminoso de luxos e prazeres; *egoismo politico,* que fomenta as revoluções para delas se aproveitar, namora os comunistas intelectuais e persegue os comunistas proletarios, defende o liberalismo e a democracia, enquanto forem esteios do capitalismo, mas já se prepara para a adesão ao integralismo, de importação fascista ou hitlerista, se ele se mostrar forte bastante para suceder ao liberalismo, ainda predominante; *egoismo intelectual,* que aguarda avidamente a chegada das ultimas malas do correio para aprender a ultima lingua que Joyce inventou, para saber qual a ultima palavra de Bertrand Russel sobre as novas modalidades de união sexual; qual o

juizo de Gide sobre a questão operaria; de Gentile sobre a sintese *a priori* e o ato puro; de Mencken sobre a crise norte-americana; de Emil Ludwig sobre Hitler, e passar depois entre as idéas com o mesmo sorriso dos tempos da defunta disponibilidade gidiana, que ainda floresce em nosso meio ou floresceu pelo menos até o dia da conversão de Corydon a Stalin... E assim por diante.

Todos esses egoismos grassam em nosso meio e o catolicismo vai deles recebendo as emanações venenosas. E as senhoras se aproveitam dos falsos moralistas, para adaptar-se aos novos tempos no que lhes convem, e os homens, os moços sobretudo, em que a fé bruxoleava, se deixam vencer pela sedução dos mestres perfidos e malabaristas, temendo passar por pouco inteligentes se forem pegados em flagrante de crer em Deus...

Para corrigir toda essa contaminação moral e intelectual que vai corroendo os meios católicos, mais ricos, mais elegantes e mais cultos, só a volta aos sacramentos, só uma vida espiritual profunda, só uma renovação pelas raizes.

E o mesmo que se dá com a *indiferença do meio*, provocada por essa descatolização subrepticia dos católicos, pelos varios egoismos da civilização *moderna,* — dá-se com os dois outros obstaculos que apontamos a toda ação recristianizadora do nosso néo-paganismo social: a divisão dos esforços e o desanimo interior.

E' justamente a tibieza de nossa vida religiosa que provoca essas dissenções, impede a unidade de ação, estimula os preconceitos, fecha cada um em sua "ordem terceira" ou em sua "congregação mariana", sem contacto com mais nada, alimenta a estreiteza de espirito e a maledicencia, males tão frequentes em nosso meio.

Só uma vida sobrenatural intensa póde vencer todos esses defeitos tão humanos e fazer dos nossos esforços um feixe unico de luz.

E individualmente, no fundo de nossas conciências, esses desanimos tão frequentes, essa falta de tenacidade em nossas tentativas, essa incapacidade de vencermos os obstaculos, de resistirmos á tentação do desespero, de largar tudo ao primeiro obice encontrado, — individualmente em nossa vida interior, ainda tão falha e deficiente, o que impede a formação da vontade é justamente a falta de espiritualidade verdadeira, de união com a *vida* de Cristo.

E tudo se resume numa palavra: a Eucaristia. Daí tudo deriva e para aí tudo converge. Com a Eucaristia, podemos esperar corrigir pouco a pouco essas contaminações que o meio católico recebeu dos meios paganizados, universitarios, politicos, ou mundanos. Sem a Eucaristia, todos os esforços serão inuteis e perdidos.

Por isso mesmo é que o acontecimento central de toda a vida católica brasileira deste momento, (1933) é o Congresso Eucaristico da Bahia.

Aí, na grande metropole do Catolicismo brasileiro, — onde, infelizmente, já penetrou profundamente tambem, e de modo particular nas classes cultas e mundanas, como no Rio ou S. Paulo, o veneno do néo-paganismo, — aí se vai levantar o brado eucaristico. Aí se vai lembrar de novo, aos povos esquecidos do nosso Brasil, que a vida católica sem a Eucaristia é uma vida mais perniciosa que a vida francamente pagã. Aí se vai levantar a bandeira branca do dogma capital de nossa Fé, sem o qual é vão esperar qualquer renovação moral e qualquer progresso estavel da nossa patria.

A' Baía devem ir todos os brasileiros. Uns pela presença efétiva, outros pela palavra e todos pelo pensamento e pelas orações. Que a Semana de 3 a

10 de Setembro reuna na velha cidade que tem o mais belo, o mais sugestivo, o mais esperançoso dos nomes, na cidade do Salvador, todo o catolicismo brasileiro. Em torno da Presença Real de Nosso Senhor se unirão ali todos os esforços com que humildemente O servimos. Diante d'Ele estaremos unidos num só feixe para recebermos a coragem necessaria para vencer todos os obstaculos e o amor suficiente para nos dispormos a todos os sacrificios.

1933.

XV—Significação do Congresso Eucaristico da Baía

Apelavamos, no capitulo anterior, para todos os brasileiros no sentido de voltarem as suas atenções para a Baía, e ali se congregarem numa união eucaristica verdadeiramente nacional.

Agora, que a extraordinaria assembléa de Fé se encerrou, depois de uma semana que ficará marcada nos fastos da historia religiosa do Brasil como um dos pontos culminantes da vida católica de nossa terra, podemos fazer um ligeiro balanço imediato das consequencias desse certame unico de Fé entre nós.

Vejamos, aqui, no curto espaço de uma cronica, as consequencias mais destacadas do Congresso dentro da propria Bahia, sobre os católicos brasileiros e sobre o Brasil, enfim.

A primeira beneficiaria, como é justo, da grandiosa reunião, será a propria Bahia. Encontramo-la dividida e cetica. Dividida por questiunculas regionais, por malentendidos reciprocos, por uma serie de pequenos fátos que não convem aqui rememorar, mas que tinham criado, entre católicos e não católicos, entre sacerdotes e leigos, nos católicos, mesmo, entre si, uma atmosféra de mal estar e de desconfiança reciproca.

No Brasil tudo se *personaliza*. A politica, aqui, é feita em torno de nomes e não de idéas. Os partidos vivem dos homens que lhes emprestam prestigio e nada mais. A economia tambem vive sob a mesma

lei. As empresas, as firmas comerciais prosperam enquanto vivem o seu fundador ou algum chefe de qualidades raras. Desaparecido um ou outro, vai tudo á garra. Os clubes teem a existencia que lhes dá a aura de um diretor ativo. As instituições não teem vida propria e sim apenas a que lhes emprestam os homens que as fundam ou dirigem, enquanto o fazem. Os chefes, aqui, teem de exercer a sua atividade a todo momento, sob pena de deixarem fracassar a sua obra. Nada vive aqui senão do homem e em torno do homem. Idéas, instituições, partidos, empresas, jornais, literatura, nada persiste por si. Somente a pessoa em que cada obra repousa pode dar-lhe ou tirar-lhe a vitalidade.

Fomos encontrar, pois, a Baía seriamente dividida por pequenas questões de ambito local, mas que, dada essa feição personalizadora que a tudo emprestamos por aqui, atingiram a proporções muito amplas e criaram uma atmosféra pouco propicia ás grandes demonstrações coletivas de um Congresso Eucaristico Nacional.

Em consequencia desse ambiente viciado, criara-se certo cepticismo em torno do Congresso. A não ser nos meios dirétamente ligados aos organizadores do certame, não se dava grande importancia á reunião. Era voz geral que tudo seria um fracasso. As Cassandras se antecipavam e já se encontravam razões previas, "eu bem dizia"..., para explicar a falta de exito da assembléia. A propria frieza da recepção ao Cardeal e aos peregrinos, a omissão de toda demonstração nautica, o caráter um tanto protocolar que assumiu, a ausencia, quasi completa, de homens na comissão de recepção, — tudo fez crer que, realmente, as campanhas empreendidas oculta ou abertamente pela imprensa escandalosa e de tendencias laicistas, ou mesmo socialistas, tinham consegui-

do criar em torno do Congresso uma atmosféra confinada e indiferente.

O primeiro efeito do exito grandioso do Congresso, que excedeu a tudo o que os mais otimistas esperavam, foi de *espanto* para os baíanos. Nós que chegavamos de fóra, vinhamos com a mente desanuviada e aguardando, realmente, qualquer coisa de grandioso e de imponente. Mas os baíanos não. Os amigos temiam o fracasso, os indiferentes o tinham como certo e os inimigos já o antegozavam. De modo que, quando as reuniões começaram a revelar a sua solenidade e a sua eficiencia pratica, todo mundo se espantou por lá. E foi então um movimento geral de interesse crescente que veiu terminar no entusiasmo delirante da procissão, coroada pelas palavras de tanto fervor pronunciadas pelo Cardeal Dom Leme, que se afirmou, então, mais do que nunca, como o homem enviado pela Providencia para guiar o Brasil Católico, neste momento grave da sua vida, — no esquecimento esmagador do congressinho leigo, que pretendera explorar a atmosféra anterior, por seus membros preparada, e afinal na alegria, no entusiasmo, nas manifestações da multidão compacta, que no Cais veiu trazer ao Cardeal e aos peregrinos do Sul o testemunho caloroso de uma alma já então transfigurada e unida.

O primeiro efeito do Congresso para os baíanos foi revelar-lhes as suas proprias riquezas de Fé, espanar-lhes as teias de aranha de certo provincianismo que dá importancia excessiva ás questiunculas locais, fazendo-lhes compreender como foi grande o que fizeram e como precisam, antes de tudo, elevar o espirito ás necessidades espirituais superiores da hora que o Brasil e o mundo vivem, não se perdendo em pequeninas intrigas regionais, exploradas pelos inimigos de Deus e da Patria. Para a Baía vai certamente trazer o Congresso um beneficio ime-

diato embora pouco aparente, talvez, de momento, mas incalculavel de vantagens, futuramente, para a união do seu povo, para a intensificação da vida católica masculina, para o esquecimento final da intrigalhada que a maçonaria manobrava na sombra, e os espiritos irrequietos e demolidores espalhavam pela imprensa amarela e pelos grupelhos maledicentes.

* * *

Para os brasileiros, em geral, se não será tão imediata a consequencia, ha-de tambem fazer-se sentida e de modo penetrante. Estiveram reunidos na Baía, por oito dias, peregrinos vindos de todos os recantos do país. Quasi quarenta Arcebispos, Bispos e Prelados ali se juntaram. Numeroso clero das mais longinquas paroquias, desde o vigario de Geremoabo, que andou muitos dias a cavalo para chegar a Fortaleza, até o de paroquias da fronteira uruguaia, — todo esse clero se aproximou, intensificou a sua vida eucaristica, tomou contato com a vida católica brasileira, em um dos seus momentos culminantes, abrindo assim as idéas e fazendo tocar de perto o tesouro oculto da grande vida católica.

Nada de mais perigoso, e de mais doloroso tambem, para esses vigarios esquecidos das paroquias longinquas, do que a solidão. Longe dos companheiros no serviço de Deus, sem uma regra colétiva e exterior, sem uma supervisão imediata dos seus superiores hierarquicos, sem dinheiro para comprar livros e revistas, que são os meios de comunicação com a vida intelectual e espiritual no Brasil e no mundo; em contato com a vida rude, desabusada e candidamente sensual do povo, — como é dificil ao vigario isolado defender a sua espiritualidade, cultivar a sua inteligencia, vencer o confinamento do seu meio limitador e mediocre!

Por tudo isso é que uma assembléia como essa, em que esses solitarios dos sertões ou das aldeias se encontraram com os seus companheiros da cidade, com os leigos da ação social e com os purpurados da hierarquia — foi uma ocasião unica para levantar o animo desse clero anonimo e por vezes heroico e santo, que, dado aquele personalismo do nosso caráter, tanto bem ou tanto mal pode fazer em nossa terra.

Os Bispos e Arcebispos, por sua vez, depois de uma reunião solene, grandiosa, e ao mesmo tempo pratica como essa, — vão levar ás suas dioceses o espirito da atividade e de fervor, renovados nessa justa emulação empreendida durante esses dias de trabalhos e resultados discutidos e relatados em comum.

E os leigos, entrando em comunhão mais intima com a vida da Igreja no Brasil, melhor poderão vencer as dificuldades e trabalhar em conjunto, sob um plano comum, para objetivos analogos.

Para os brasileiros, portanto, que diréta ou indirétamente se puseram e se vão pôr em contato com essa demonstração colétiva e sem igual até hoje, de fé e de sadio amor patriotico — para os brasileiros em geral, os frutos desse Congresso serão reais e duradoiros.

Mais fervor individual, mais ação grupal, mais ideal coletivo — tudo isso nascerá, por certo, dessa Assembléia, em que ficou bem claro que a vida católica se baseia na santificação individual, exige a disciplina dos grupos de ação e precisa trabalhar em comum com todo o espirito católico nacional e universal, repudiando o individualismo, estimulando os trabalhos de grupos e associações, e fazendo viver, a vida católica, do grande hausto de espiritualidade e de harmonia que faz do Catolicismo, em todo o universo, a grande e incomparavel barreira contra a rebarbarização do mundo.

O Brasil, enfim, não deixará de sentir, como Nação e como Estado, as consequencias dirétas e indirétas desse Congresso de incomparavel fervor eucaristico.

Estamos em vesperas da Constituinte. Vão, em breve, reunir-se os novos legisladores brasileiros, para dar ao Brasil uma nova Lei Fundamental. Ora, as mais desencontradas tendencias cruzam o mundo moderno, e ao mesmo tempo que uma sadia reação leva a Italia, a Austria, Portugal, a Inglaterra e até certo ponto os Estados Unidos e mesmo a França, a procurarem formas de Estado, mais proximas da verdade cristã — outros povos se deixam vencer pela sedução do materialismo sovietico, e de longe ou de perto se põem a marchar para a esquerda, em direção do polo magnético de além-Vistula, como a Espanha, o Mexico, agora Cuba, ontem e por alguns dias o Chile — tudo isso demonstrando como o fermento do radicalismo está latente, no fundo do romantismo politico americano e como são graves e imediatos os perigos que nos ameaçam.

Ora, a reunião neste momento, no Brasil, de uma Assembléia Católica, como essa, em que os mais indiferentes se sentiram surpresos e comovidos, não pode deixar de influir no animo daqueles sobre quem pesa a responsabliidade do Brasil futuro.

E a atitude do joven interventor federal, capitão Juracy Magalhães, foi digna de especial registro. Superior ás intrigas dos adversarios e ás murmurações dos amigos politicos, — que os tem infelizmente e de prestigio, entre os peores inimigos da Fé Católica e da Civilização Cristã no Brasil, como seja o sr. Edgard Ribeiro Sanchez, que, inexplicavelmente, foi contemplado com uma cadeira de deputado federal na Constituinte, e anda assoalhando por toda parte que no recinto da Assembléia fará a propaganda da idéa divorcista, além da de toda a sua ideolo-

gia francamente penetrada e mesmo impregnada de simpatias comunistas, — superior a todas essas contingencias, cresceu o capitão Juracy aos olhos do povo baíano e de todos os que foram presentes ao Congresso, pela sua atitude desassombrada de católico verdadeiro, comungando por tres vezes das mãos do proprio Cardeal, segurando o palio da procissão eucaristica por todo o trajéto, voltando, enfim, de modo auspicioso, a ser o *mariano* fervoroso que já foi e dando, assim, aos politicos brasileiros, da velha e da nova republica, um exemplo que precisa ser conhecido, proclamado e... seguido.

Essa participação efétiva do governo do Estado, em todos os atos religiosos, dos mais solenes aos mais fervorosamonte intimos, foi um fáto de maior relevancia para a vida social brasileira e que mostra os efeitos consideraveis que um Congresso como esse terá para a vida da nacionalidade, no que tem de mais profundo e de mais moderno.

* * *

Eis aí, em palavras escritas ainda sob a impressão quente e inesquecivel dessa assembléia de Fé, os resultados que nos parecem mais imediatos para a vida social brasileira.

Muito haveria ainda que dizer, sob um duplo ponto de vista. De um lado o resultado espiritual obtido com esse movimento, que é, aliás, a base de tudo o mais. O numero de conversões alcançadas, o afervoramento de piedade em todos os que participaram dele ou a ele assistiram de perto ou de longe, o animo de trabalho, o entusiasmo juvenil despertado no clero e manifestado a cada passo, nas mais inequivocas demonstrações individuais e colétivas, — tudo são frutos espirituais que excedem a todos e em que tudo mais assenta.

Sob o ponto de vista da Ação Católica, enfim, de que tanto dependem os destinos do Brasil cristão e brasileiro, foi esse Congresso de um alcance incalculavel, pois ficou definitivamente assentada a sua organização em moldes nacionais, e, portanto, assegurada a maxima união de vistas entre os varios nucleos locais de atividade para o fim comum.

* * *

Bem razão tinhamos nós, portanto, em convocar o Brasil todo para ir á Bahia. Ali se decidiram, sem grandes rumores previos, e sem nada que não fosse inspirado no mais puro espirito de Jesus Cristo, os destinos do Brasil Católico. Assim, saibamos nós perserverar nos propositos assumidos, manter a disciplina prometida, evitar os desanimos e as dissenções, cumprir os compromissos contraídos com Deus e com os homens, conservar unidos os nossos esforços, trabalhando sempre, não para o nosso pequenino prestigio individual ou para o renome acidental da nossa obra particular, mas para o bem de todo o Brasil Católico, para a irradiação da Igreja de Cristo na civilização moderna ou, como dizem os filhos de Santo Inacio, e dizemos todos nós, *ad majorem Dei gloriam.*

1933.

XVI -- Nossa Revista

Todos sentem a gravidade excepcional do momento que atravessamos. Todos sentem a massa de interrogações que ha no ambiente. Todos vêem a multiplicidade de caminhos que se abrem em nossa frente á espera de nossa escolha. O Brasil se acha em plena *disponibilidade.* A quéda da Primeira Republica abriu possibilidades em todas as direções, possibilidades para o bem e possibilidades para o mal. E é indispensavel que se distingam bem nitidamente os dois caminhos e que se decidam as vontades a trilhar o bom caminho. O que se está passando aqui é o que se está passando em todo o mundo. Os dois ultimos seculos da nossa civilização foram orientados em máu sentido, no sentido da vitoria do *individualismo.* O seculo XX está sendo o da *falencia do individualismo.* Por toda parte a insegurança, a instabilidade, a crise. Por toda parte a conciência de um fim de éra ou de um inicio de éra nova. Por toda parte a conciência de que a fórma individualiista, isto é, burguesa, de civilização falhou. Esse termo é sempre perigoso de se empregar porque os socialistas o deturparam, simplificando-o ao extremo, como sendo a classe dos *proprietarios* em face do proletariado, — classe dos não proprietarios. Ou, como diz a terminologia vulgar do partido — os exploradores e os explorados.

O termo burguês, porém, tem um significado mais complexo. Do mesmo modo que o socialismo

é apenas o desdobramento logico do capitalismo, — o proletario é apenas o desdobramento logico do burguês. Não são duas classes que se *defrontam*: são duas classes que se *sucedem*. O proletario está para o burguês, como o socialismo para o capitalismo.

Liberalismo economico e socialismo utopico se defrontaram de fáto no seculo passado, como hoje se defrontam capitalismo e comunismo. Mas no fundo é uma corrente só que corre no mesmo leito. E o mesmo sucede com a dupla " burguês - proletario ". São duas expressões humanas sucessivas do mesmo estado de espirito inicial. E esse estado de espirito inicial, para não nos perdermos em grandes cogitações de origem, é o *racionalismo* do seculo XVIII.

O racionalismo do seculo XVIII preparou a filosofia burguesa da vida. Dele derivou o *naturalismo* do seculo XIX, que preparou a filosofia proletaria da vida. E' uma cadeia inflexivel de deduções logicas e cronologicas. Condorcet está para o *burguês* do seculo XIX, como Feuerbach para o *proletario* do seculo XX.

De modo que a onda de sublevação contemporanea que ameaça aniquilar todos os nossos valores de espirito, é a onda dos dominados que os dominantes *preparam*. O proletario é o filho do burguês. Preparado por ele, ensinado por ele, armado por ele, não se pódem acusar reciprocamente. Representam a mesma mentalidade, o mesmo ideal e a mesma origem, que poderiamos reduzir em sintese aos seguintes postulados primordiais:

a) — Supressão do mundo sobrenatural;

b) — Soberania absoluta do homem sobre a natureza;

c) — Predominio absoluto dos valores economicos;

d) — Progresso social indefinido.

Esses são os postulados fundamentais (pois cada um se desdobra em muitos outros) que a filosofia burguesa contem *implicitamente* e a filosofia proletaria *explicitamente*. A primeira chega a negar que aceite esses postulados. Alega muitas vezes o oposto. Póde chegar mesmo a crêr sinceramente que os repudia, mas, no fundo verdadeiro de sua *ação* na vida, eles se encontram iniludivelmente. O proletariado tambem não os explicita de modo imediato. E só hoje, — com o avanço pratico e doutrinario que tem tido o socialismo de Marx a Lenin e hoje a Stalin e Trotsky, — é que aqueles postulados estão sendo afirmados como dogmas da novissima filosofia proletaria da vida.

Estamos, portanto, em uma fase de explicitação. Chegamos ao momento das grandes opções. A atitude agnostica se acha em plena decadencia. Não é o ateismo nem o teismo que estão decaindo e sim a inopção entre eles. A decadencia do agnosticismo é um sinal tipico dos nossos tempos: Daí a dura necessidade de escolher, de ser homem, como dizia Charles Louis Philippe: — "Sois un homme: choisis".

A ORDEM representa, no meio brasileiro, a vitoria sobre o agnosticismo. Jackson de Figueiredo foi o pioneiro admiravel desse movimento de opção, que está forçando os brasileiros a sairem da comoda filosofia da indiferença e do tanto-faz, que é ainda a dominante da maioria absoluta dos nossos espiritos cultos. A ORDEM é a opção pelo Espirito. E os postulados que ela defende, como base de uma filosofia sã da vida, opõem-se, ponto por ponto, áqueles quatro que vimos na base do racionalismo burguês e proletario contemporaneo. Esses nossos postulados são, em sintese:

a) — Reintegração do mundo sobrenatural;

b) — Soberania *relativa* do homem sobre a natureza;

c) — Subordinação dos valores economicos aos valores morais e religiosos;

d) — Progresso social limitado e moral indefinido.

Opomos baluarte a baluarte. Não julgamos que a oposição "burguês-proletario" seja o dado imediato da vida social, como querem os marxistas. Nem julgamos possivel a coexistencia de duas classes sem uma revolução espiritual, que reintegre os valores religiosos em sua predominancia natural sobre os valores sociais e economicos.

Isso bem define a nossa posição em face do materialismo confessado dos communistas e do materialismo inconfessado da burguesia agnostica e precomunista.

O primeiro passo, portanto, para evitar a ruptura definitiva das classes é restaurar uma filosofia social sadia. E essa só pode vir como dedução de uma filosofia moral e religiosa, baseada na razão e na fé esclarecida. A Igreja Católica representa, na sociedade de hoje, tudo isso que a nossa observação vê como necessario á reação anti-materialista. Sem ela, a oposição ao materialismo não alcançará o cerne do problema e será um desvirtuamento de ideais. Pois, se ficarmos no puro terreno pragmatico, o materialismo proletario é tão capaz de obter a felicidade terrena quanto o apregoado idealismo burguês do capitalismo cientifico. Por mais que os doutrinarios ou os demagogos do comunismo se riam, — ha um *idealismo capitalista* moderno: Rotary, Ford, etc. Esse idealismo capitalista é tão capaz de *organizar a sociedade* pragmaticamente quanto o materialismo comunista. Ambos querem a mesma coisa: felicidade e bem estar social para todos os homens. Ambos crêem que isso só é possivel numa sociedade intensamente industrializada. Ambos abandonaram como perniciosa a idéa do *lucro* individual e

substituem-na pela de *serviço* social. Ambos pretendem chegar lá por simples meios economicos.

Se nosso ideal fosse *apenas* pragmatico, não vejo como condenar um ou outro. Serão simples modalidades de temperamentos nacionais distintos. E tanto é assim que todos os viajantes chegados da America do Norte nos informam da enorme simpatia que por lá hoje existe pelo regime russo.

Nosso ideal é outro. Vai muito mais longe, muito mais fundo e muito mais alto. E julga inutil toda a reforma social que não alcance a raiz dos fenomenos. Daí rejeitarmos o materialismo proletario e o idealismo burguês modernos, como filosofia da vida. Vemos ambos minados dos mesmos vicios. E julgamos imprescindivel trabalhar por aqueles postulados que estabelecemos e que só podem ser defendidos por uma instituição que os possui entranhados em toda a sua alma e a sua historia: a Igreja Católica.

Eis porque somos, no terreno social, como em todos os demais, os defensores extremos da Igreja Católica. Só ela póde salvar o mundo, ontem, hoje ou amanhã. Fóra dela não ha salvação possivel, senão pela graça gratuita de Deus.

Eis porque nos julgamos cada vez mais forçados a clamar nos desertos que nos circundam. Eis porque precisamos estar cada dia mais em contacto com os nossos leitores. Eis porque tornamos *mensal* a nossa revista, apesar de todas as dificuldades do momento. Eis porque fazemos um apelo ardente a todos os que participam de nossas crenças e de nossas idéas, para que ajudem a viver a nossa revista, colaborem comnosco, tragam-nos o seu auxilio material, intelectual e espiritual.

Precisamos falar. Precisamos ser ouvidos. Precisamos agir. E para isso precisamos viver, viver intensamente.

O grande Cardeal, que a Providencia Divina collocou á testa de todo o nosso movimento, honrou-nos e animou-nos com a carta autografa com que abrimos esta nossa serie mensal. Que todos os que estão perfeitamente integrados com as nossas idéas ouçam o seu apelo e compreendam a necessidade de catolicizar toda a nossa inteligencia brasileira. E para isso auxiliar os orgãos de sua defesa. Nada queremos para nós. Tudo para a Igreja de Deus, que nos ensina a morrer e por quem devemos viver.

XVII -- Mobilizemo-nos

A atitude do professor Fernando de Magalhães, Reitor da Universidade do Rio de Janeiro, demitindo-se de presidente da 5ª Conferencia Nacional de Educação, em seguida á votação favoravel á permanencia, ali, do laicismo pedagogico, veiu, felizmente, marcar a separação cada vez mais insofismavel dos campos em que se dividem hoje os que se interessam pelos problemas da educação no Brasil.

De um lado, temos os retrogrados, os apegados ao feiticismo das formulas arcaicas, os maniacos da laicidade integral do ensino, que defendem a todo o transe o espirito que presidiu aos quarenta anos de pedagogia republicana, com o seu pragmatismo, o seu tecnicismo arido, a sua obsessão mimetista, o seu desdém pela realidade, o seu desrespeito pela sociedade em que vive, pela infancia que pretende educar, pela nacionalidade de que deveriam ser os mandatarios, mas de que são realmente meros torcionarios.

Esses, bafejados pelo sopro oficial, tendo á sua disposição os cofres publicos, pondo e dispondo, entre quatro paredes, na reclusão propicia dos conluios misteriosos — constituem um corpo diminuto, mas coeso, disciplinado, obedecendo cegamente á doutrina de um só autor, o inevitavel Dewey (homines unius libri...), e impondo dogmaticamente as suas deliberações e a sua orientação a todo o ensino pu-

blico e, já agora, ao que pretendem, á propria Constituição em projéto.

Do outro lado, os insatisfeitos com a experiencia das quatro decadas passadas, os realistas, os prudentes, os defensores do Brasil brasileiro, os católicos que aspiram a uma educação integral, os nacionalistas de todos os matizes e mesmo os liberais, que compreenderam o que ha de abusivo e tiranico na laicidade obrigatoria de católicos ou protestantes, judeus ou meros espiritualistas, para satisfazer apenas ao sectarismo de alguns anti-clericais e atêus ou á massa amorfa dos indiferentes.

Deste lado está a maioria, sem duvida, pois o bom senso da vida se obscureceu de todo na conciência daqueles que se interessam por esses problemas e sobretudo daqueles que estão assistindo hoje á dolorosa experiencia de quarenta anos de educação publica sem moral e sem Deus. Mas está tambem a dispersão, a timidez, o respeito humano, a falta de uma base comum, — a deficiencia de preparo tecnico e mormente a ausencia do bafejo governamental, sem o que, no Brasil da nova como da velha Republica, nada se pode fazer que seja tomado a serio pelos administradores da coisa publica.

Que fazer, diante dessa situação paradoxal? Cruzar os braços? Lamentar-se? Esperar melhores dias?

Qualquer dessas atitudes seria uma traição ao Brasil e ás novas gerações. Seria pactuar com o erro, e, por isso mesmo, generalizar o erro. Se algum sentido tem o espirito com que queremos reagir contra o negativismo anti-nacional e anti-cristão desses pedagogos yankizados, que hoje dispõem, pelo menos, de dois pontos estrategicos poderosos — os dirétorios municipais da instrução publica no Rio e em São Paulo — nosso dever está de antemão traçado: coligar essas forças dispersas sob uma bandeira comum,

E, como o que pretendem os nossos adversarios é *pragmatizar* a escola, — de nosso lado só ha um caminho a seguir: *espiritualizar* a escola. Essa a nossa bandeira, esse o nosso grito de "ralliement".

Enquanto esses retrogrados do laicismo de 1891 se apegam ás velhas formulas rançosas que nos jogaram na encruzilhada tragica em que nos encontramos — o que temos a fazer é pugnar por um novo espirito, o verdadeiro espirito da energia construtora, que vem reatar a grande tradição nacional interrompida pelos imitadores da França em 1891 e pelos neo-imítadores dos Estados Unidos, em 1932, e abrir novas perspectivas magnificas para a nova fase social e politica do Brasil.

E esse novo sentido da educação nem pode ser o do "instrucionismo" puro, que vigorou até ha pouco, pela indiferença do Estado e pela separação entre a escola e a familia — nem muito menos o pragmatismo dos atuais detentores dos postos de comando, da instrução publica, que pretendem impor a onipotencia do Estado, em materia de educação, com o aniquilamento da familia em beneficio da escola publica, sem moral e sem Deus.

Nem um erro nem outro.

Nosso dever parece ser o seguinte:

1º — *Reunir* todas essas forças dispersas, que se opõem aos erros *morais* da "pedagogia nova", mas que não sabem bem o que devem e o que podem querer, nesta confusão da hora que vivemos.

2º — E para isso dar a essas forças uma finalidade, um chefe e um centro de ação.

A *finalidade* só pode ser a que acima apontamos: *espiritualizar* a educação. E mostrar, praticamente, que os métodos mais modernos da chamada "pedagogia nova" estão perfeitamente dentro do espirito da escola católica, tal como *deve* ser com-

preendida, se bem que nem sempre tal como é praticada.

O *chefe* dessa cruzada espiritualizadora da nova educação brasileira parece estar naturalmente indicado, pela atitude assumida pelo ex-presidente da A. B. E., cujo prestigio, cuja eloquencia e cujo animo de ação constituem um penhor seguro de vitoria nos prelios a empreender.

O *centro de ação,* finalmente indispensavel para a tarefa quotidiana, paciente, obscura, mas fundamental do preparo das competencias individuais, da discussão dos pontos controversos, da reunião e concentração daquelas forças disseminadas, o centro, enfim de preparação e conciência da *nova pedagogia espiritual,* que deve coibir e impedir os males da *nova pedagogia leiga, é* naturalmente a *Associação dos Professores Católicos,* fundada pelo Sr. Everardo Backheuser e cuja tarefa hoje tem de ser decisiva para o exito da nova campanha pedagogica, de profilaxia e progresso da educação publica no Brasil.

3º — Feito isso, então, intervir corajosamente na elaboração das leis de ensino, desde os principios gerais da Constituição, até a aplicação pratica que se faz dos regulamentos, e que se presta a tantos abusos imorais, como esse que ha dias verificámos, de um inspetor municipal de ensino na zona dos suburbios da Leopoldina, que está de mansinho determinando (com ordem ou sem ordem do Sr. Anisio Teixeira, não sabemos), que os colegios particulares que usam nomes religiosos, como "Menino Jesus", "N. S. das Mercês", etc., mudem quanto antes esses nomes pelos de vultos da nossa historia ? O episodio é autentico e recentissimo. Podemos mesmo acrescentar que a diretoria do colegio "Cardeal Leme", perguntando-lhe se devia tambem mudar esse nome, recebeu como resposta a conces-

são de guardar o mesmo, "porque esse, ao menos, é um homem importante" (sic).

Eis a que mãos estão entregues os destinos da nossa instrução publica...

Só mesmo uma ação pertinaz e corajosa, que reuna a competencia tecnica indispensavel a uma base filosofica sadia, pode livrar o Brasil do descalabro que será o ensino puramente "tecnico", sem nenhuma base moral e religiosa. Só a espiritualização do ensino, pela união dos novos metodos pedagogicos dos ideais morais do cristianismo, pode impedir que o prurido de reformas, que ultimamente tem distinguido os nossos pedagogos não venha a degenerar num verdadeiro desastre para a nacionalidade brasileira e para a felicidade das novas gerações.

E para isso é urgente a congregação de todas as nossas forças mais sadias, em torno de uma finalidade unica, de um chefe unico e de um centro unico de ação.

1932.

XVIII -- Despertar os adormecidos

Neste ano de 1933, comemoramos o maior centenario dos tempos modernos. Ha 1900 anos que Nosso Senhor expirava na Cruz, dando o seu sangue inocente pela redenção de todo o genero humano. E que tem feito o genero humano, durante esses 19 seculos, para corresponder a esse Sacrificio inaudito? Que têm feito os homens para arrancar de sua alma a semente envenenada do pecado? Que têm feito os Estados para ajudar os homens a subir o arduo caminho do seu calvario?

Desde então, no intimo de cada alma individual e no ambito de cada nação, sinonimos se tornaram a elevação espiritual e o cumprimento da lei cristã. A irradiação dessa lei de penitencia, de caridade e de paz tem acompanhado ao longo da historia e ao largo dos continentes as vicissitudes de elevação e de decadencia por que vem passando o genero humano, em sua marcha penosa ao correr dos tempos. Certamente, não é possivel traçar uma linha unica, em que se confundam, a cada momento, o ritmo religioso e o ritmo historico. Seria uma simplificação arbitraria da historia humana, em que se entrecruzam toda a sorte de linhas, em tres planos principais: a historia da humanidade em bloco; a dos povos em particular; e a da alma humana, enfim, em sua irredutibilidade singular.

Em relação á historia da humanidade, considerada como aquele "corpo unico", de que falaram Vi-

cente de Lérins e alguns seculos mais tarde Pascal, o ritmo de expansão da lei de Cristo tem sido um pouco semelhante ao ritmo fisiologico do coração humano: distensão e contração.

Contração inicial em torno do Mestre ainda vivo; distensão pela dispersão dos apostolos após a Sua morte e em obediencia ás Suas palavras.

Contração, em seguida, no centro do Imperio Romano, pelo prestigio crescente do Bispo de Roma e pela conversão da propria Autoridade Imperial; distensão ao longo dessas tribus pagãs que se infiltraram no Imperio, desmembraram-no e receberam-lhe a herança.

Contração no Imperio Carolingio, quando o ideal da unidade cristã, politica e espiritual, atingiu á sua culminancia; distensão, em seguida, pela formação das nações modernas, pelos cismas do Oriente e do Ocidente, pelas grandes descobertas geograficas do seculo XVI, em que a Cruz seguiu sempre as caravelas e as expedições guerreiras ou economicas.

Contração, no seculo XVIII e grande parte do seculo XIX, como defesa contra os ataques tremendos da impiedade que lançou então contra a Igreja as suas forças mais aguerridas, arrancando, afinal, a propria liberdade do seu chefe terreno; distensão nos decenios mais recentes, em que a irradiação da Fé pela obra missionaria, a conquista dos povos pagãos, e a reconquista das *élites* em muitos continentes vêm compensar, em parte, a apostasia das massas obreiras, trabalhadas pelo fermento revolucionario, que o materialismo requintado das *élites* intelectuais e das camadas burguesas lhes comunicaram.

Essa sistole e diastole da lei cristã tem sido a sua historia na conquista do genero humano. Luta continua que nós sabemos não ter fim, antes que se cumpram as profecias apocaliticas.

O quadro se complica, ao passarmos do ritmo universal da especie humana á linha evolutiva de cada povo. Inutil, aí, qualquer generalização. A menos que não aceitemos, em vez daquele ritmo secular de contração e distensão, a marcha ascendente a principio e descendente em seguida, que uma simplificação excessiva poderia enxergar na historia das nacionalidades, quanto á sua formação cristã. Mas a realidade é mais complexa e cada povo oferece particularidades especiais, tanto mais quanto póde ser sempre considerado, como Nação ou como Estado, e variando assim, de modo sensivel, a qualidade de sua formação ou deformação cristã. Ao mesmo tempo que povos, tradicionalmente religiosos, como Estado e como Nação, tais como a Espanha, a Russia ou o Mexico, estão hoje entregues á mais desbragada demagogia ateista, tanto entre dirigentes como entre dirigidos — assistimos á expansão surpreendente de nacionalidades católicas como a Italia e ao progresso religioso notavel de todas as comunidades católicas nas nações protestantes, Alemanha, Inglaterra, Estados-Unidos ou Holanda. Ao passo que a luta entre a Nação e o Estado continúa na França ou nas nossas republicas sul-americanas, em que a politica militante está na mão de minorias agnosticas, quando não anti-cristãs, como se vê na votação de leis condenadas pelo Direito e pela Moral, no Peru', no Uruguai ou na Argentina, e pela oscilação entre o liberalismo religioso de uns e o sectarismo laicista de outros, nos meandros da *nossa* politica "revolucionaria".

A luta pela implantação, reimplantação ou defesa da lei evangelica no direito dos povos continúa, como continúa o ritmo de avanço e recuo da Igreja na historia da humanidade. Mas, em geral, é sombrio o quadro que nos cerca e o ambiente geral, trabalhado por seculos de libertação integral do ser hu-

mano, em seus instintos mais elementares, ou de orgulho de sua Razão, em suas imposições mais formais, não é de modo algum favoravel a essa espiritualização da lei que a regra cristã exige das nações e dos Estados.

E o homem? E nós, em nossa tragica luta individual contra isso tudo que vicia o ambiente, que provoca as perseguições, que espalha o indiferentismo, que subleva as massas e desperta os instintos de gozo ou desespero? E nós, católicos, herdeiros dessa missão divina, depositarios daquele sangue precioso que ha 1900 anos foi derramado na Cruz pela redenção de *todos* os homens, mas de que somos os principais responsaveis? Seremos acaso fieis ao nosso dever? Estaremos acaso á altura da nossa tarefa? Poderemos amanhã ou mesmo agora aguardar tranquilos o julgamento supremo e definitivo?

Ai de nós, herdeiros infieis da fibra dos santos, como estamos longe, miseravelmente longe da nossa missão! Dificilima nos parece, quando damos ouvido á nossa covardia humana; mas facilima nos seria, se ouvissemos e procurassemos entender profundamente e seguir a Voz que ha justamente dezenove seculos lançou o seu apelo aos homens de boa vontade.

Mas estamos dormindo emquanto o Inimigo vela. "Are we of the Church Dormant or not?", pergunta o "Commonwealth" norte-americano, no seu artigo de fundo do primeiro numero deste novo ano e comentando o artigo que sob o titulo "The Church Dormant", escreveu o P. Keating S. J., no "The Month", orgão dos jesuitas inglêses. Caracterizando aí, com muita oportunidade, as falhas tremendas de todos nós, católicos, e particularmente daqueles "católicos nominais", que enchem as nossas fileiras de unidades inuteis e mesmo contraproducentes, diz com toda a razão o Father Kea-

ting: "o máu católico é mesmo um inimigo peor para a Igreja que o incredulo". E, se todos somos católicos máus, comparando a nossa miseria á alma dos santos ou aos preceitos e conselhos de Cristo, os máus católicos, entre nós, são da classe ainda mais responsavel pelas sombras que cada vez mais nos cercam. Pois, como diz o Father Keating, "para candidatar-se ás fileiras da Igreja Dormente, não é preciso ser inteiramente reprovado. Essa divisão da Igreja inclui, na verdade, aqueles que negaram a Fé... que são católicos apenas de nome, mas cuja conservação do nome traz comsigo vergonha e descredito. Esses católicos nominais estão, na verdade, adormecidos, por mais multiplicadas e intensas que sejam as suas atividades seculares, pois têm os olhos fechados para os verdadeiros valores espirituais".

Ah, como a carapuça cabe bem em nossas cabeças! Como é realmente na Igreja dormente que nos vemos alistados, ao passo que tudo exigiria e está exigindo de nós, cada vez mais, o exercicio da Igreja Militante!

Bem sabemos como é mil vezes mais facil criticar que fazer e como aquele que critica encontra sempre outro mais exigente que o censura por aquilo mesmo que ele objéta nos outros. Mas não é motivo para fecharmos os olhos á onda tremenda de indiferença que, apesar de todos os sintomas animadores que nos apontam e realmente existem, vemos cada dia mais recobrir as fileiras dos nossos companheiros "nominais".

Sempre foi esse o mal secreto do catolicismo brasileiro: o contraste entre nucleos reduzidos de batalhadores infatigaveis e de fieis admiraveis, pela sua coragem e pela sua fidelidade á lei de Cristo, ante as maiores dificuldades da vida, — e a massa dos amorfos, dos "nominais", dos indistintos, que engrossam as procissões mas rareiam na hora da luta ou

simplesmente do... alistamento. E o mais impressionante (se bem que não surpreendente, pois vem apenas renovar, mais uma vez, o exemplo de todas as sociedades e classes decadentes, por excessos de bem estar material e de requinte literario) — é que esse nominalismo católico grassa, de modo mais alarmante, na chamada "alta sociedade". E' aí, nessa burguesia rica e viciada por todos os males modernos, penetrada por todos os sofismas, minada por todos os desvios da inteligencia e do corpo, que vamos encontrar a grande massa desses "católicos nominais", que perderam toda a compreensão do cristianismo e dele guardam apenas essa exploração indigna, que é a religião baseada apenas na *respeitabilidade,* nas aparencias sociais.

E' preciso que os Savonarolas, desta hora tragica e decisiva da civilização, despertem com os lategos da sua eloquencia e o exemplo da sua penitencia, a esses filhos infieis da Igreja, que dela apenas se servem para cohonestar a sua triste existencia e melhor prosseguir na sua vida de inutilidade e de hipocrisia. E' preciso que os mais puros, os mais fieis, não tenham receio de chocar as conveniencias, de intimidar os tibios ou de reduzir mesmo as nossas fileiras, pela repulsa aos aproveitadores da religião, mostrando a nú as chagas dessa sociedade carcomida que marcha para o matadouro com a inconciência de pobres animais. Não podemos nem devemos condenar a "burguesia", em bloco, pelo modo simplorio com que a condenam, embora por outros motivos, os socialistas. Nela se encontram valores admiraveis, penetrados do mais puro espirito cristão e que mostram, não apenas por palavras, mas por atos, que são ainda a esperança de nossa civilização, ante as ameaças que lhe vêm dos novos barbaros, que nada mais são aliás do que os discipulos fieis dos nossos erros intelectuais e dos nossos desvios morais. Não pode-

mos, portanto, equiparar burguesia e catolicismo nominal. Mas, infelizmente, a verdade exige que se diga que é no seio dessa burguesia, da mais *alta* burguesia, que está o fóco mais infecionado, de toda essa gangrena que ameaça apodrecer toda a nossa sociedade. E' nela que encontramos espalhada essa lepra terrivel do *egoismo,* sob todas as formas, que nos vai devorando. Egoismo sexual, que vai limitando cada dia mais as familias, sobretudo aquelas, em que nenhum motivo economico ou etnico poderia mesmo aparentemente justificar o uso e o abuso dessa forma, outrora secreta e hoje cinicamente confessada e até *louvada,* de auto-aniquilamento. Egoismo economico, que isola as classes, que espalha a ambição do ganho, que consagra os males economicos do individualismo rotulando-o com nomes mais pomposos e modernos de "economismo" ou de "racionalização". Egoismo intelectual, que liberta os instintos, que faz da arte um anexo das alcovas suspeitas, que mercadeja as penas, que escraviza a inteligencia ás modas literarias do momento que passa. Egoismo politico, egoismo moral, egoismo internacional, egoismos de todos os matizes, que outróra se escondiam envergonhados, (como no caso mais grave dessa alta burguesia decadente, o anti-concepcionismo, o "birth-control") — e hoje procuram amparar o seu egocentrismo covarde nos sofismas dos "eugenistas" ou nos sofistas de todos os tempos, mas sobretudo das eras de decadencia ou de covardia social como a nossa.

Esse triste balanço da nossa alta burguesia, na maioria esmagadora de seus representantes, é o que encontramos ao observar os fócos mais perigosos do nosso "catolicismo nominal". Pois toda essa burguesia descristianizada, paganizada, esqueceu o catecismo, não acompanha, nem por leitura, as lutas da Igreja contra o Seculo, e separou, na sua vida indi-

vidual, os interesses do corpo, que lhe são preciosos e irredutiveis, dos interesses da alma, que lhe são secundarios e indiferentes. Toda essa burguesia perdeu a Fé, mas ainda não tem coragem de o dizer, pois ir á Igreja, batisar os filhos, chamar o padre, para acompanhar os enterros, e mandar celebrar missas de setimo dia, faz parte das cerimonias sociais, no mesmo nivel de trajar á moda, mandar cartões de pesames e fazer visitar.

E assim se engrossam as fileiras do catolicismo convencional, que dá a ilusão do numero e que no fundo, como diz o articulista inglês, é mais inimigo da Fé do que os proprios incréus.

Contra esse catolicismo de parada é que precisamos assestar as nossas baterias, afim de secionar realmente os membros mortos e despertar naqueles, em que ha apenas um adormecimento momentaneo, a conciência das tremendas necessidades dos dias que correm.

Tenhamos conciência nitida dos perigos que nos cercam, das responsabilidades que pesam sobre nós, dos deveres que nos competem. Lutemos sem esperar recompensas nesta terra e sem desanimar diante dos mil motivos de pessimismo que a cada momento surgem em torno de nós. Sigamos para a frente, nessa tarefa incessante de arrancar a nossa vida, como homens e como nações, a essa tremenda inclinação para o Mal, que hoje em dia os primarios ou os sofistas procuram justificar, rotulando-a de nomes pomposos ou enganadores, como "espirito moderno", "libertação da inteligencia", "conquistas da ciência", e nada mais são do que a vitoria das trevas e do Principe do Mundo.

Sejamos humildes e perseverantes. Comecemos sempre por olhar para os nossos proprios erros, antes de censurar os alheios. E reconheçamos que o *sono* dos católicos é a maior arma dos nossos inimi-

gos. Por isso mesmo, tomemos o compromisso sagrado, aos pés dessa Cruz onde ha dezenove seculos, expirava, por nós, o proprio Verbo de Deus, de dedicar este Ano Santo á tarefa, imprescindivel e urgente, de *despertar os adormecidos!*

XIX—Razões de inquietação e de esperança

Cinco anos já ! E parece que poucos dias apenas nos separam daquela noite tragica de domingo, quando estalou na cidade, como um raio destruidor, a noticia de que á tardinha, lá pelas bandas da Barra da Tijuca, o nosso Jackson fôra tragado pelas ondas, quando pescava, com um filhinho de 8 anos e alguns amigos intimos. Conservamos todos ainda fresca na memoria a dôr fulgurante que a todos traspassou naquela hora sombria, em que não podiamos crer no que ouviamos e os sentidos ainda guardavam, presente, viva, inapagavel, a figura do nosso amigo. Era preciso, porém, aceitar a realidade, prosseguir caminho e ser fiel, não por meio de lamentações inuteis ou comemorações exteriores, mas continuando a sua obra e guardando vivo o seu ensinamento e o seu espirito na era agitadissima que já então viviamos.

Desde 1922 que o ambiente brasileiro se tornava dia a dia mais irrespiravel. Jackson, melhor que nenhum outro, previu os acontecimentos. Sua intuição dramatica das coisas não o enganava. Ele via aproximar-se a onda e o seu sentido da nacionalidade o mantinha sempre em contáto com as previsões mais subtis das modificações sociais. Católico de verdade, como raramente se vira no Brasil com tal ardor e tal compreensão das repercussões sociais da doutrina da Igreja; patriota, como ninguem com mais ardor e espirito de sacrificio poderia ser; alma

de fogo e de convicções, que sabia dominar com violencia os impetos mais reconditos de um temperamento de artista e de apaixonado, em beneficio da sua atuação no cenário politico e social, — foi Jackson um precursor, um abridor de picadas, um descobridor de regiões inexploradas, um caçador de almas.

Nas palavras pronunciadas na sessão comemorativa do dia 4 de Novembro, algumas considerações sobre a ação de Jackson sobre a nossa geração e sobre o momento social brasileiro de nossos dias talvez convenham ficar aqui registradas, em suas linhas gerais. Nós, seus amigos mais intimos, temos a obrigação estrita de reviver sempre a sua memoria, pois a capacidade incrivel de indiferença da nossa gente tambem se estende ao passado. Se a ação dos vivos já pouco interesse desperta, entre nós, que fará a dos mortos, que têm contra si as sombras naturais que o tempo e o silencio estendem sobre a sua memoria! Nas duas reuniões que tivemos no dia 4 de Novembro, a do cemiterio, á tarde, e a da nossa séde, á noite, observámos com mágua que quasi só nos encontravamos ali, os seus amigos mais chegados, aqueles que de perto o conheceram. A nova geração, quasi ausente. Outros, da mesma fórma. Esse católico que tudo deu á Igreja, de sua alma ardente e de sua inteligencia vivissima; esse *moço* que indicou novos rumos á mocidade brasileira; esse *doutrinario politico* que revelára horizontes, hoje explorados como seus por outros, que em seu tempo talvez dele escarnecessem ou se afastassem, — vinha ser comemorado, cinco anos depois de morto, pela fidelidade dos *amigos* e nada mais. Triste condição de quem se sacrifica, no Brasil, pelas causas mais generosas e belas ! O premio é o esquecimento, a indiferença ou mesmo a malquerença que nem as cinzas respeita. E o zelo dos amigos certamente ainda

é comentado como exagero ou romantismo, simplesmente porque procura reagir contra a ingratidão e o olvido da mediocridade satisfeita e modorrenta.

E' preciso, pois, que não cansemos em nosso rebate continuo e que façamos, por sua memoria, o que a justiça mais estrita exija que se faça, para defendermos o catolicismo e em geral a alma brasileira dos entorpecentes e das confusões, aos quais se contrapôs, sereno e puro, o martirio de D. Vital, e contra os quais clamou, sem cessar, a voz até hoje sacrificada de Jackson de Figueiredo.

O que este fez, por sua geração, foi obra de *conquista* e não de *coincidencia*. A influencia que exerceu foi obtida pela luta, a principio consigo mesmo e, em seguida, com o espirito que animava tambem os seus companheiros de idade. Foi uma influencia belicosa e reacionaria, e não uma sintonização natural.

E tres modalidades assumiu essa influencia de Jackson:

a que exerceu sobre *nossa alma;*
a que exerceu sobre *nosso pensamento;*
a que exerceu sobre *nossa ação*.

De varios modos se manifestou essa penetração de Jackson de Figueiredo sobre *a alma* de sua geração.

Primeiramente encarando a vida *com gravidade* e não com displicencia, como todos nós em nossa adolescencia. Jackson foi o primeiro que se levantou contra o ceticismo "fin de siècle", que envenenára a geração post-simbolista no Brasil. Vinha do Norte, onde dificilmente e em raros espiritos penetrára a infiltração decadente. A alma ardente do Norte não se coaduna com essa atitude requintada que importáramos de civilizações cançadas. E Jackson veiu trazer, a nós do Sul, o calor nordestino do seu sangue e o exemplo chocante de suas

atitudes peremptorias. Foi o mestre de anti-ceticismo em nossa geração.

E, assim sendo, vinha tambem insurgir-se contra a mediania, a moderação mediocre, a indiferença. Foi um *negador,* a principio, e mesmo um *demolidor,* um impio, que atacou sem piedade a piedade do seu povo. E depois, convertido, convencido, cristianizado em sua inteligencia e em sua vontade, — como sempre o fôra, no fundo, em seu coração — tornou-se um afirmador, um construtor, um homem que transportou para a obra de renovação religiosa no Brasil o mesmo impeto combativo, que geralmente só se encontra nos que se lançam contra o passado ou contra a Fé e não nos que defendem a Lei, seja a de Deus, seja a dos homens. O *anti-indiferentismo* foi a segunda lição que ele deu a nossa alma e que tão necessaria continúa a ser hoje em dia, quando os proprios meios católicos se mostram tão indiferentes á ação renovadora dessa grande alma sofredora e até hoje reclamando justiça.

A terceira das lições que deu ás nossas almas Jackson de Figueiredo foi a do *patriotismo*. Amou intensamente o Brasil. E não de um amor convencional ou lirico e sim de um sentimento que lhe vinha das fibras mais profundas de sua raça. Dizia as verdades mais duras ao Brasil e aos brasileiros. Via, sem ilusões, os nossos defeitos, o nosso atrazo, os nossos males raciais, psicológicos e politicos. E não silenciava diante dessas verdades a proclamar, como diante dos remedios mais amargos a recomendar, pouco lhe importando o escandalo que causava na pacatez amedrontada do nosso liberalismo, burguês ou católico. Amava, pois, o Brasil sem nenhum sentimentalismo. Mas por isso mesmo com um sentimento profundo e grave, capaz de todos os sacrificios.

Outra lição com que marcou as nossas almas foi a firmeza com que soube subordinar sempre a sua vida ás suas convicções. Vivendo no mais dificil dos meios, o do jornalismo carioca, escola de oportunismo e de transigencias, sempre pobre e com responsabilidades de familia, não cedeu nunca ás circunstancias e soube manter ilibado o seu caráter em face das situações mais dificeis.

Nunca as recusou. Viveu sempre perigosamente e na primeira linha de todas as campanhas que empreendeu. Ensinou a sua geração a respeitar a atividade politica e nisso veio reagir contra todo o estado de espirito então dominante entre os moços. Se hoje em dia, com as transformações revolucionarias da civilização, a mocidade se lançou á politica como á mais nobre das atividades sociais, e com isso está impedindo a dissolução dos valores culturais que representamos, — não era assim ha 15 anos, e Jackson foi nesse sentido um verdadeiro precursor.

Finalmente, outro traço de sua psicologia, que distinguiu a sua ação sobre as nossas almas, foi o respeito que sempre manteve pela dignidade das letras. Na época em que a anarquia, a aventura individualista, ou a comercialização das letras traziam a confusão aos espiritos, soube Jackson de Figueiredo guardar o amor pela literatura sadia que desejava ver transfigurada pela elevação cristã de sentimentos. Foi esse um dos ideais que o animaram a fundar o Centro D. Vital.

A escassez de espaço, porém, nos obriga a abreviar estas considerações. Limitamo-nos, portanto, a uma quasi enumeração dos pontos em que parece se ter caracterizado a ação de Jackson, já não agora sobre as nossas almas, mas sobre as nossas *inteligencias* e *vontades*.

Antes de tudo, colocou em fóco o problema religioso, que estava relegado a segundo plano, nas

cogitações da intelectualidade e da mocidade de então. Jackson mostrou que, ao contrario, o problema era central e da sua solução dependiam todas as demais posições em face da vida.

Não se limitou, porém, a defender esse ponto de vista, teoricamente. Mostrou que o erro do catolicismo brasileiro era confinar-se e não ousar sair do ambito restrito em que era tolerado pelo liberalismo ambiente. Defendeu a combatividade do catolicismo e mostrou que a grande luta se estava travando.

Jackson, como disse o nosso grande Amigo e Chefe, o Cardeal D. Sebastião Leme, podia enganar-se em pontos particulares de doutrina, mas possuia um senso católico que nunca o enganou. E viu, perfeitamente claro, as deficiencias e necessidades do nosso catolicismo, tão penetrado de liberalismo e de otimismo descuidado.

Esse *liberalismo*, dentro e fóra dos meios católicos, invadira de tal modo o ambiente, que ha quinze ou vinte anos não se conhecia, em geral, e muito menos se sentia que era uma *doutrina* como outras e, demais, tão contrária ao católicismo como o socialismo. Julgava-se o liberalismo um ideal *incontestavel* a atingir e que só os espiritos atrazados podiam desconhecer. Jackson foi dos primeiros que investiu contra esses preconceitos, antes que os acontecimentos historicos de hoje em dia viessem mostrar ao vivo a posição real da democracia liberal, em face de outras doutrinas sociais, inclusive a democracia cristã. Se hoje a nova geração, sobretudo, é quasi completamente anti-liberal, ignora em geral que foi Jackson de Figueiredo o primeiro que lhe abriu os olhos para os erros sociais do liberalismo.

Ao mesmo tempo que nos mostrava os erros e sofismas do liberalismo, fazia Jackson a defesa da *Autoridade,* em materia politica, em oposição tam-

bem a tudo o que receberamos, como doutrina e estado de espirito, da geração que nos precedera.

Soube tambem mostrar a força da *tradição* e a necessidade de não rompermos com o passado, como queria o espirito revolucionario que dominava o ambiente de sua geração.

Mostrou o papel coordenador da Monarquia, na historia do Brasil, sem lhe esconder os erros provenientes do seu conluio intimo com a Maçonaria e a doutrina liberal, — e em ligação com movimentos de idéas analogas, em outros paises, principalmente, renovou, entre nós, o conceito doutrinario do sistema monarquico.

E, finalmente, combateu, sem temor das acusações de anacronismo ou incompreensão, tudo o que em literatura lhe pareceu artificial e insincero, modernismo de fachada sem raizes humanas e puras.

Em todas essas atitudes, teve naturalmente de ultrapassar, muitas vezes, os limites do razoavel, indo a extremos que pareciam exagerados e que só o eram em virtude das proprias necessidades da luta, em que se encontrava, contra o ambiente e as idéas recebidas.

O fáto, porém, é que, investindo contra os erros do seu tempo, contra a incompreensão da imensa maioria e com isso sacrificando todas as vantagens de uma popularidade que lhe teria sido tão facil adquirir e de posições que sacrificou com a coragem de suas atitudes reacionarais, — deu Jackson não só um extraordinario exemplo de carater mas influiu de tal modo sobre os seus contemporaneos, que hoje vemos em fátos positivos e indiscutiveis os resultados de suas lutas e de seu sacrificio incompreendido.

No plano da religião, da politica e da literatura, são as idéas que Jackson defendeu, *contra o seu* ambiente, que hoje dominam o nosso.

Em religião, a ação levada a todos os terrenos, a arregimentação da mocidade, as afirmações publicas, as reivindicações em materia social, tanto economica como politica, as repercussões doutrinarias em todos os terrenos, toda a vitalidade que vemos, graças a Deus, no campo católico, foi o que Jackson sempre pediu, desde que saudou, com palavras de entusiasmo, a famosa Pastoral de D. Sebastião Leme em Pernambuco.

Em politica, os movimentos que hoje vemos dominantes receberam influxo visivel das idéas de Jackson. A idéa monarquica parecia tão morta, em seu tempo, que Jackson se dizia, "o ultimo dos monarquistas brasileiros". Hoje, entretanto, vemos figuras de primeiro plano intelectual, como Sebastião Pagano, Contreiras Rodrigues, Luiz Delgado, Camara Cascudo e outros que se declaram partidarios do III° Imperio do Brasil, e o movimento Patrianovista, iniciado em São Paulo por Arlindo Veiga dos Santos, mesmo que fique sempre no plano doutrinario, já hoje se estende pelo Brasil inteiro.

O *integralismo,* por seu lado, é um movimento social-politico em plena ascenção. Na hora em que o fascismo italiano, o racismo alemão, o integralismo e corporativismo, em Portugal, e na America mesmo, no Chile, no Peru', na Columbia e até nos Estados Unidos, com o National Recovery Act, uma reação de vitalidade disciplinada e autoritaria se processa, contra o liberalismo e o comunismo, Plinio Salgado, no Sul, Severino Sombra, no Norte, lançam movimentos, cujas bases estão todas nas doutrinas politicas defendidas por Jackson.

E na propria feição *nacionalista* que assumiu a Revolução de Outubro, abandonando de certo modo o seu liberalismo inicial, — podemos encontrar ves-

tigios da repercussão doutrinaria das campanhas politico-sociais de Jackson.

Em terrenos tão diversos, como esses, portanto, vemos Jackson influir poderosamente, por meio de idéas, que, a principio, chocaram o ambiente e hoje se encontram espalhadas e em plena efervescencia.

Isso é que é preciso dizer e repetir para que se faça justiça á sua memoria e se mostre a sua ação poderosa e profunda, se bem que até hoje silenciada, a não ser por seus amigos mais intimos ou por alguns espiritos independentes que souberam avaliar do seu merito, mesmo sem participar de suas convicções.

A necessidade de repetir aqui, mais uma vez, tudo aquilo que nós outros estamos fartos de saber, mas que precisamos repisar para que os demais tambem conheçam — quasi nos impede, para não alongar demais estas considerações, de mencionar tambem aqui as contas que fomos, ao cemiterio, prestar a Jackson, dos trabalhos do ano encerrado a 4 de Novembro.

O anno que passou não foi um ano de criações de obras e associações, como fôra o anterior. Mil novecentos e trinta e tres foi um ano de consolidação, de organização e de concentração de esforços.

Uma menção especial precisa entretanto ser feita aos trabalhos da Liga Eleitoral Católica. Aqui mesmo, depois das eleições de 3 de Maio, já dissemos o suficiente para que baste agora uma referencia sumaria.

A Liga tem despertado os mais desencontrados comentarios, desde os dos chefes de partidos que nos queriam ver patrocinando integralmente a sua causa, porque incluiram em seus programas as nossas reivindicações minimas ou assumiram compro-

misso de votar as mesmas, na Assembléia, — até os dos católicos que nos queriam formando um partido nosso.

Esquecem-se os primeiros de que essas reivindicações não são da L E C e sim do proprio povo brasileiro, em sua esmagadora maioria, e nós exigimos apenas que se torne explicito o que está na conciencia de todos. O bom senso, a tradição e a feição nacional, que, em boa hora, se pretende dar á nova Constituição, é que justificam a aceitação desses pontos minimos e não o interesse eleitoral em jogo. Por outro lado, não podia a Liga fugir á sua natureza, previamente conhecida e expressa em seus estatutos, que a isentavam naturalmente de toda aliança meramente politica. Era impossivel, pois, agir diferentemente.

Quanto á formação de um partido católico, tudo indica que é contrario á moderna tendencia da Igreja. Ainda ha poucos dias, um companheiro nosso, estando em Montevidéu em conversa com um dos fundadores da "Union Civica", que é o partido católico uruguáio e conseguiu eleger 11 deputados para a Assembléia Constituinte, lá tambem reunida neste momento, ouvia dessa grande figura do catolicismo e da intelectualidade uruguáia o seguinte: "Diga a seus companheiros que os felicito vivamente pelo modo com que delinearam e organizaram a Liga Eleitoral. Nossa experiencia aqui tem sido eloquente, contra a formação de um partido católico em paises como os nossos".

Entre essas criticas desencontradas, tem a Liga Eleitoral levado avante a sua tarefa e está hoje empenhada em um dos passos mais dificeis de sua atuação, que é a aprovação das reivindicações minimas, em parte, incluidas no Ante-Projéto constitucional. Esperamos, com a graça de Deus, vencer mais esta passa-

gem arriscada, afim de podermos legar a nossos filhos uma legislação constitucional menos eivada do desastroso laicismo dissociador.

1934.

XX — C. C. B.

Se o mês de Dezembro convida a fazer um balanço nas atividades do ano que finda, — leva o de Janeiro a pensar no que se inicia.

Qual a posição da Igreja no Brasil neste momento? Quais as perspectivas dos proximos meses? Que planos temos em mira? Com que forças contamos? Tudo isso são indagações que qualquer católico conciente faz a si mesmo, ao iniciar de cada novo ano, e agora, mais do que nunca, na hora em que tudo se encontra em plena remodelação e o Brasil, como o mundo em geral, é uma construção desmoronada, ao menos parcialmente, e que procuram ansiosamente reconstruir.

Comecemos por indagar qual o estado de espirito dominante entre os católicos no momento atual.

Desde logo, é preciso dizer que uma resposta unica e objétiva a essa pergunta é impossivel. O Brasil é um pequeno mundo, separado de si mesmo por distancias intérminas e variedades em gráu de civilização, que não permitem uma posição uniforme, por toda a parte. O estado de espirito dos católicos varia de Estado a Estado, por vezes de cidade a cidade, e sobretudo de geração a geração. Pois depende, eminentemente, de circunstancias locais, do estado das obras sociais em andamento, da psicologia da geração a que se refere e sobretudo dos chefes espirituais e leigos, que dirigem o movimento.

Toda generalização, no caso, é imprecisa e superficial. Mas, como não estamos aqui fazendo um inquerito rigoroso, podemos observar a catolicidade brasileira em blóco para surpreender, se possivel, o seu estado de espirito, como condição preliminar para compreendermos a situação da Igreja no Brasil, bem como os nossos propositos e prognosticos de futuro.

O estado geral de espirito dos católicos, no momento, é de quem espera muito, faz pouco por si, mas está pronto a acusar "os outros" dos fracassos e das imperfeições.

Dir-se-á que é sombria de mais a pintura. Mas não estamos aqui para entoar hinos de otimismo e, ao contrario, para olhar a realidade sem antolhos e com sinceridade. Espera-se muito, em primeiro lugar. Por toda parte, ouvem-se palavras de confiança, declarações de otimismo, esperança de progressos, indicações de cifras, de planos, de conquistas altamente animadoras.

A esse prurido de atividade e de esperança, entretanto, está longe de corresponder a intensidade de ação que fôra de desejar. Muita palavra, mas pouco trabalho. Muitos planos, mas pouca disposição para começar. Expectativas de toda especie, — mas pouco animo para o esforço paciente, impessoal e perseverante.

E, finalmente, terceiro traço que caracteriza o estado de espirito ambiente: a facilidade com que se desanima de qualquer empresa, e com que se está pronto, não a começar por um exame da propria conciencia, o juizo critico das culpas, mas a acusar logo fulano ou sicrano dos insucessos ou imperfeições.

Eis aí uma das fórmulas possiveis sobre o estado de espirito dominante, entre católicos, nesta hora dificil e agitada que estamos vivendo.

Em face desse estado de espirito, porém, qual a situação real da Igreja, no Brasil, neste momento?

Feito um balanço rigoroso, de deficiencias e exitos, dificuldades e progressos, é inegavel que a situação é bôa.

A Igreja no Brasil está hoje mais "viva" do que nunca. Os proprios males de que sofre são em grande parte provenientes da sua grande vitalidade atual. Qual o maior desses males? Parece ser, sem duvida, a falta de vocações sacerdotais e a insuficiencia numerica do clero para as tarefas do seu ministerio. Mas, se de tal modo se faz sentir essa deficiencia, é que as exigencias da vida católica vão crescendo de dia para dia. A falta de sacerdotes se torna mais sensivel á medida que as obras se desenvolvem e o apostolado frutifica. Sintoma evidente de vitalidade.

Outra dificuldade grave com que luta a Igreja, no momento, entre nós, é a falta de meios materiais. Não ha recursos para se fazer nem a decima parte do que se deveria fazer. E o que se faz é sempre com prodigios de economia e solicitando, a cada momento, a bolsa dos amigos, dos indiferentes ou dos inimigos mesmo, como manda o Evangelho. E' esse um dos pontos mais delicados da vida católica neste mundo de transição em que vivemos.

Mas, ainda nesse caso, se avulta essa grave dificuldade de modo cada vez mais premente, é que crescem, de dia para dia, o numero e a importancia das obras católicas. A seara é tão abundante e tanta a necessidade de trabalhadores, que escasseiam os recursos para as instalações e instrumentos de trabalho.

Crise de crescimento, portanto, pois a situação é de franca vitalidade. E outra prova é a furia dos nossos inimigos. Quem se der ao trabalho de ir a qualquer sessãozinha dessas Ligas Pro-Estado-Leigo,

ou obra semelhante da Maçonaria, poderá verificar que o terror de nossas forças lavra entre os inimigos. E servem-se então contra a Igreja de todos os meios, a seu alcance, como acaba de dar-se agora, na Baía. Enfurecidos pelo exito estrondoso do Congresso Eucaristico e pelo prestigio que adquiriu esse grande e santo Bispo, D. Augusto Alvaro da Silva, aproveitaram-se da primeira oportunidade para lançarem as suas iras contra a Igreja, no caso da irmandade rebelde do Senhor do Bonfim. Prova evidente de nossa força.

Outra prova: a Assembléia Constituinte. No meio da variedade de opiniões que ali pompeia e de que é indice convincente a leitura das 1.200 emendas apresentadas, — conseguiu a Liga Eleitoral Católica o compromisso da maioria absoluta dos candidatos eleitos, para os seus postulados minimos. E, se fizermos um balanço dos deputados que "assinaram emendas", em maior ou menor numero, ampliando ou esclarecendo as reivindicações católicas, já contidas no ante-projéto, chegamos ao numero de 146, isto é, a maioria absoluta de toda a Assembléa.

Outros indices positivos da vitalidade crescente da Igreja, no Brasil de hoje: o desenvolvimento da Associação de Professores Católicos, já agora transformada em Confederação Católica Brasileira de Educação, com irradiação pelo Brasil inteiro e que está em condições de fazer face ao oficialismo pedagogico dos famosos "pioneiros", que ocuparam as posições publicas do ensino, e pretendiam yankizar e sovietizar impunemente toda a nossa educação, o desenvolvimento dos "marianos" de S. Paulo, cujo numero já atinge cerca de sete mil, no Estado, e que pretendem, só na capital, levar ao proximo retiro, no carnaval, mais de quinhentos moços, da primeira sociedade paulista; o exito da Juventude Feminina, do Rio, com mais de 400 moças trabalhando em

circulos de estudos, de toda especie; o sucesso das "equipes" sociais, dos nossos estudantes do Rio; a obra do P. Brentano entre os operarios do Rio Grande do Sul; a obra do P. Helder Camara, no Ceará; a do P. Fernandes, S. J., no Recife; o imenso renome das conferencias do P. Franca, entre os adultos do Rio; etc., etc.

Não é uma enumeração e sim uma exemplificação, para mostrar que temos razões para afirmar que a situação da Igreja no Brasil atualmente, pelos designios da Providencia e pela sorte de termos, como chefe supremo, um homem de tão intensa vida sobrenatural e de tão extraordinario descortinio humano, como o Cardeal D. Sebastião Leme, — essa situação não foi até hoje excedida, em prestigio e prosperidade moral, em qualquer momento de sua historia.

Temos, portanto, razões de sobra para responder vitoriosamente a todos os nossos correligionarios que, por este ou aquele motivo, e geralmente por motivos pessoais, sussurram aos nossos ouvidos palavras de desanimo e de incredulidade, cruzando os braços ou lavando as mãos, para se eximirem de qualquer responsabilidade nos males que nos afligem.

Será então que navegamos em um mar de rosas e que a situação da Igreja no Brasil é tão prospera que basta deixar que as coisas caminhem por si, para que os nossos objétivos sejam alcançados?

E' inutil dizer que longe estamos de tal situação e que males muito graves nos afligem, males esses que devemos encarar com a mesma superioridade com que verificamos o contraste entre a nossa sorte e a do Mexico, por exemplo, onde na capital da Republica, para um milhão e quinhentos mil habitantes, só permitem os novos Dioclecianos a existencia "le-

gal" de 10 (dez!) sacerdotes católicos! E, talvez por isso mesmo, está o catolicismo mexicano revivendo de modo intenso nas fileiras das novas gerações, que o vêem perseguido, humilhado, martir como o proprio Cristo e por isso no esplendor de suas virtudes, que como certos diamantes luzem melhor na escuridão!

Longa seria a enumeração dos nossos males e os motivos de inquietação que sombreiam as razões que temos de confiar no futuro do catolicismo no Brasil.

Já mencionámos dois : a deficiencia das vocações sacerdotais e a falta de recursos financeiros para os nossos empreendimentos sociais.

Outros muitos poderiamos apontar, que estão exigindo a nossa atuação cada vez mais intensa.

Assim, a ignorancia religiosa de tantos catolicos, que dizem e praticam serenamente as maiores heresias, sem a menor conciência do que estão fazendo ou então do mal que a sua hipocrisia produz. Um exemplo: feito um inquerito entre os alunos do 5º ano, de um grande colegio católico, verificou-se que 90 por cento eram favoraveis á esterilização dos tarados, tése condenada pela "Casti Conubii".

Assim o individualismo que domina, entre os proprios que se dedicam a obras sociais e não compreendem a necessidade da cooperação e da unidade de esforços.

Assim, a inconciente paganização de costumes da alta burguesia, que toda ela se diz católica, mas aceita sem pestanejar todo o materialismo moral que nos vem do velho ou do novo mundo, sob a capa de eugenia, de moral ou de pedagogia modernas.

Assim a indiferença de tantos elementos do clero pela ação católica, que têm por dever dirigir e orientar, em primeira linha.

Assim, as deficiencias de nossas obras sociais, tão empiricas, tão incipientes, tão frageis ainda em sua estrutura precária.

Assim a ausencia de um grande jornal católico, os defeitos das publicações que existem, inclusive da nossa "A Ordem", tão impontual e tão aquem do que poderia ser, como orgão da cultura católica brasileira.

Assim, as dificuldades tremendas que temos encontrado para levantar o animo dos universitarios católicos e conseguir um grande movimento de moços, contra o bolchevismo crescente das congregações, a indiferença ambiente e a dissolução moral das novas gerações, contaminadas pela sensualidade quasi invencivel dos cinemas, dos banhos de mar e do Carnaval.

Esses e outros males que afligem os meios católicos, alguns especificos e outros comuns aos brasileiros ou ao nosso tempo, alimentam as nossas inquietações e impedem qualquer otimismo que os inegaveis progressos do catolicismo no Brasil pudessem provocar.

O momento não é de indolencia confiante nem de pessimismo desanimado, como fazem crer aqueles que só vêem ou só pintam um dos paineis do nosso diptico. Foi sempre de nossa tradição, e nisso persistimos, dizer as verdades, mesmo crueis, quando exigem correção. E o que vemos hoje, no estado do catolicismo brasileiro, é esse quadro de inquietações e de esperanças que deixamos esboçado.

Aquelas e estas é que ditam os nossos deveres.

As inquietações reais, em face dos nossos males, devem ser o acicáte de nossos esforços, o estimulo constante á vigilancia que devemos ter sobre nós mesmos, sobre o nosso meio e as nossas obras. Convençamo-nos de que a nossa prosperidade se baseia em fundamentos frageis e inconsistentes, que podem

mudar de um momento para outro, dando lugar a situações como as do Mexico ou Espanha, ao passo que os nossos males são profundos e antigos, agravados pela cumplicidade da época em que vivemos.

Por outro lado, porém, aos espiritos tibios ou despeitados, aos católicos farisaicos que se julgam monopolizadores da verdade e da virtude, criticos de obra feita e cassandras agoureiras; aos católicos mórnos que se inquietam com os nossos proprios progressos e nos quereriam silenciosos e esquecidos, por temor das possiveis represalias futuras dos Calles, Cardenas ou Azañas brasileiros; aos catolicos-politicos, que, obsecádos de imediatismo, querem amarrar os destinos da Igreja aos do seu proprio partido; a todos os que se queixam, criticam, desanimam e lamentam os tempos idos ou ainda não vindos, — podemos e devemos responder com os fátos e as cifras positivas que os nossos progressos vitais já permitem apontar com desassombro.

Neste mês, portanto, em que começamos um novo ano de lutas e trabalhos, podemos afirmar que a Igreja no Brasil está mais viva do que nunca, mas que essa vida, cercada de perigos e ameaçada por graves males internos contra os quais temos de combater sem esmorecimento, exige de cada católico o maximo de sacrificios em bem da causa incomparavel que defendemos.

O momento é grave, cheio de incertezas e de desalentos, penetrado de inquietações e de esperanças. Para que estas triunfem sobre aquelas, o que é preciso é que "cada católico" se compenetre de que cruzar os braços, nesta hora, é uma traição e que a sorte do catolicismo brasileiro depende tanto do exemplo e da orientação dos grandes chefes como do esforço anônimo, do mais humilde, do mais esquecido, do mais incapaz de todos nós.

A postos, portanto, e para a frente!

XXI -- Centro D. Vital

Jackson de Figueiredo converteu-se ao catolicismo depois de uma mocidade impregnada de anarquismo intelectual. Contou-me Pontes de Miranda que o conheceu, em Sergipe, sobraçando o "Unico" de Stirner e fazendo a apologia ardente do individualismo nietzcheano e stirneriano. Jackson conhecia bem de perto, e por experiencia propria, o mal mais grave que corroia a mocidade intelectual de seu tempo em face do pensamento católico: "a ignorancia". Mais que a má fé ou a resistencia moral, era a ignorancia da Verdade que levara toda uma geração ao culto das verdades parciais e dissociadas, embebidas de erros e fantasias. E, apenas rendido á evidencia da Fé, resolveu iniciar a sua vida de militante pelo tratamento da Razão, preparadora ou desvirtuadora da Fé, segundo o seu gráu de ordem ou de desordem.

E fundou em 1921 o Centro D. Vital, retirando de um injusto e relativo olvido o nome do John Fischer brasileiro, o joven Arcebispo de Olinda, que defendera até á prisão e mesmo á morte (prematura em consequencia dos sofrimentos morais e fisicos de sua atitude) os direitos intangiveis e a liberdade da Igreja.

Essa finalidade do Centro D. Vital é a mesma até hoje. Intelectualizar os meios católicos e cristianizar os meios intelectuais — eis até hoje a dupla ambição do Centro, no empenho constante de

restaurar os laços partidos, no Brasil, e sobretudo nas ultimas gerações, entre a Inteligencia e o Espirito e ainda entre o racionalismo areligioso das classes cultas e o sentimentalismo religioso das classes populares.

Visa o Centro, portanto, restaurar, na medida do possivel, num seculo de divisões e incompreensões dos espiritos, uma unidade espiritual e intelectual profunda, que só póde ser alcançada pela conformidade entre a Razão e a Fé. E, para isso, continúa, como Jackson, a tentar vencer as incompreensões, as resistencias, os preconceitos, a ignorancia, que ainda em parte separam as classes cultas da religião do povo brasileiro e da Igreja, que moralmente o formou e socialmente precisa colaborar na obra de sua defesa e de seu progresso.

Cada dia se revela a necessidade de intensificarmos nossa ação, tal como Jackson a ideou e procuramos nela prosseguir. Ainda ha pouco, lendo uma declaração de principios do sr. João Mangabeira, numa reunião da minoria da nova Camara, bem compreendi como é profunda a incompreensão da obra social da Igreja Católica no Brasil. Diz esse eminente parlamentar, que se preza de não ser nem integralista, nem comunista, nem liberal, mas se confessa "homem da esquerda", isto é, socialista moderado e reformista: — "Uma rajada clericalista ameaça ao Brasil, expressa no desejo visivel da Igreja de intervir no Estado e sob mão oculta maneja-lo. A religião é uma força indispensavel á conservação e á perfeição da sociedade. Mas o clero que se mantenha nos templos e os governos que dirijam livremente o Estado".

Que essas palavras erradas, injustas e ameaçadoras, fossem pronunciadas por algum orador das sessões da Aliança Nacional Libertadora, compreende-se. Mas na pena do sr. João Mangabeira, homem

que se preza, com razão, de não ser nenhum fanatico anti-clerical e reconhece mesmo que a religião não serve apenas "para o povo", como desdenhosamente dizia Schopenhauer, mas é "uma força indispensavel á conservação e á perfeição da sociedade"; na pena de um irmão do sr. Octavio Mangabeira, que a mim me dizia, ao voltar do seu nobre exilio, que só a Igreja Católica sobrenadava do cáos europeu, só se compreende a leviandade de tais palavras de apologia á Ditadura Estatistica por uma incompreensão profunda e quiçá por uma indesculpavel ignorancia dos propositos da Igreja Católica, em qualquer país do mundo, inclusive o Brasil.

Para compreender essa posição da Igreja no seculo, e particularmente na sua irradiação pela sociedade e portanto nas suas relações com o Estado, é preciso conhecer a triplice atitude possivel do católicismo: como Igreja; como Ação Católica e como Atuação Politica.

A Igreja é uma sociedade sobrenatural, radicalmente distinta da sociedade temporal, e agindo na vida colétiva apenas para a salvação individual das almas. Os recintos de sua atividade sobrenatural são os templos e os corações. O clero, seu instrumento humano. Os objétivos que visa, puramente espirituais. E seu corpo hierarquico é essencialmente visivel.

A Ação Católica é uma fórma de atividade temporal da Igreja, a que as condições do mundo moderno comunicaram uma importancia capital; é a atuação dos "leigos", como participantes do apostolado da hierarquia, na irradiação, por todos os grupos sociais, dos grandes principios religiosos e dos grandes exemplos morais das Escrituras e dos Santos.

Já não é apenas nos templos e nos corações que opera a Ação Católica, mas em todos os meios so-

ciais, nas Familias, nas Escolas, nos Sindicatos, nos Parlamentos, nas Associações de toda especie, em toda parte onde viva o homem em sociedade e precise de uma orientação para seus atos, de acordo com a sua natureza verdadeira. A Ação Católica é uma atividade "religiosa" e "moral", mas no terreno "social". Coloca-se, radicalmente e por natureza, "fóra" de toda atividade propriamente "politica" e alheia a partidos e á conquista do Poder.

E, finalmente, terceiro gráu da atividade já não mais católica mas "dos católicos", a "Atuação Politica", de natureza contingente e variavel, que opera por vezes em partidos como eram os extintos Partido Popular, na Italia, ou Partido do Centro, na Alemanha, e ainda é hoje o poderoso Partido Católico Belga, que agora mesmo está realizando, no poder, em aliança politica com os socialistas, um programa grandioso de ação social elaborada, em grande parte, á luz dos ensinamentos sociais bebidos por van Zeeland e seus cooperadores na Universidade de Louvain. Essa ação politica, porém, é inteiramente "separada da Igreja e da Ação Católica", em materia de subordinação disciplinar de qualquer especie, feita em geral por "homens diferentes" e ligada apenas pelos "principios" gerais, com que elabora o seu programa. Como dizia ha pouco o sucessor do grande Mercier, o Cardeal van Roey: — "O partido católico belga não póde ser identificado com a Igreja Católica; nem mesmo é uma emanação dela; em sua atividade politica, não depende dela, de modo algum; constitui livremente seu programa economico, financeiro, militar; e não exige de seus membros qualquer profissão de fé" (brochura n. 69, t. II, do Arcebispado de Malines. Doc. Cath.n. 745). Nem é preciso ser católico para fazer parte de um partido católico, nessas condições. E essa terceira modali-

dade foi a que, "aproximadamente", (pois não foi propriamente um partido) adotou, no Brasil, a Liga Eleitoral Católica, por ocasião da Constituinte de 1934.

Eis aí, em duas palavras, um esclarecimento sobre a verdadeira atitude católica ou dos católicos, na vida social moderna, em sua triplice modalidade: puramente espiritual na Igreja; propriamente social, na Ação Católica; essencialmente politica, nos Partidos, católicos ou não.

1935.

XXII --- A. U. C.

Houve, ha cerca de trinta anos, sob a direção espiritual do famoso convertido padre Julio Maria, um movimento de estudantes católicos no Rio com Jónatas Serrano, Joaquim Moreira da Fonseca, Pio Ottoni e outros que se reuniam numa associação de mocidade, a "União Católica", e redigiam a "Revista Social".

Quando, porém, pouco depois, fiz os meus estudos superiores — e é forçoso confessar que eram poucos os estudos e muito menos superiores... — nada encontrei na Escola em materia de organização social de estudantes, de qualquer côr politica, filosofica ou religiosa. Foi nos anos de 1909 a 1913, que hoje entraram para a historia do mundo como os do fim do seculo XIX. E marcavam bem vivamente, com o seu espirito de ceticismo de despreocupação, de diletantismo literario, o fim de uma época social, a agonia de um regimen de idéas e instituições, que a Guerra, a Revolução e a Crise desses ultimos anos têm posto á mostra de modo tragico e violento.

Jackson, por sua vez, não teve tempo de ir particularmente aos estudantes. Estes é que foram a ele, um dia, em grupo pequeno mas ardoroso, com Luís do Rego Monteiro, Joaquim da Costa Ribeiro, Paulo Sá e outros, para pedir-lhe conselho sobre uma demonstração contra o Mexico, na hora mais vermelha da perseguição de Elias Calles. Jackson

aprovou, naturalmente, essa demonstração de protesto dos estudantes, por ocasião de uma sessão festiva ao Mexico na sala de Congregação da Escola Politecnica, que marcou o despertar da mocidade católica de nossas escolas superiores.

Só em 1929, porém, com Amaro Simoni, Alvaro Vieira Pinto, Tito Leme Lopes, Almir de Castro, Claudio Melo e outros, foi fundada a Ação Universitaria Católica, que, pela primeira vez, ia tentar um movimento organico e sistematico de ação católica nos meios universitarios.

Passado o primeiro entusiasmo e a facilidade que, entre nós, oferecem as obras novas (ouvi falar de um vigario do interior, que cada ano fazia uma "nova" associação, embora com os mesmos objétivos das anteriores, no que demonstra uma rara sagacidade e penetração em nossa psicologia nacional...) — começaram os anos de luta, formação interior e lenta irradiação.

Hoje, conta a A. U. C. cerca de duzentos membros, dos quais cincoenta ao menos militantes e assiduos; iniciaram estes um movimento liturgico, que marca um dos caracteristicos essenciais da Igreja no seculo XX e veiu purificar e autenticar, em união com o verdadeiro espirito da Igreja, a base de toda a obra de ação: a oração social; forneceram a maioria absoluta dos membros das "Equipes Sociais"; irradiaram-se por varias capitais dos Estados, em Recife, em São Paulo, em Belo Horizonte, em Porto Alegre, onde começam a viver e agir as associações de estudantes católicos, e agora mesmo em São Paulo assisti á inauguração de um desdobramento da A. U. C., do mais largo alcance, a agremiação dos "Ginasianos", dos quarto e quinto anos dos cursos secundarios, na mais dificil e ingrata das idades: a adolescencia; fundaram uma revista universitaria, "Vida", que se vem batendo bravamente contra o bol-

chevismo intelectual de certos corpos docentes e de uma parte, felizmente pequena, (como o demonstrou Gama Lima, doutorando e chefe da A. U. C., que acaba de ser escolhido para orador oficial da sua turma na Faculdade de Medicina) dos meios estudantes; criaram um centro intelectual, particular á Faculdade de Direito, o "Centro Juridico Jacques Maritain"; mandaram para o noviciado dos Dominicanos, em Toulouse, tres dos seus melhores elementos — Emanuel Hasselmann, Jovino Joffily e Jorge Dale — e este ano estão em vesperas de mandar para o noviciado beneditino mais alguns do mesmo estofo moral e da mesma qualidade intelectual; e formam, em fim, a ala moça, entusiasmada, pura, decidida, de uma nova geração que veiu queimar os velhos idolos do sibaritismo e do impuritanismo e afirmar corajosamente a sua Fé, moça e consciente.

Eis o balanço de seis anos de ação católica universitaria. Pequeno, sem duvida, em face do que resta a fazer, mas consideravel, em relação ao deserto anterior, pois conseguiu essa obra surpreendente — mudar, em grande parte, o ambiente das escolas superiores, que tendia para uma negação implicita de todos os valores espirituais e para o primado da concepção socialista e materialista da sociedade. Bem sei que não é este o grande obstaculo a uma ação católica nos meios estudantes e sim a indiferença, o pragmatismo, a ignorancia e a caça ao diploma. Muitas vezes já tenho estigmatizado, como deve ser, esse lamentavel estado de espirito de grande parte dos nossos meios academicos, demonstrado no caso dos exames por medias e nas tentativas, com a cumplicidade do Poder Legislativo, de violar os ultimos dispositivos de lei, que impedem o cáos total nessa materia.

Pois bem, um dos obstaculos mais graves que os nossos *aucistas* têm de vencer na Universidade não é tanto a hostilidade declarada dos marxistas, quanto essa desvirilização precoce, que, desde 1918, ano aziago dos primeiros "exames por decreto", vem contaminando as novas gerações.

Os meios em que esse pugilo de bravos, — moços de estudo, de oração, de luta e de pureza — os meios academicos em que eles mais dificuldade encontram em expandir-se são justamente os daqueles que iam para as galerias da Camara aplaudir o sr. Ribeiro Junqueira ou o sr. Thiers Perissé. Pois o espirito dos moços avessos ao estudo é o mesmo espirito dos avessos á Fé. Os que só passam pelas Faculdades para caçar um diploma com o minimo esforço são os mesmos que caçoam dos que se ajoelham nos templos. A mentalidade dos que prégam a desordem sexual precoce, contra os que defendem o primado da pureza — é a mesma dos que aplaudem a desmoralização crescente dos nossos estudos contra os que honestamente querem cumprir com os seus deveres de estudantes.

Contra essa indiferença intelectual, essa dissipação moral, e esse pragmatismo utilitario e imediatista — é que se levanta o espirito desse grupo, pequeno ainda mas decidido, de moços da A. U. C.

Muito resta ainda a fazer, e o que se tem feito é apenas iniciar um movimento de reação e de criação. Mais uma razão para que dediquemos a essa obra de estudantes católicos — que lutam em um meio indiferente e hostil, meio esse que tão sorrateiramente apela para as inclinações naturais da mocidade, mórmente em nossa raça de precocidade exagerada e envelhecimento prematuro — nossa mais carinhosa atenção e nosso apoio mais decidido. O catolicismo dos velhos póde ser, por vezes, uma apo-

sentadoria. O dos moços, esse, quando verdadeiro, é sempre um sacrificio. E por isso mesmo está mais perto da Cruz, centro de toda a vida.

1935.

XXIII --- Casa do Operário

Estamos lenta e laboriosamente construindo uma obra de ação social, que não visa ao poder nem aceita os métodos violentos, mas vai levar a todos os meios e a todas as conciencias um corpo de doutrina e um exemplo de vida, que sobrevivem a todas as revoluções e pódem trazer á sociedade, como nenhum outro, a paz e a prosperidade.

Fazendo ha pouco, em Roma, uma série de conferencias sobre os problemas sociais da maior atualidade, o padre Rutten, famoso dominicano, membro do Senado belga e, ao mesmo tempo, chefe de uma comunidade de missionarios na China, onde acaba de inventar uma vacina contra o tifo, de incalculaveis resultados para a humanidade — focalizou como centrais: "a desocupação dos intelectuais", "a economia corporativa e dirigida" e finalmente, "a redenção do proletariado".

Ao passo que o comunismo por toda parte açula a luta entre as classes e as raças (como se está vendo entre nós na preocupação que estão tendo os jornais sovieticos de provocar o odio entre pretos e brancos, como o "aprismo" no Peru' instiga o odio entre indigenas e brancos), — prégа invariavelmente a Igreja a harmonia e a colaboração entre elas. Um dos erros mais graves do liberalismo democratico foi dividir a sociedade em duas classes que se defrontam, que não se entendem pela diferença de nivel cultural e que vivem em reciproca des-

confiança. Os agentes e jornais sovieticos nacionais e estrangeiros estimulam esse desconhecimento, provocam a separação crescente das classes e não cessam de alimentar, por uma campanha sistematica de intrigas e difamações, o odio que aproveita aos seus designios sangrentos de substituirem a guerra estrangeira pela guerra civil.

No Brasil, até ha pouco, tudo isso era remoto e artificial. Hoje, graças á campanha insidiosa desse imperialismo moscovita, já nos encontramos diante de uma tentativa de proletarização deshumana e artificial das massas, anti-brasileira por natureza, mas que é um dos processos tipicos da Revolução Social.

Contra essa proletarização artificial da classe operaria é que se levanta a doutrina social católica. O *proletarismo*, se conseguir triunfar, será amanhã uma tirania social mais impiedosa e brutal que o *burguesismo*. A conciencia proletaria de classe, que o bolchevismo estimula por todos os meios, é um egoismo social mais cruel que qualquer outro, pois não esconde os seus propositos de absorção total da sociedade em seu proveito e de aniquilamento de toda liberdade de conciencia e particularmente de todos os direitos da personalidade humana em sua vida domestica, profissional, politica e religiosa.

Contra essa campanha de egoismo classista, obra comunista por excelencia, é que devemos opôr a doutrina social cristã, que não defende o conformismo burguês, mas luta pela "redenção justa do proletariado"; pela desproletarização das massas; pela acessão dos operarios á cultura e ao poder; pela nova economia corporativa e dirigida, no que tem de razoavel, contra o individualismo egoista, a concorrencia desenfreada e a produção anarquica; pela eliminação de todos os particularismos de classe; pela "aristocracia do trabalho" que venha corrigir os abu-

sos da "democracia do capital"; pela reforma social na base da justiça e de um espirito de *fraternidade cristã* e não de indiferença burguesa ou de odio proletario.

Tudo isso está no programa da Confederação de Operarios Católicos, que apenas está começando os seus trabalhos e congrega os seus esforços para defender as nossas massas operarias — ainda, graças a Deus, cristãs em sua maioria —, do proletarismo artificial e da insegurança atual, indicando-lhes o caminho da sua verdadeira dignidade de homens e não de "párias" sociais ou de "proletarios" tiranicos.

E, entre as realizações que pretende empreender, destaca-se a obra da Casa do Operario. Em cada bairro do Rio se levantará, Deus querendo, um predio, que seja um centro para o operariado da zona. Centro de estudo, de diversões, de repouso, de encontro, com sala de leitura, de projeções, de conferencias, de ginastica, "play ground" e capela, de modo a poder fornecer a todo operario, sem distinção de crenças ou de raças, de nacionalidade ou de idade, um ponto de educação sadia, do corpo e do espirito. No dia em que se conseguir levantar, em cada bairro, uma construção dessas, ter-se-á dado á classe operaria, no ambito das nossas possibilidades, um meio de verdadeira cultura intelectual, de ascensão social, e sobretudo de dignificação humana, que contribuirá fortemente para a solução cristã do angustiante problema social moderno.

1935.

XXIV --- Instituto Católico de Estudos Superiores

Dois males contrarios corrompem, em geral, nossa formação educativa: o *diletantismo* e o *profissionalismo*.

Pelo primeiro, somos levados a entender de tudo, a opinar sobre todas as coisas, a ficar apenas na superficie dos estudos, mas borboleteando por todos. Somos, por isso mesmo, o povo dos primeiros encontros, que desencanta tantas vezes os interlocutores sérios pelo contraste entre o brilho da fachada e a inexistencia de tenacidade e profundeza. Esse é o genero frequente nas classes cultas e nos meios das chamadas profissões liberais.

O mal do *profissionalismo* é o contrario. Deixamos de lado toda curiosidade intelectual: perdemos o contacto com a vida das idéas e dos livros e concentramos todo o nosso esforço na vida estritamente profissional.

Ou de mais ou de menos. Ou tudo queremos saber, tornando-nos enciclopedistas apressados e superficiais, ou fechamos os ouvidos e os olhos a tudo o que não seja o ganha-pão quotidiano.

Contra esse duplo mal, respondem em regra os entendidos que só ha um remedio: a *cultura geral*, inteligentemente comunicada e absorvida, em devido tempo, de modo a corrigir os dois males contrarios e remediar pouco a pouco a falsa compensação que todos somos forçados a oferecer á insuficiencia de nossa formação pedagogica: o *autodidatismo*.

Se é certo que o diletantismo cultural se tem estendido, ultimamente, e encontramos cada vez mais pessoas "informadas", em materia literaria sobretudo, não é menos certo que a verdadeira cultura geral se encontra, entre nós, nas condições mais precarias. E as deficiencias se observam, tanto entre alunos como entre professores.

Em notavel livro recente, por todos os titulos digno da mais atenta meditação e que é um verdadeiro grito de alarma, estuda o professor Arlindo Vieira, padre da Companhia de Jesus, a educadora do Brasil — queiram ou não os preconceitos do senhor Gilberto Freyre — "a decadencia do ensino no Brasil".

Mostra como a "frondosidade dos programas", excessivamente sobrecarregados, e o espirito de "enciclopedismo" que prepara apenas "diletantes" em todos os terrenos, está levando o Brasil a uma diminuição da verdadeira cultura, que começa no cáos do ensino secundario para terminar na precipitação de estudos superiores deficientes.

A volta aos solidos estudos classicos, como hoje em dia reconhecem tantas autoridades pedagogicas na propria patria de Dewey, (pags. 131 et passim) e o rigor no aproveitamento de programas exequiveis, poderão impedir o descalabro em que nos afundamos, apesar de todas as promessas e reformas. "Moralizando o ensino secundario, desafogando-o desse enciclopedismo asfixiante, a exemplo do que fez recentemente a Italia e com tão bons resultados; estabelecendo na medida do possivel as humanidades classicas como base da formação de nossa mocidade, — vedaremos, *ipso facto,* o acesso ás Escolas Superiores a esse grande numero de nulidades que óra aí entram de viseira erguida, á cata de um titulo. A Universidade seria então o apanagio dessa

juventude esperançosa, sedenta de instrução, alentada pelos mais nobres ideais" (p. 170).

Esse é o caminho para impedir o desvirtuamento dos nossos estudos superiores e dar ás novas gerações essa "cultura geral", que não é uma *coma* de conhecimentos, como geralmente se crê, mas uma impregnação do verdadeiro sentido do homem, e sem a qual, como lembra a proposito o padre Vieira, as nações desaparecem. E daí o belo termo de "humanismo", tão nobre no seu verdadeiro significado.

A essa concepção exáta do ensino secundario, tão clara e fortemente posta em fóco nesse livro impressionante, deve corresponder igualmente uma justa compreensão dos estudos superiores. E a deficiencia do nosso aparelhamento, nesse gráu de nossa cultura geral, é patente ao menor exame.

Basta dizer que não possuimos aqui um Instituto Superior de Letras e Filosofia, nem qualquer estabelecimento de pesquisa cultural pura. Reduzem-se os nossos estudos do gráu maximo, em regra, ás tres correntes profissionais do costume e aos demais cursos especializados. E' ainda o sentido supremo da vida humana que falta em nossa preparação pedagogica maior. E daí a necessidade de dar ás nossas Universidades uma coordenação organica e uma finalidade comum que lhes falta e que vem a ser essa mesma formação completa do homem.

O Estado liberal, porém, quando bem organizado, se tem o culto da cultura, não dá a essa cultura qualquer sentido uniforme. Seu "humanismo", portanto, se transforma numa deificação do proprio homem e numa aceitação indistinta de todas as suas tendencias e possibilidades. Daí o falso conceito de cultura, como um ornamento do espirito e daí tambem a orgulhosa aristocracia cultural que nasce das democracias politicas. Essas aristocracias culturais, que fazem da cultura um fim em si, despreocupado de

toda finalidade superior do homem, é que leva nos regimes socialistas (sequencias logicas e historicas do liberalismo-democratico) á negação violenta de toda cultura desinteressada e á volta a uma pragmatização integral do ensino á sua poli-tecnização.

Contra essa dupla deformação do sentido da nossa formação cultural superior é que devemos reagir.

Quando fundamos o nosso pequeno *Instituto de Estudos Superiores,* parte da C. C .B., e quando nos preparamos para organizar, assim que fôr possivel, a nossa Universidade Católica, não pretendemos de modo algum combater o ensino superior oficial, e, ao contrario, *cooperar* com elle. Apenas, perante o confusionismo das tendencias didaticas que o Estado não unifica nem fiscaliza, precisamos defender os nossos principios e manter as nossas finalidades, que não são *nossas,* no sentido particular do termo, mas no sentido mais amplamente humano e universal.

E essa nossa presença tanto mais se impõe quanto a ignorancia e o sectarismo de alguns professores da Universidade Oficial tornam dificil e perigosa a posição de grande parte dos alunos. Eis, por exemplo, como se exprimia, ha poucos dias, no jornal oficial do nosso anti-clericalismo militante, um professor catedratico da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro: "A reação clerical no Brasil é uma reação politica urbana, de industriais, proprietarios e grandes burgueses, de gente fina, bem nascida, de criaturas improdutivas que vivem gozando belas sinecuras burocraticas. Esta gente quer recristianizar o Brasil para gozar melhor os rendimentos". Anteriormente, começara por ofender a conciencia de todo o "povo brasileiro, sem duvida religioso, mas á sua maneira, acreditando em Deus e no Curupira". Ninguem duvidará que um catedratico da Universidade que não se peja de escre-

ver tais insultos á conciencia religiosa brasileira, tanto das classes populares como da "grande burguesia", não terá escrupulo algum em respeitar a conciencia dos seus alunos no recesso das aulas e lhes impingirá como *ciencia* esse mesmo sociologismo barato, bebido nos discipulos de Durkheim, degeneração dos erros ainda nobres do positivismo (pois este ainda admitia uma hierarquia religiosa, em que o catolicimo ocupava o apice, ao passo que aquele reduz todas as religiões ao nivel da mais baixa, mostrando como a logica do erro é inflexivel).

E, se é certo que um pobre homem desses, ignorante ou desvairado pela paixão anti-clerical, mais precisa das orações dos nossos pobres, que das lições dos nossos teólogos, tambem não é menos certo que precisamos velar nas escolas, onde tais aberrações são livremente consentidas, pelo Estado, que aprendeu ha muito a lavar as mãos, na bacia de Pilatos. E daí a exigencia de Institutos como o nosso, preparação para a futura Universidade Católica, onde se possa dar uma cultura superior tão solida (ao menos) como nas Universidades do Estado, mas iluminada por uma doutrina filosofica e religiosa, que a complete com a verdadeira formação espiritual do homem. E, para espalhar no Brasil esse "humanismo integral", como o chama Maritain, que venha corrigir os erros e completar as deficiencias do ensino superior oficial, é que fundamos o Instituto de Estudos Superiores, modesta preparação á futura Universidade Católica Brasileira.

1935.

XXV — Os novos tempos e a Ação Católica

No domingo do Espirito Santo de 1935 foi tornado publico, subscrito por toda a hierarquia eclesiastica do Brasil, o codigo fundamental da Ação Católica Brasileira.

E veiu marcar data consideravel para a historia da nacionalidade e para a atuação da Igreja Universal, no continente sul-americano.

A Igreja paira acima das patrias e dos continentes, como sobrevôa aos regimens politicos, aos sistemas economicos, ás raças e ás civilizações. Por mais que os seus adversarios queiram prende-la ás coisas do tempo, ela sempre se coloca no terreno da eternidade, que é o seu proprio e a partir do qual irradia, então, os seus principios, e os seus representantes, para as instituições humanas, ao longo da historia.

A Igreja participa de todas as lutas humanas, pois a sua maior missão é salvar as almas e, portanto, separar o bem do mal, — mas não se prende a nenhuma delas porque o seu reino não é deste mundo.

A Igreja tenta elevar todos os regimens politicos e economicos á ordem sobrenatural, infundindo em todos eles os seus principios imortais de justiça e de caridade, — mas não faz seu nenhum desses regimens, porque sua missão é toda de caráter espiritual.

A Igreja acompanha os homens em todos os atos de sua vida, quer particulares, quer publicos, quer de

caráter religioso, quer de aspecto civico, domestico, profissional ou cientifico, porque a tudo estão ligados os interesses supremos da verdade e do bem — mas nunca se deixa arrastar para o terreno das divisões partidarias ou dos interesses egoistas, porque o seu magisterio transcende á limitação da nossa natureza.

A Ação Católica, irradiação social continua da missão espiritual da Igreja, fóra e acima dos partidos, trazendo os fieis ao cumprimento mais afétivo de seus deveres de participação no apostolado sacerdotal — é no seculo em que vivemos a memoravel e visivel demonstração da irradiante e eterna juventude do Corpo Mistico do Cristo.

Suicidam-se as classes burguesas na bacanal de um impuritanismo esterilizante; dividem-se os messias e salvadores nas formulas contraditorias de reajustamento social; enche-se de empafia a Cultura, na triste ilusão da sua independencia; sorriem os cepticos, injuriam os fanaticos, locupletam-se os aproveitadores, dormem os cégos e os surdos — e a Igreja impavida caminha sobre rosas e sobre brazas, recebendo bençãos e blasfemias, como um murmurio longinquo que sóbe até ela do fundo dos charcos ou das planicies onde vivemos, e preparando junto ao Eterno a alegria perene dos justos.

Eis a sua inegualavel missão; eis a posição invulneravel em que se coloca, em todos os tempos e em todos os logares.

E a promulgação solene do decreto que faz da Ação Católica Brasileira um corpo só em todo o territorio nacional, cuja seiva espiritual circulará incessantemente nas celulas inumeraveis desse imenso e sagrado organismo — é por isso mesmo um dia que marca não apenas para a historia *religiosa* do Brasil, mas para toda a historia da nacionalidade.

"Não é a Igreja que precisa do Brasil e sim o Brasil da Igreja", escrevia Jackson de Figueiredo, cujo nome está no coração e nos labios de todos nós, nesta hora em que se dá mais um passo decisivo para a obra a que o grande soldado devotou a sua vida curta mas heroica.

O Brasil separado da Igreja, ou será uma colonia miseravel e esquecida do Imperio Sovietico Universal, se a figura do mal fôr uma só em toda a terra, como querem os seus utopistas, — ou será um bloco jacobino, fechado em suas fronteiras e em sua lingua, sobranceiro a outros blocos identicos, mais cioso dos seus direitos que dos seus deveres, cercado de barreiras de aço ou de tarifas, e pronto para entrar ingloriamente em lutas de reciproco exterminio.

O Brasil ligado á Igreja, porém, por toda a sua historia, por toda a sua alma, por todo o significado profundo de sua civilização, será uma grande patria, nacional e universal, fiel aos matizes mais tipicos dessa sua civilização ao mesmo tempo *domestica, juridica, cultural* e *religiosa. Domestica,* tendo por coluna o sentido fecundo e casto da Familia, que a sexuologia materialista quer destruir em nosso tempo; *juridica,* tendo por base o respeito e a confiança no Direito e na Justiça, que o ceticismo juridico ameaça aniquilar; *cultural,* tendo por alicerce o amor do verdadeiro humanismo intelectual, que a tirania da tecnica tambem pretende arrazar, e finalmente *religiosa,* tendo por substancia a Fé Cristã que os sectarios se esforçam por varrer do coração brasileiro, para nele implantar o odio e a violencia.

Eis o sentido da verdadeira civilização brasileira que a Ação Católica, agora organizada em moldes nacionais e uniformes, vai defender e promover na sociedade e nas conciencias.

Eis porque devemos todos considerar a data de 9 de junho de 1935 como dia de particular confiança em nossos destinos, e como a melhor, a mais serena, a mais cristã das respostas que a Igreja podia dar a todos aqueles que diariamente lançam contra ela os seus chefes e os seus soldados, o arsenal de suas injurias e difamações. Para esses infelizes que não sabem o que fazem e o que dizem, pede a Igreja tambem diariamente a misericordia do seu Chefe, como este pediu na Cruz, por aqueles que o supliciavam. A fundação da Ação Católica Brasileira é uma data memoravel para todos os brasileiros, não só para os que confessam o Cristo, mas ainda para os que o desconhecem. Pois a todos Ele abre, a cada momento, o seu Coração sem limites.

1935.

Indice de nomes citados

Obras do Autor

"AFFONSO ARINOS". 1923
"ESTUDOS". I serie. 1927.
"ESTUDOS". II serie. 1928.
"ESTUDOS". III serie. 2 vols. 1925.
"ESTUDOS". IV serie. 1931.
"ESTUDOS". V serie. Vol. III da "Biblioteca Brasileira de Cultura", dirigida pelo Autor. 1933.
"TENTATIVA DE ITINERARIO". Vol. XII da serie Jackson de Figueiredo". 1929.
"DE PIO VI a PIO XI". Vol. XIII da mesma serie. 1929.
"FREUD". Vol. XIV da mesma serie. 1929.
"INTRODUÇÃO A' ECONOMIA MODERNA". 1930. 2.ª ed. 1933.
"PREPARAÇÃO A' SOCIOLOGIA". 1931. 2.ª ed. revista e augmentada. 1931.
"DEBATES PEDAGOGICOS". 1931.
"PROBLEMAS DA BURGUESIA". 1931.
"ECONOMIA PRE-POLITICA". 1932.
"AS REPERCUSSÕES DO CATOLICISMO". 1932.
"POLITICA". 1.ª e 2.ª edição. 1932.
"PELA REFORMA SOCIAL". 1933.
"CONTRA-REVOLUÇÃO ESPIRITUAL". 1933.
"INTRODUÇÃO AO DIREITO MODERNO". 1933.
"PELA AÇÃO CATÓLICA". 1935.

——— TRADUÇÃO ———

"FRAGMENTS DE SOCIOLOGIE CHRÉTIENNE". Vol. da collecção "Questions disputées". Trad. por Jean Duriau. Ed. Desclée de Brouwer. —— Paris.